



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
POLÍTICA (PPGSP)**

ELZA CRISTINY CARNEIRO BATISTA

**TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE JOVENS ASSENTADOS:
ESTUDO EM ARINOS/MG.**

FLORIANÓPOLIS

2015

Elza Cristiny Carneiro Batista

**TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE JOVENS ASSENTADOS:
ESTUDO EM ARINOS/MG**

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Sociologia Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

Orientadora: Prof. Dr^a Marcia da Silva Mazon

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Batista, Elza Cristiny Carneiro

Trajetórias Escolares de Jovens Assentados: Estudo em Arinos/MG ; Elza Cristiny Carneiro Batista ; orientadora, Marcia da Silva Mazon – Florianópolis, SC, 2015.

157 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.

Inclui Referências

1. Sociologia Política. 2. Assentamentos rurais. 3. educação. 4. famílias. 5. Institutos Federais. I. Mazon, Marcia da Silva. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. III. Título.

Elza Cristiny Carneiro Batista

**TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE JOVENS ASSENTADOS:
ESTUDO EM ARINOS/MG**

Esta dissertação foi julgada aprovada em sua forma final pela Orientadora e pelos demais membros da Banca Examinadora, composta pelos seguintes professores

Prof. Dr^a. Marcia da Silva Mazon
Orientadora

Prof. Dr^a. Yan de Souza Carreirão
Coordenadora

Banca examinadora

Prof. Dr. Amurabi Pereira de Oliveira
Membro

Prof^a. Dr^a. Valéria de Bettio Mattos
Membro

Prof^a. Dr^a. Laura Senna Ferreira
Membro

FLORIANÓPOLIS, (SC) ABRIL DE 2015

DEDICATÓRIA

À memória do senhor João Farias, um sábio amigo que me ofereceu apoio e incentivo durante este curso, mas partiu antes que eu o concluísse. Das muitas vezes que o senhor João me recebeu no portão com um largo sorriso, recordo-me de uma noite ter me desculpado por "dar trabalho" a ele e sua família. Com muito carinho e serenidade, ele respondeu: "Não é trabalho, minha filha, é oportunidade de servir!" Eu levarei no meu coração este ensinamento e sinto profundamente não ter tido tempo para ouvir novamente aquele bom senhor chamar-me de "minha filha". Que felicidade eu teria em lhe dizer hoje que tudo deu certo...

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos assentados e assentadas que compuseram esta pesquisa, pela aprendizagem ímpar que me proporcionaram.

À minha mãe, dona Vilma Carneiro de Almeida, por ter me proporcionado a vivência de uma parte importante da infância e adolescência junto às pessoas do campo, no Noroeste de Minas, brincando de molhar os pés e a alma nas veredas do "grande sertão". Hoje eu acredito que aquelas vivências imprimiram em mim uma forma diferente de enxergar a vida e as pessoas do campo. Minha mãe, em sua sabedoria e sensibilidade, decidiu que eu cresceria entre pessoas parecidas com a minha avó, dona Elza Carneiro, de quem herdei o nome, e que talvez tenha sido a mulher mais forte que ela conheceu. Hoje, adulta e de volta ao Noroeste, ao conviver com as muitas pessoas que compuseram esta pesquisa, (re)conheci homens, mulheres e jovens que, como minha mãe ou minha avó, tiveram que enfrentar a realidade de viver e estudar "na roça", quando nesta região muitos recursos faltam até mesmo aos moradores das cidades. Pela capacidade de reconhecer essa realidade, eu agradeço à minha mãe.

Ao meu marido, Francisco Bezerra, meu maior incentivador desde que ensaiei as primeiras (e confusas) linhas sobre o projeto que se tornaria esta dissertação. Francisco esteve literalmente ao meu lado e me ensinou o sentido de companheirismo, enfrentando toda a angústia do processo seletivo, as leituras infundáveis (inclusive durante as férias), as minhas constantes viagens e ausências para Montes Claros, a distância de casa (durante o período em Florianópolis), as visitas aos assentamentos e as noites insones tentando escrever. Com amor, dedicação e uma paciência fora do comum, ele nunca limitou os meus sonhos, ao contrário: mostrou-me que eu tinha asas. Eu sou infinitamente grata por tudo isso!

Ao meus irmãos Júnior e Adélia, que mesmo a uma distância geográfica dolorosa, nunca estiveram tão presentes em mim.

Aos meus sobrinhos Saulo e Ana Sophia, pela leveza e alegria que trazem para a minha vida.

À minha orientadora, professora Marcia da Silva Mazon, por acolher a mim e ao meu trabalho com respeito e compromisso, e por todos os seus ensinamentos me conduziram durante essa jornada.

À minha querida amiga Claudilene e à sua família: Sr. João Farias (*in memorian*), Dona Diva, Mariléia e Brenda. Essas pessoas, mais do que um abrigo, ofereceram-me afeto, atenção e respeito durante todo o ano de 2013, enquanto eu cursava algumas disciplinas em Montes Claros. Qualquer tentativa de mensurar tudo o que essa família fez por mim, seria falha. Além da gratidão, em especial à Claudilene, carrego o carinho e um imenso respeito por tudo o que me ensinaram e por tudo o que dividiram comigo.

Aos meus colegas de trabalho (e amigos) Silas, Graça e Claudilene, por terem me ensinado o sentido do trabalho em equipe. Agradeço ainda por terem assumido o meu trabalho e as minhas atribuições em todas as vezes que precisei me ausentar para as aulas em Montes Claros em 2013, e durante o afastamento integral em 2014.

Ao meu amigo Gustavo Morgado, por sua solidariedade sem fim, e por seu singular senso de humor que sempre me faz tão bem.

À minha amiga Rosa Amélia porque se fez minha professora, incentivadora e pela estima que tem me devotado durante esses (mais de) cinco anos de convivência.

À minha querida amiga Maria Aparecida Araújo (Cida) que, com muita boa vontade me acompanhou à cidade de Uruana de Minas e me apresentou a algumas famílias no assentamento Oziel.

Aos meus colegas de curso, em especial a Marcos Miguel e Ivy Daniela pela solidariedade e companheirismo no decorrer do curso, principalmente, durante a difícil temporada em Florianópolis.

Ao meu querido professor Alex Fabiano Correia Jardim por ter me inspirado com vontade de saber.

À minha querida professora Suzana Alves Escobar pelo incentivo e por me inspirar de forma grandiosa como professora e pesquisadora.

Aos meus caríssimos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina: Alexandre Bérghamo Idargo, Carlos Eduardo Sell, Elizabeth Farias da Silva, Fábio Luiz Búrigo, Jacques Mick, Jean Gabriel Castro da Costa, Ligia Helena Hahn Lüchmann, Maria Soledad Etcheverry Orchard e Sandra Noemi Cucurullo de Caponi.

Aos membros da banca de qualificação, as professoras Laura Senna Ferreira e Maria Soledad Etcheverry Orchard pelas muitas colaborações ao meu projeto de pesquisa.

Aos membros da banca examinadora desta dissertação, os professores Amurabi Pereira de Oliveira, Laura Senna Ferreira e Valéria de Bettio Mattos pelas valiosas sugestões na melhoria deste trabalho.

À professora Narah Vívian, tão querida e especial, pela contribuição a esta dissertação.

Ao professor Reginaldo Proque pela prontidão e boa vontade em contribuir com esta pesquisa.

À servidora Cláudia Mara por ter me recebido de forma paciente e atenciosa em todas as vezes que procurei a secretaria de registros escolares do IFNMG.

À servidora Albertina, da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, por ter sempre me socorrido com muito boa vontade e eficiência.

Ao vereador Alberto Muniz pela disponibilidade em oferecer e buscar todos os dados e informações que a ele solicitei.

Aos servidores da Escola Estadual Chico Mendes por terem acolhido e contribuído com o meu trabalho.

Aos amigos que estiveram ao meu lado nesses dois últimos anos, tornando-os mais leves: Fernanda Holanda, (minha companheira e irmã), Aline Costa, Simone Gomes, Laura Madureira e Diogo Moraes.

RESUMO

Este trabalho trata das trajetórias escolares dos jovens de doze famílias de assentamentos da reforma agrária no município de Arinos, Noroeste de Minas Gerais. Situado na Mancha de Assentamentos do Entorno do Distrito Federal, este município foi o cenário de manifestações de luta pela terra e também pela educação dos acampados e assentados. É nesse contexto que a pesquisa perseguiu os objetivos de investigar a relação entre a dinâmica familiar e a trajetória escolar de alunos provenientes de famílias de assentados da Reforma Agrária e que são atendidos pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais e Escola Estadual Chico Mendes. Nossa perspectiva teórica considerou a influência do lugar de origem, bem como das relações familiares nas trajetórias escolares de alunos assentados que estão cursando o Ensino Médio ou já o concluíram na escola do próprio assentamento, em escolas estaduais do município ou no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. Durante a pesquisa, analisamos o modo como as famílias envolvidas no processo de reforma agrária, sobretudo os jovens em idade escolar, vivenciaram a experiência de assentados e construíram sua relação com a educação formal. Interessou-nos igualmente o modo como a condição de assentado marca as escolhas e trajetórias dos jovens em relação à escolaridade e, por fim, a maneira que o MST e a ideia de luta pela terra atuaram nesta construção. Concluiu-se que a defesa de um modelo pedagógico alternativo por parte do MST (com forte conotação ideológica) parece estar distante das aspirações de pais e estudantes assentados que voltam-se atualmente na direção dos desafios do mercado de trabalho. Entendemos também que as instituições de educação acessadas pelos assentados não contemplam as especificidades da sua condição: o cotidiano escolar é marcado pelo constrangimento e pela violência simbólica que evidenciam-se sobretudo através de imagens pejorativas e pela desvalorização do mundo rural no espaço urbano. Estes elementos são significativos quando observamos o alto índice de reprovação e abandono por parte desse público. Políticas Públicas para acolhimento e adaptação destes estudantes assentados à realidade escolar tanto no IFNMG como nas demais escolas seriam bem vindas.

Palavras - chave: Assentamentos rurais, educação, famílias, Institutos Federais.

ABSTRACT

This work deals with the school trajectories of young people in twelve families of agrarian reform settlements in the municipality of Arinos, Northwest of Minas Gerais. Situated on the Spot Settlements surrounding the Federal District, the town was the scene of demonstrations of struggle for the land and also the education of campers and settlers. In this context, the research aimed to investigate the relation between family dynamics and the school life of students from families of settlers of agrarian reform and who are served by Northern Federal Institute of Minas Gerais and Chico Mendes State School. Our theoretical perspective has considered the influence of the place of origin as well as family relationships in school trajectories of settled students who are in high school or have already finished school in the settlement itself, in state schools in the city or in Northern Federal Institute Minas Gerais. During the research, we have analyzed how the families involved in the land reform process, especially how young people of school age have experienced settlement and built their relationship with formal education. We were also concerned about how the condition of being a settler influences choices and trajectories of young people in terms of education and, finally, the way the MST and the idea of struggle for the land contributed to this process. It was concluded that the defense of an alternative pedagogical model by the MST (with strong ideological connotations) appears to be far from the aspirations of parents and students (settlers) who are now turning themselves towards the challenges of the labor market. We also understand that educational institutions accessed by the settlers do not address the specificities of their condition: the school routine is marked by embarrassment and symbolic violence that stands out mainly through pejorative images and the depreciation of the countryside when compared to the city. These elements are significant when we look at the high failure and dropout rates of this group. Public Policies for the reception and adaptation of these students in school reality both at IFNMG and other schools would be welcome.

Key - words: Rural settlements, education, families, Federal Institutes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01:	Mancha do entorno do Distrito Federal (Fonte: Leite et al., 2004: 362).....	43
Figura 02:	Mapa das Mesorregiões de Minas Gerais (Fonte: Minas Gerais. net, acesso em 25/08/2014).....	45
Figura 03:	Mapa das cidades do Noroeste de Minas Gerais (Fonte: MDA, 2014).....	46
Figura 04:	Vista do Cerrado em tempos de seca - Assentamento Carlos Lamarca (Foto da autora).....	48
Figura 05:	Ponte no PA Chico Mendes (Foto da autora).....	55
Figura 06:	Ponte no PA Carro Quebrado (Foto da autora).....	56
Figura 07:	Tanque de resfriamento no PA Chico Mendes (Foto da autora).....	56
Figura 08:	Barragem seca no Assentamento Chico Mendes (Foto da autora).....	57
Figura 09:	A mesma barragem depois das primeiras chuvas em dezembro de 2014 (Foto da autora).....	57
Figura 10:	XIII Tradicional Festa do PA Chico Mendes (Foto da autora).....	58
Figura 11:	XIII Tradicional Festa do PA Chico Mendes (Foto da autora).....	58
Figura 12:	Frente da instalação da antiga sede que foi utilizada para salas de aula (Foto da autora).....	81
Figura 13:	Fundos da instalação da antiga sede que foi utilizada para salas de aula (Foto da autora).....	81
Figura 14:	Garagem onde funcionavam as aulas dos anos iniciais do Ensino Fundamental (Foto da autora)....	82
Figura 15:	Sala de aula dentro do curral (Acervo da professora Vilma).....	82
Figura 16:	Sala de aula dentro do curral, divisórias feitas com placas de madeirite (Acervo da professora Vilma)..	83
Figura 17:	Vista externa do curral - espaço utilizado como pátio (Acervo da professora Vilma).....	83
Figura 18:	Sala de aula dentro do curral (Acervo da professora Vilma).....	84
Figura 19:	Vista da frente do curral já com paredes de tijolos (Foto da autora).....	84
Figura 20:	Sala de aula do curral já com paredes de tijolos (Foto da autora).....	85

Figura 21:	Vista lateral do curral já reformado (Foto da autora).....	85
Figura 22:	Banheiros dos alunos no curral (Foto da autora).....	86
Figura 23:	Vista Lateral da Escola Estadual Chico Mendes (Foto da autora).....	86
Figura 24:	Sala de aula (Foto da autora).....	87
Figura 25:	Laboratório de Informática (Foto da autora).....	87
Figura 26:	Biblioteca (Foto da autora).....	88
Figura 27:	Instalações com acessibilidade (Foto da autora).....	88
Figura 28:	Espaço que deveria ser destinado à horta da escola. (Foto da autora).....	89
Figura 29:	Sede do PA Chico Mendes (Foto da autora).....	93
Figura 30:	Sede do PA Carlos Lamarca (Foto da autora).....	104
Figura 31:	Sede do PA Carlos Lamarca (Foto da autora).....	105
Figura 32:	Sede do PA Carro Quebrado (Foto da autora).....	120
Figura 33:	Sede do PA Carro Quebrado (Foto da autora).....	121
Figura 34:	Sede do PA Roça (Foto da autora).....	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 01:	Perfil dos alunos e ex-alunos entrevistados.....	35
------------	--	----

LISTA DE SIGLAS

CAPUL - Cooperativa Agropecuária Unaí Ltda.
CEB - Câmara de Educação Básica
CNE - Conselho Nacional de Educação
CUT- Central Única dos Trabalhadores
DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
EJA - Educação de Jovens e Adultos
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
E - Tec Brasil - Escola Técnica Aberta do Brasil
FETAEG- Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás
FETAEMG- Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais
FETRAF - Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar
IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IFNMG - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMA - Ministério do Meio Ambiente
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NEAD - Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural
PA - Projeto de Assentamento
PNRA - Programa Nacional de Reforma Agrária
PNERA - Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PROCEDER - Programa de Desenvolvimento dos Cerrados
PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	33
CAPÍTULO 1.....	39
A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL E O NOROESTE DE MINAS GERAIS.....	39
1.1 - BREVE HISTÓRICO.....	39
1.2 - CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO E DO MUNICÍPIO PESQUISADOS..	41
1.3 - ASSENTAMENTOS, ECONOMIA E COTIDIANO.....	50
CAPÍTULO 2.....	59
ASSENTAMENTO CHICO MENDES: A LUTA PELA TERRA E A LUTA PELA EDUCAÇÃO	59
2.1 - DO ACAMPAMENTO À MANIFESTAÇÃO PELA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA NO ASSENTAMENTO.....	59
2.2 - QUANDO OS ACAMPADOS SE MOBILIZAM... ..	64
2.3 - O CURRAL QUE VIROU ESCOLA: "(...) E O PESSOAL EM VOLTA FOI SE MATRICULANDO."	68
2.4 - A NOVA ESCOLA CHICO MENDES E O LUGAR DO ANTIGO PROJETO DE EDUCAÇÃO PARA OS ASSENTADOS	72
2.5 - JOVENS ASSENTADOS: DO BARRACÃO AO CAMPUS DO IFNMG	77
CAPÍTULO 3.....	91
AS TRAJETÓRIAS DOS JOVENS ASSENTADOS.....	91
3.1 - JOVENS DO PA CHICO MENDES.....	93
3.1.1 - FAMÍLIA DA ALUNA REGINA	95
3.1.2 - FAMÍLIA DA ALUNA JOANA.....	99
3.1.3 - FAMÍLIA DA ALUNA MARIANA	102
3.2 - JOVENS DO PA CARLOS LAMARCA.....	104
3.2.1 - FAMÍLIA DO ALUNO PAULO	105

3.2.2 - FAMÍLIA DO ALUNO JOÃO	107
3.2.3 - FAMÍLIA DOS IRMÃOS ROBERTO E GABRIELA	111
3.2.4 - FAMÍLIA DO ALUNO JÚLIO	114
3.2.5 - FAMÍLIA DO ALUNO JOSÉ	118
3.3 - JOVENS DO PA CARRO QUEBRADO.....	120
3.3.1 - FAMÍLIA DA ALUNA ALICE	121
3.3.2 - FAMÍLIA DO ALUNO FELIPE	125
3.3.3 - FAMÍLIA DA ALUNA CLÁUDIA	127
3.4 - JOVEM DO PA ROÇA.....	130
3.4.1 - FAMÍLIA DO ALUNO FRANCISCO.....	130
3.5 - A EDUCAÇÃO, AS DESIGUALDADES E OS ASSENTADOS	135
3.6 - ESCOLA, HABILIDADES E PROCESSO EDUCACIONAL.....	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS	145
ANEXOS	151

INTRODUÇÃO

O assentamento Chico Mendes é o foco de análise desta pesquisa. Ele abriga hoje aproximadamente 135 famílias e está localizado a 30 km da cidade de Arinos. Este assentamento tornou-se referência na educação para assentamentos vizinhos, já que é o maior do município, em termos de números de famílias, e funciona como sede de uma escola estadual de ensino fundamental e médio.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar a relação entre a dinâmica familiar e a trajetória escolar de alunos provenientes de famílias de assentados da Reforma Agrária. Nossa perspectiva teórica considerou a influência do lugar de origem, bem como das relações familiares nas trajetórias escolares de alunos assentados que estão em curso do Ensino Médio ou já o concluíram na escola do próprio assentamento, em escolas estaduais do município ou no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), em Arinos.

Segundo pesquisa de Leite et al. (2004), na região desta pesquisa encontravam-se os piores índices de atendimento escolar, com apenas 78% das escolas de assentamentos oferecendo o ensino fundamental completo. Ainda de acordo com esta pesquisa, era comum encontrar escolas de sede de assentamentos que atendiam a vários projetos (o que dificulta o acesso para os estudantes de áreas mais afastadas). Além disso, numa quantidade considerável dessas escolas existiam salas multisseriadas.

Dados da PNERA (2005) indicavam que para 15,46% dos jovens rurais o acesso à unidade escolar estava entre os maiores problemas enfrentados (longa distância, estradas de chão, falta de transporte). Ainda segundo esta pesquisa, a distância da escola é motivo para que 31% das crianças e jovens abandonem a escola.

De acordo com as estatísticas do meio rural realizadas pelo NEAD/MDA e DIEESE em 2008, apenas 26,9% das escolas em áreas de reforma agrária oferecem os anos finais do ensino fundamental, 4,3% oferecem ensino médio e 5,8% os anos finais do ensino fundamental na modalidade EJA. O assentamento Chico Mendes possui uma escola que oferece todos os referidos níveis e modalidades de ensino.

Esta escola foi construída depois de mais de dez anos que o assentamento foi constituído e representa, para a comunidade, o resultado da luta e das reivindicações dos assentados que sob a orientação do MST, questionaram a precariedade das condições de escolaridade de suas crianças e jovens.

A busca por uma escola na própria comunidade aconteceu logo nos primeiros anos da história do assentamento. O processo de luta pela criação da Escola Estadual Chico Mendes é cercado por um episódio bastante significativo para os assentados e que é fundamental para entendermos o contexto social no qual estes assentamentos estão inseridos, bem como a influência do MST sobre eles. No ano de 2000, os assentados ocuparam a Escola Estadual Major Saint' Clair, no centro da cidade de Arinos por, aproximadamente, uma semana. Nesse ínterim, várias negociações envolvendo lideranças e políticos locais aconteceram até que o governador Itamar Franco autorizasse o funcionamento da escola no assentamento.

A partir daí, a comunidade de assentados, com o apoio do MST, segundo dados de entrevistas, arrecadou doações de colaboradores e da prefeitura. Com este recurso adaptaram parte da antiga sede da fazenda desapropriada para que a escola começasse a funcionar. Dentre as instalações reaproveitadas para a escola, estava um curral de bezerros, também chamado pelos alunos de "o barracão". Foi nesse espaço que aconteceram boa parte das histórias que pais, alunos, professores e lideranças do MST nos contaram. Alguns com indignação, diante da precariedade das condições; outros, com um sentimento de conquista, por ter sido a adaptação do curral uma marca da resistência dos assentados em deixar os filhos estudarem na cidade. Somente em 2010, um prédio próprio para o funcionamento da escola foi entregue à comunidade.

Embora autores como Dalmagro (2011), Menezes Neto (2003) e Turatti (2005) enfatizem a preocupação do MST com a escola desde o início do movimento, é possível observar, nesse sentido, uma relação de dominação entre as lideranças do Movimento e os assentados, já que as propostas de educação partiam de cima, da coordenação do MST. Segundo Dalmagro (idem), o projeto de educação do MST se faz no sentido de um modelo de escola alternativo ao hegemônico fundamentado em teorias pedagógicas inspiradas por Paulo Freire quais

sejam: a Educação popular, a Pedagogia Socialista, a Pedagogia do MST e a Educação do Campo.

D'Agostini (2011) aponta, no sentido do viés ideológico na educação, que a luta pela terra está articulada a uma proposta de educação de classe. Ela entende que projetos e programas governamentais como o Pronera e o reconhecimento do Movimento da Educação do Campo por meio da Resolução CNE/CEB 01/2002 e do Decreto 7.352/2010 são conquistas trazidas através da luta política do MST por educação.

Atualmente, nos assentamentos pesquisados, algumas famílias optam pelas escolas de ensino médio na cidade, sobretudo o IFNMG. Segundo dados das entrevistas, esses assentados acreditam que há um diferencial na qualidade de ensino, já que as instituições de educação básica mantidas pelo governo federal são reconhecidas pela excelência do seu ensino.

A vivência como pedagoga do IFNMG - Campus Arinos confrontou-me com várias situações de dificuldades de adaptação materializadas no alto índice de reprovações e trancamentos de matrícula dos alunos provenientes de assentamentos. Além disso, o problema da evasão já era realidade no IFNMG, motivo pelo qual o Tribunal de Contas da União publicou o acórdão nº 506/2013 recomendando à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC/MEC), em conjunto com os Institutos Federais, a realização de planos para aprimorar a atuação relacionada aos problemas da evasão e retenção, partindo da elaboração de um relatório dos índices de evasão, retenção e conclusão e de um manual de orientação para o combate à evasão.

O IFNMG foi notificado para realizar o relatório e plano de ação, considerando as várias realidades de seu corpo discente, a partir de uma metodologia que recomendava ouvir alunos, professores e gestores.

No diagnóstico publicado pelo IFNMG - Campus Arinos, os professores explicaram a evasão dos cursos técnicos integrados ao ensino médio de uma forma generalizada, atribuindo como causa principal o pouco interesse dos alunos em dedicar-se aos estudos. Em seguida, ainda sob a ótica dos professores, foram enumeradas as outras causas da evasão (em ordem decrescente de importância), quais sejam: a dificuldade em adaptar-se ao modelo de ensino integrado ao Ensino

Médio, o conhecimento limitado dos componentes curriculares do ensino básico, a dificuldade de acesso e permanência na instituição e na cidade e, em último lugar, a estrutura física deficitária (refeitório, salas de aula, laboratórios, áreas para aulas práticas).

A respeito da evasão escolar, Zago (2001) questiona e relativiza essa expressão que considera demasiadamente genérica. A autora entende que, ao estudar a realidade escolar em meios populares, não se pode perder de vista outras dimensões da vida do aluno, sobretudo sua participação no trabalho e sua rede de relações sociais. Apesar de considerar a relação entre condições socioeconômicas e resultados escolares de uma forma não determinista, a autora reconhece que o quadro social, nesses grupos é bastante complexo, já que as reais condições de estudo são precárias: cansaço, estresse, falta de condições psicológicas para estudar, ausências constantes nas aulas. Estas condições apareceram no cotidiano dos alunos assentados do IFNMG, pois a maioria deles enfrenta uma jornada de mais de doze horas seguidas fora de casa.

Ainda segundo Zago (idem), dentre os fatores que mantém esses alunos em condições desfavoráveis em relação à escola, estão: a dificuldade de frequência regular às aulas, necessidade de reforço nas tarefas de casa, o material que nem sempre é possível comprar, o estudo associado ao trabalho como necessidade. Esta é também a realidade dos alunos vindos dos assentamentos para as escolas em Arinos. Em alguns casos, verificou-se uma insegurança que impossibilita os pais de oferecer condições de continuidade para que os filhos mantenham-se na escola sem interrupções.

Ao analisarmos essas trajetórias, buscamos principalmente as contribuições teóricas dos autores Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. Estes autores oferecem fundamentação teórica para compreendermos o modo como a atuação dos pais, através do capital cultural doméstico, contribui para configurar diferentes destinos escolares.

A respeito da relação entre as condições socioeconômicas e os resultados escolares, Bourdieu e Passeron (2014) entendem que a cultura validada e examinada pela escola pressupõe a cultura de elite. Dessa forma, a escola limita sua explicação sobre as desigualdades do sucesso escolar como naturais, traduzindo-se apenas como desigualdade de dons. Estes autores apontam ainda que uma manifestação explícita da

desigualdade diante da escola é o fato que o atraso, a repetência e a distorção idade/série crescem em direção às classes menos favorecidas.

É importante mencionar que o pensamento de Bourdieu representou uma significativa ruptura no campo educacional ao afirmar que a escola opera uma falsa democratização, sobretudo amparada no discurso da meritocracia, aquilo que o autor nomeia como sociodicéia (referindo-se a teodiceia em Weber): a necessidade das elites de não apenas conquistar, porém, justificar sua posição como elite e fazê-lo através do mérito de competências, como se elas fossem conquistas árduas e merecidas.

Amparados em Bourdieu e Lahire, Alves et al. (2013) também analisaram a rentabilidade que as famílias portadoras de bens culturais objetivados possibilitam a seus filhos ao converterem esse capital em investimentos escolares, seja na escolha dos estabelecimentos de ensino, através de práticas cotidianas (como leitura e escrita) ou níveis de aspiração escolares por parte dos pais. Em nosso trabalho, a presença desses fatores no cotidiano das famílias acompanhadas também foi analisado, e procuramos compreender que influência eles produzem nas trajetórias escolares dos jovens assentados.

Diante desta realidade, foi nosso intuito, por meio do projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação, conhecer o cotidiano dos alunos assentados para entender como se configuraram suas vivências com a educação formal.

Ser assentado: uma identidade negada ?

A primeira dificuldade encontrada para procurar esses alunos consistiu no fato de que os endereços reais de muitos deles não estavam no sistema de registros do IFNMG, primeira instituição que pesquisamos. Muitos alunos utilizam endereços de conhecidos¹ da

¹ Alguns desses conhecidos não são pessoas realmente próximas e não sabem dizer o endereço real dos assentados, uma vez que em Arinos a quantidade de assentamentos é muito grande. Em outros casos, os endereços são de antigas repúblicas formadas por estudantes que já se formaram ou mudaram-se da casa.

cidade no lugar do endereço do assentamento. Este dado por si traz elementos do constrangimento de ser um assentado e conviver no espaço urbano com não assentados. Encontrar os alunos assentados egressos e evadidos sem possuir seus registros formais, foi um dos impasses encontrados nesta pesquisa.

Este trabalho pretende contribuir para as reflexões sobre a educação no seu cruzamento com a luta pela terra e a atuação dos movimentos sociais. A pesquisa foi empreendida através da análise das vivências das famílias dos assentamentos Roça, Carro Quebrado, Chico Mendes e Carlos Lamarca (no município de Arinos/MG)² e da forma como a militância³ do MST participou da construção dos seus projetos

² Não foi possível restringir a pesquisa apenas aos moradores do Chico Mendes porque esses quatro assentamentos são muito próximos um do outro, e ainda porque, com exceção do P. A. Carlos Lamarca, os demais foram originados da desapropriação de três glebas de uma mesma fazenda, a Fazenda Roça. Considerando ainda que as quatro comunidades frequentam a escola Chico Mendes, não se percebeu a necessidade de separá-las durante a pesquisa de campo. Nesta lógica, as famílias do assentamento Colônia dos Ciganos também deveriam fazer parte da pesquisa, já que tal assentamento foi originado também da fazenda Roça. Entretanto, durante a pesquisa tomamos conhecimento de que a formação do assentamento Colônia dos Ciganos foi fruto de uma concessão do INCRA mediada por um acordo político, e não da militância junto ao MST ou ao sindicato. Tratavam-se de onze famílias ciganas que por estarem acampadas à época da formação dos assentamentos, acabou por receber parte da terra desapropriada pelo INCRA. Ao que parece, todas essas famílias ciganas permaneceram no assentamento por pouco tempo. Visitamos este assentamento e constatamos que, com exceção de uma família de posseiros (que já viviam no local mesmo antes do acampamento), todas as demais famílias mudaram-se e foram substituídas por outras em datas mais recentes. Além disso, no decorrer da pesquisa de campo, não conseguimos identificar alunos provenientes deste assentamento na Escola Estadual Chico Mendes, nem no IFNMG.

³ No decorrer do texto, mostraremos que o MST exerceu influência mesmo naqueles assentamentos que não estiveram ligados ao Movimento na época de formação dos acampamentos. Duas evidências dessa influência são: a participação dos assentados do PA Roça e do PA Carro Quebrado em marchas e ações do MST (como a ação na ponte do Rio São Miguel) e a participação destes mesmos assentados na ocupação da Escola Estadual Major Saint Clair sob a orientação do Movimento.

educacionais, bem como seus contextos no que se refere à educação dos jovens matriculados no ensino médio.

Durante a pesquisa, analisamos o modo como as famílias envolvidas no processo de reforma agrária, sobretudo os jovens em idade escolar, vivenciam a experiência de assentados e constroem sua relação com a educação formal. Nesse sentido, a pesquisa objetiva responder :

- Quais elementos intervêm nas condições de aprendizagem dos jovens assentados?
- Como a condição de assentado marca as escolhas e trajetórias dos jovens em relação à escolaridade?
- De que maneira o MST e a ideia de luta pela terra atuam nesta construção?

Inicialmente buscamos o histórico da ocupação, considerando as vivências anteriores ao assentamento, através do registro de algumas histórias de vida e das experiências construídas em torno da apropriação da terra. Em seguida, foram analisados os elementos e as condições sociais, políticas e materiais de implantação do assentamento, bem como a atuação do MST, do INCRA e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Arinos não só nesta organização, mas, na construção de visão de mundo de um assentamento. Analisamos ainda, a forma como os assentados constroem sua trajetória no assentamento e argumentamos que a experiência de reivindicação de escolas e educação para os filhos reposiciona sua trajetória e a perspectiva destes assentados para a educação dos filhos.

Por fim, foi analisado o significado do projeto de assentamento para os moradores do Chico Mendes e dos demais assentamentos que utilizam a Escola Estadual Chico Mendes, (e que, portanto, também constituem aquela comunidade) buscando tecer relações entre o modo como eles articulam significados à ideia de luta e de conquista da terra a partir de suas trajetórias, da interação com membros do MST e a perspectiva de educação para os filhos.

Recentemente os sociólogos passaram a observar como na vida doméstica os genitores, especialmente as mães, valem-se de seu patrimônio de conhecimentos na organização de um apoio pedagógico permanente que dá suporte, complementa e amplia a ação cognitiva da escola (Alves et al., 2013). Os relatos das famílias associados aos dados

posicionais de renda e escolaridade, à existência/inexistência de práticas (ou incentivo) de leitura e acompanhamento dos estudos dos filhos em casa nos deram ideia da forma como acontece a conciliação entre a condição de assentado e a condição de estudante.

Esta dissertação foi desenvolvida em três capítulos. O primeiro capítulo trata do tema da reforma agrária no Brasil e da caracterização da região Noroeste de Minas e do município de Arinos nos aspectos históricos, geográficos, sociais e econômicos. O segundo capítulo aborda as ações de luta pela terra e pela educação por parte dos acampados, bem como das condições de escolaridade das crianças e jovens desde o acampamento, passando pela reivindicação por uma escola para os assentados, a constituição das salas de aula num curral, a construção da Escola Estadual Chico Mendes, e a transição dos alunos desta realidade para os estudos no IFNMG/Campus Arinos. O terceiro capítulo caracteriza brevemente cada um dos quatro assentamentos e narra as trajetórias de doze famílias no processo de escolarização dos filhos. Ao final do terceiro capítulo articulamos os temas da educação, desigualdades e as trajetórias dos jovens assentados amparando-nos nos principais estudos de teóricos que fundamentaram a pesquisa.

Justificativa

Considerando que o tema da influência da família no desempenho escolar dos filhos é objeto de estudo da Sociologia da Educação há décadas e continua sendo imprescindível para a análise das desigualdades escolares, esta pesquisa pretende contribuir no entendimento da relação das famílias dos assentados com o destino escolar dos filhos.

Carneiro (2011) afirma que existe um estereótipo dos jovens rurais, já que eles são apontados nas pesquisas sempre sob a ótica do trabalho, como um aprendiz de agricultor ou como um trabalhador que complementa a renda da família com atividades fora do estabelecimento familiar. Esta pesquisa pretende contribuir para o debate da sociologia da educação bem como da sociologia rural, oferecendo reflexões acerca da juventude rural no intuito de retirá-la da invisibilidade no que diz respeito às outras esferas da vida social, sobretudo a educacional.

Caminhos metodológicos da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida em três etapas. Na primeira etapa, realizamos uma revisão bibliográfica dos temas a serem tratados. Na segunda etapa, foi feita uma pesquisa de campo exploratória no assentamento Chico Mendes e na Escola Estadual Chico Mendes, com o objetivo de conhecer a área estudada e estabelecer os primeiros contatos com pessoas da comunidade para explicar o objetivo da pesquisa e solicitar a indicação/apresentação de outras pessoas que pudessem contribuir com ela, seguindo o método da bola de neve. Na terceira etapa, realizamos entrevistas semiestruturadas com os assentados (alunos do ensino médio e seus pais, professores, pessoas que estiveram envolvidas com o processo de luta e ocupação da terra e lideranças ligadas ao MST) e com outras pessoas do município de Arinos e de municípios vizinhos (como Uruana de Minas e Buritis) que conviveram direta ou indiretamente com os assentados na época do acampamento e nas ações coletivas de luta pela construção da escola.

Os alunos entrevistados, em sua maioria são do IFNMG - Campus Arinos (matriculados, evadidos ou egressos). Fizemos um levantamento no sistema de registros escolares desta Instituição, pesquisando a origem de todos os alunos que ingressaram em cursos técnicos integrados ao ensino médio entre os anos de 2010 e 2012. O levantamento apontou que nesse período foram formadas dez turmas com o total de 267 alunos matriculados. Deste total, apenas dezessete alunos informaram o endereço em assentamentos no município de Arinos. Utilizando o conhecimento de professores e alunos da Instituição, descobrimos que alguns endereços não eram fidedignos e o número de assentados foi elevado para 23 alunos⁴, dos quais, treze são oriundos dos assentamentos que fazem parte desta pesquisa.

Conseguimos conhecer as famílias desses treze alunos, mas apenas dez foram entrevistados. Dos não entrevistados, um foi para o exército, o outro mudou-se para Goiás (onde conseguiu emprego em sua área de formação - técnico em agropecuária) e a terceira aluna também

⁴ Os outros dez alunos são de outros assentamentos do município de Arinos. Os alunos que informaram ser de assentamentos de municípios vizinhos (Uruana de Minas, Unaí, Buritis, Urucuia) não foram considerados neste número.

mudou-se para Goiás depois de ter se casado. Três destes dez alunos desistiram de estudar no IFNMG (evadidos) - dois estão na Escola Estadual Chico Mendes e um na Escola Estadual Major Saint Clair, já que passou a morar e trabalhar na cidade de Arinos. Uma aluna concluiu o curso técnico em Informática e hoje é acadêmica de um curso superior de tecnologia do IFNMG. Os outros seis alunos ainda estavam matriculados no IFNMG em 2014, sendo quatro no segundo ano e dois no terceiro ano.

Além dos dez alunos mencionados acima, fizeram parte dessa pesquisa: uma aluna egressa do IFNMG - Campus Arinos, mas que cursou o Técnico em Agropecuária na modalidade subsequente (em um ano e meio) e não na modalidade integrada ao Ensino Médio (como os demais mencionados acima). Igualmente participaram outros dois alunos que estudam na Escola Estadual Chico Mendes. No decorrer desta pesquisa acompanhamos, portanto, as trajetórias de treze alunos e suas famílias⁵.

Quatro (dos alunos mencionados) nunca foram reprovados (embora dois tenham optado por repetir algumas séries) e nove foram reprovados pelo menos uma vez no ensino fundamental ou médio. Nove destes treze alunos recebem/receberam assistência estudantil ou são bolsistas de iniciação científica (quatro alunos, inclusive, acumularam os dois benefícios) , conforme o quadro 1.

⁵ Acompanhamos treze alunos, mas dois são irmãos, por isso mencionaremos doze famílias, e não treze.

Quadro 1 - Perfil dos alunos e ex-alunos entrevistados

Nome	Idade	Profissão	Situação escolar	Auxílio financeiro	Local atual de moradia	Data da entrevista
Alice	18 anos	Estudante	Sem reprovações. Optou por cursar o primeiro ano duas vezes	Auxílio lanche	PA Carro Quebrado	12/11/2014
Cláudia	25 anos	Acadêmica/balconista	Sem reprovações. Optou por cursar o EM duas vezes	Auxílio permanência	PA Carro Quebrado	30/09/2014
Felipe	17 anos	Estudante	Reprovado no EM	Auxílio transporte, auxílio cópia e impressão, bolsa de Iniciação Científica	PA Carro Quebrado	25/09/2014
Francisco	21 anos	Estudante	Reprovado três vezes	Auxílio Permanência e Bolsa Iniciação Científica	PA Roça	09/08/2014
Gabriela	17 anos	Estudante	Reprovada três vezes	Auxílio Permanência	PA Carlos Lamarca	24/09/2014
Joana	23 anos	Trabalhadora do comércio	Sem reprovações	Auxílio Permanência e Bolsa de Iniciação Científica	PA Chico Mendes	10/11/2014
João	17 anos	Estudante	Reprovado no EM	Auxílio transporte, bolsa de Iniciação Científica	PA Carlos Lamarca	13/09/2014
José	17 anos	Estudante/trabalhador do comércio	Sem reprovações	Nenhum	Cidade de Arinos	24/09/2014
Júlio	17	Estudante	Reprovado no EM	Bolsa de Iniciação	PA Carlos	25/09/2014

	anos				Científica	Lamarca	
Mariana	18 anos	Estudante	Reprovada no EF		Nenhum	PA Chico Mendes	30/07/2014
Paulo	18 anos	Estudante	Reprovado no EM		Auxílio transporte, auxílio alimentação, bolsa de Iniciação Científica	PA Carlos Lamarca	18/07/2014
Regina	18 anos	Estudante	Reprovada no EF		Nenhum	PA Chico Mendes	30/07/2014
Roberto	16 anos	Estudante	Reprovado no EF		Auxílio alimentação	PA Carlos Lamarca	18/07/2014

As entrevistas com os treze alunos foram reproduzidas em forma narrativa no capítulo 3. A opção deste trabalho foi pelo método qualitativo baseado em entrevistas e observações de campo:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações (...) o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (Denzin e Lincoln, 2006, p. 17).

A análise das vivências dos assentados e de suas representações sobre a educação formal foi realizada através de observações de práticas cotidianas e coletivas, e também da utilização de entrevistas narrativas.

A entrevista narrativa (...) é considerada uma forma de entrevista não-estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia de entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta - resposta da maioria das entrevistas. (...)

O pressuposto subjacente é que a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002:95-96).

Os participantes entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa e a participação foi voluntária, garantindo-se também o direito de desistência no decorrer do trabalho. Os nomes de todos foram substituídos por codinomes.

Para a realização da pesquisa de campo, foram feitas visitas aos Assentamentos Roça, Carlos Lamarca, Colônia dos Ciganos, Carro

Quebrado e Chico Mendes⁶ entre os meses de abril de 2014 e fevereiro de 2015. Nesse mesmo período, foram realizadas visitas à Escola Estadual Chico Mendes e ao IFNMG, escolas onde alguns alunos foram entrevistados.

Para contato com as lideranças e militantes (antigos e atuais) do MST e do Sindicato, fizemos visitas às casas e locais de trabalho dessas pessoas, tais como: escritórios particulares, Prefeitura Municipal de Arinos (Secretaria de Agricultura), Escola Municipal João Gontijo, Escola Estadual Garibaldina, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Arinos e também viajamos até o município de Uruana de Minas.

⁶ Os referidos assentamentos possuem aproximadamente 36,84, 11, 36 e 134 famílias, respectivamente.

CAPÍTULO 1

A luta pela Reforma Agrária no Brasil e o Noroeste de Minas Gerais

1.1 - Breve histórico

O tema da reforma agrária na história do Brasil é polêmico e controverso. A necessidade de aumentar o acesso à propriedade da terra é tão antiga quanto a colonização do país. Desde este período o Brasil convive com uma configuração desigual de propriedade, uma vez que a Coroa cedeu gigantescas proporções de terra a uma pequena elite que figurou como “proprietária” do país.

A Lei de Terras de 1850 foi a primeira alteração na legislação fundiária do Brasil introduzindo o sistema de propriedade privada da terra, uma vez que ainda vigoravam as Ordenações Filipinas e o regime de sesmarias. Mas essa mudança não partiu de uma luta relacionada ao acesso à terra, antes, o objetivo da legislação era impedir que a população livre (com o iminente fim da escravidão) tivesse acesso à propriedade, ameaçando o monopólio da terra por parte das elites. Esta lei contribuiu para que a estrutura fundiária altamente concentrada fosse mantida no Brasil.

Entre a segunda metade do século XIX e a segunda metade do século XX, a luta pela terra no Brasil passou por várias etapas, desde os movimentos messiânicos (Guerra de Canudos e Contestado) às lutas radicais e espontâneas entre posseiros, grileiros e trabalhadores rurais expulsos da terra em várias regiões do Brasil (como Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Maranhão, Rio de Janeiro e São Paulo) até as lutas organizadas, de alcance nacional a partir da criação da União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (Ultab), das Ligas Camponesas e do Movimento dos Agricultores Sem Terra (Master) entre 1954 e 1964.

Nos anos 1960, num conjunto de reivindicações mais amplas, as lutas pela redistribuição de terras ressurgiram com adesão popular e sinalização positiva do governo, durante a curta atuação do presidente João Goulart. Dentre as propostas, denominadas "Reformas de Base", anunciadas pelo então presidente, a reforma agrária destacava-se como uma das mais necessárias. Entretanto, com o golpe militar em 1964, os

debates e a luta pela reforma agrária mais uma vez foram silenciados. Apesar do decreto que estabeleceu o Estatuto da Terra e das poucas desapropriações efetuadas nesse período, foi somente em 1985 durante o processo de abertura política, que o governo anunciaria o primeiro plano nacional de reforma agrária (PNRA). Este plano estabeleceu entre suas metas, as áreas a serem desapropriadas, bem como o número de famílias a serem assentadas a longo, médio e curto prazo no Brasil.

Nos dois primeiros anos de governo civil foram desapropriadas mais terras do que nos 20 anos de domínio militar e nos anos subsequentes - com exceção dos dois anos do governo Collor de Mello - as desapropriações e a criação de assentamentos aceleraram-se de modo expressivo. (Leite et al., 2004, p.39).

Na década de 1980 surgiu, a partir do sul do país, uma nova forma de organizar a luta pela reforma agrária. A ocupação organizada seria o embrião do MST que, em janeiro de 1984 organizaria seu primeiro encontro nacional. Nos anos 1990, surgiram novos movimentos no meio rural como o Conselho Nacional do Seringueiros, o Movimento dos Atingidos por Barragens e o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais, dentre outros.

Dados recentes divulgados pelo INCRA (2014) indicam que existe hoje no Brasil quase um milhão de famílias assentadas em mais de nove mil assentamentos. Questão importante a se discutir, apesar dos números que podem impressionar por sua grandeza, é a necessidade de estrutura que a população de assentados precisa para a organização de uma vida digna, já que ela não se materializa com a simples posse da terra, visto que, além de criar um assentamento, o Estado deve criar condições para sua viabilidade. A esse respeito, Leite et. al (2004) nos lembram que o "privilégio" das garantias do Estado que os assentados possuem é acompanhado de uma outra face: permanecerem à mercê das ações e também omissões desse mesmo Estado. Para Bergamasco (1997), a conquista da terra não deixa de revelar a persistência de problemas sociais graves tanto na infraestrutura social (saúde, educação, transporte, moradia) quanto produtiva (terras férteis, assistência técnica, eletrificação, apoio crédito e comercial).

Para José de Souza Martins, há uma espécie de "baderna interpretativa" sobre o drama agrário no Brasil que prejudica a ação dos seus protagonistas: "O panfletarismo se junta ao clima de comício que

reduz o problema a simplificações que o desfiguram, que lhe retiram a complexidade e a gravidade e que, portanto, vão progressivamente tornando-o um tema banal" (Martins, 1999: 98).

1.2 - Características da região e do município pesquisados

A origem da ocupação do noroeste de Minas Gerais remonta à época da exploração do ouro no século XVII. A chegada de garimpeiros, tropeiros, pecuaristas e aventureiros naquele Sertão fez com que a região se tornasse fornecedora de animais e de carne para as áreas de garimpos.

Naquela região, favorecidas pelas condições do cerrado, formaram-se grandes fazendas de pecuária extensiva e, em seu entorno surgiram núcleos de agricultura de subsistência a partir do trabalho de colonos, parceiros e posseiros⁷ os quais submeteram-se a relações de trabalho típicas do período colonial até meados da década de 1950.

Mata-Machado (1991) ressalta que o fundamental para a compreensão da história da realidade agrária do noroeste mineiro foi a presença do grande fazendeiro. A sociedade era formada por proprietários de grandes fazendas, vaqueiros, camaradas e agregados com predominância do sistema de agrego. Esse autor explica que muitas famílias de proprietários rurais derivam de vaqueiros enriquecidos e que por motivos diversos, o comércio ou a política possibilitou realizar fortuna em gado. As cidades foram crescendo e reproduzindo características e relações políticas, sociais e econômicas que estão relacionadas com o latifúndio, o coronelismo e o clientelismo. (Souza et. al., 2010: 03).

O crescimento da região, o aumento da população e a

⁷Colono é aquele que trabalha em uma colônia agrícola, podendo ser assalariado ou trabalhar em algum regime de parceria ou meação.

O posseiro é aquele que ocupa e cultiva uma terra onde não tem o registro/documento legal, é o uso da terra que efetiva sua posse.

Já o parceiro, também conhecido como meeiro, trabalha na terra de outro sob algum tipo de acordo. Um exemplo da meação é aquele em que o trabalhador entra com o mão de obra familiar e a semente, o fazendeiro cede a terra e os dois combinam uma porcentagem sobre a colheita.

valorização significativa das terras, aconteceriam somente nos anos 1950 com a construção de Brasília e todas as transformações econômicas (inclusive a construção da BR-040) e sociais dela decorrentes. Dentre as mudanças, estão a descoberta das áreas planas do cerrado para utilização pela agricultura empresarial e a implantação de projetos de colonização do cerrado, especialmente o PROCEDER. A vinda de trabalhadores para atuar na construção da capital, associada ao processo de modernização conservadora da agricultura ampliaram os problemas econômicos e sociais da região.

A criação de Brasília promoveu uma drástica alteração dos eixos de migração interna, geralmente do Norte/Nordeste em direção ao Sudeste, colocando a nova capital federal como uns dos principais centros de atração de migrantes do país. O mundo de oportunidades simbolicamente representado por Brasília significou a constituição de um verdadeiro cinturão de problemas para os pequenos municípios adjacentes, que se mostraram incapazes de acompanhar o ritmo imposto pela metrópole. Assim, a região do Entorno do Distrito Federal passou a conviver com um paradoxo que associa a modernidade representada por Brasília ao atraso dos latifúndios improdutivos e da pecuária extensiva (Leite et. al., 2004:49-50).

Os conflitos entre posseiros e grileiros, de um lado, colonos e proprietários, do outro, somado ao aumento da presença de trabalhadores rurais sem-terra e sem trabalho nas áreas periféricas das cidades da região, deram origem a um cenário político-social favorável à reforma agrária, sobretudo com a presença e atuação da Igreja Católica, do movimento sindical e de instituições como FETAEMG, FETAEG, CUT e MST (Leite et al., 2004:50).

Há registros de que entre 1970 e 1980, houve um fluxo migratório significativo no município de Arinos e foi justamente nessa época que ocorreram as primeiras ocupações de áreas improdutivas na região. O marco referencial na luta pela terra é a desapropriação das fazendas Saco Grande/Palmeirinha (em Unaí, 1984) e Fruta D'Anta (em João Pinheiro, 1986).

Esta desapropriação impulsionou novas lutas criando para esta

região a chamada Manchado Entorno do Distrito Federal que possui 57 assentamentos da reforma agrária (Leite et al., 2004). Quinze⁸ deles estão localizados no município de Arinos (INCRA, 2014), a saber: Santa Terezinha, Mimoso, Rancharia, Riacho Claro, Santo Antônio dos Gerais, Caiçara, Grande Borá, Carro Quebrado, Roça, Chico Mendes, Carlos Lamarca, Colônia dos Ciganos, Buriti Grosso/Boqueirão, Paulo Freire e Elói Ferreira da Silva. A ideia de mancha, aponta para a concentração de projetos em determinadas partes do país indicando "uma certa territorialização da reforma agrária" (Leite et al. 2004, 19).

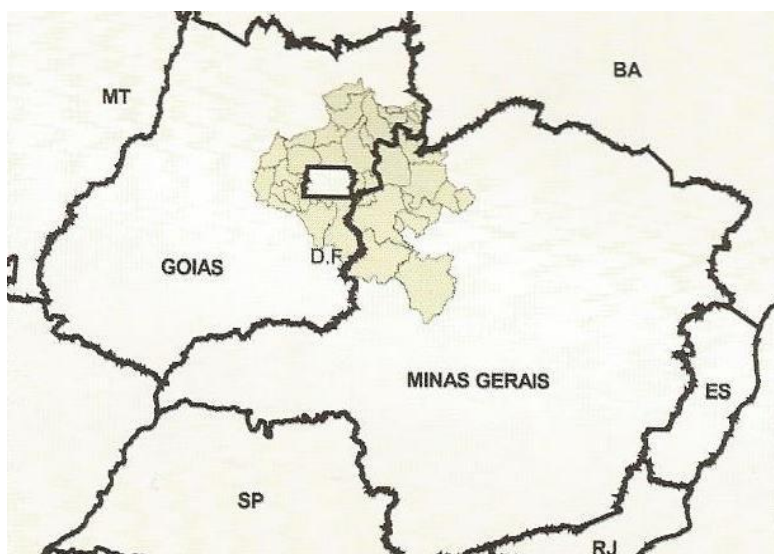


Figura 1: Mancha do entorno do Distrito Federal (Fonte: Leite et al., 2004: 362)

O MST esteve presente na organização de algumas destas

⁸ Nessa contagem fornecida pelo INCRA não foram considerados o PIC Sagarana e outros sete assentamentos de crédito fundiário (como Banco da Terra, Para Terra e Cédula da Terra) no município de Arinos, que totalizam 23 assentamentos.

ocupações⁹ e de várias ações ligadas a elas, bem como na organização de um ideal próprio de educação para os assentados:

(...) a educação aparece, ao lado da terra, como um direito a ser assegurado a todos os moradores do campo e também como uma das formas de viabilizar o projeto cooperativo do MST. Portanto, a luta pelo acesso à educação para o trabalhador do campo será parte integrante do projeto político do Movimento Sem Terra. (Menezes Neto, 2003:19).

Ainda no que se refere à luta pela Reforma Agrária, é possível afirmar que ela está presente em quase todos os municípios da região, com exceção de três. O MDA¹⁰ indica, utilizando dados de 2011, que existem no Noroeste de Minas 79 assentamentos, abarcando 5.715 famílias, mais treze acampamentos, com 863 famílias acampadas (aproximadamente). Tais assentamentos estão em etapas diferenciadas, já que alguns deles foram criados, ainda nas décadas de 1970 e 1980, como o PIC (Projeto Integrado de Colonização) Sagarana e o PA Mimoso, respectivamente. Em Arinos, o número de famílias assentadas, ainda segundo o relatório do MDA é de 1.031. Em toda a região Noroeste existe ainda a presença significativa de assentamentos via financiamento por programas governamentais como Banco da Terra e Para Terra em um total de dezenove, com 395 famílias assentadas.

Um levantamento dos censos agropecuários do IBGE realizado pelo SEBRAE em 1999 informa que ocorreram mudanças significativas na estrutura fundiária do município de Arinos nas últimas décadas. Em 1970, o município contava com 368 estabelecimentos agropecuários, número que foi elevado para 989 em 1996. Já o censo agropecuário de 2006 traz o número de 1699 estabelecimentos agropecuários.

A região Noroeste de Minas Gerais hoje é formada por 22 municípios: Arinos, Chapada Gaúcha, Pintópolis, Urucuia, Formoso, São Romão, Riachinho, Uruana de Minas, Bonfinópolis de Minas,

⁹ Alguns destes assentamentos não contaram com a participação do MST, e sim do Sindicato do Trabalhadores Rurais de Arinos.

¹⁰ Os dados do MDA aqui mencionados foram extraídos do Relatório Analítico do Território Rural Noroeste de Minas.

Natalândia, Dom Bosco, Brasilândia de Minas, Santa Fé de Minas, Paracatu, João Pinheiro, Lagoa Grande, Guarda-Mor, Vazante, Presidente Olegário, Varjão de Minas, Lagamar e São Gonçalo do Abaeté.

O Noroeste ocupa uma área que equivale a 10,38% de área total do estado de Minas Gerais, mas apenas 1,60% da população do estado ocupa essa área, o que representa 5,15 habitantes por km², um grande vazio demográfico.



Figura 2: Mapa das Mesorregiões de Minas Gerais (Fonte: Minas_Gerais. net, acesso em 25/08/2014)

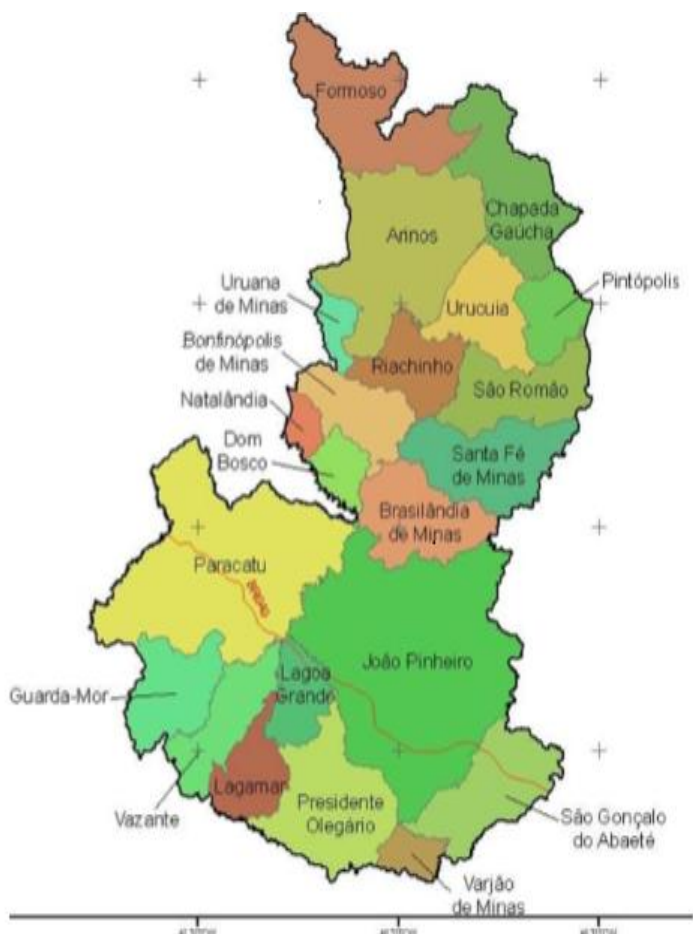


Figura 3: Mapa das cidades do Noroeste Minas Gerais (Fonte: MDA, 2014)

O município de Arinos está inserido na Microrregião Geográfica de Unaí. A distância de Belo Horizonte é 700 km e apenas 250 de Brasília (PDI/IFNMG, 2009).

A população de Arinos, de acordo com Censo de 2010 é de 17.674 habitantes. Deste total, 38,5% reside na zona rural. A mesorregião Noroeste apresenta, ao lado do Norte de Minas e do Jequitinhonha, o menor grau de urbanização quando comparada a todo

estado de Minas Gerais com 74,66% (ibidem). Quanto ao Produto Interno Bruto (PIB) por Setores de Atividade Econômica, a região Noroeste participa com 1,89%, além do menor percentual de população formal ocupada do estado (ibidem).

No que diz respeito ao índice de desenvolvimento humano (IDH-M), a região Noroeste deixou de ter municípios com desenvolvimento humano médio-baixo em 2000, passando a contar com municípios de alto desenvolvimento. Embora haja melhoras do indicador de 1991 para 2000 e depois para 2010, o valor do IDH 2010 para 20 dos 22 municípios é menor que a média estadual. Nesta região, 9% da população está abaixo da linha de pobreza, enquanto a média do estado é de 5%. Na microrregião de Arinos, todos os municípios possuem patamar superior a 17% da população abaixo da linha de pobreza extrema. O município de Arinos ocupa a 508ª posição num total de 853 municípios mineiros (PNUD, 2013).

Atualmente há forte presença da agricultura empresarial, sobretudo na produção de grãos (feijão e milho), com espaço também para a pecuária e a agricultura familiar. Dados do IBGE indicam que em 2011 o Noroeste de Minas foi líder na produção de grãos no estado de Minas Gerais.

O Cerrado é a vegetação típica do Noroeste de Minas, e é reconhecido por sua relevância social, já que várias populações tradicionais (indígenas, quilombolas, geraizeiros, ribeirinhos, babaçueiras, vazanteiros) conhecem e sobrevivem de seus recursos naturais. Ainda assim, este bioma vem sendo degradado, entre outros, pela expansão da fronteira agrícola brasileira.



Figura 4: Vista do Cerrado em tempos de seca - Assentamento Carlos Lamarca (Foto da autora - Julho de 2014)

O rio Urucuia e mais cinco grandes afluentes (Rio São Domingos, Rio Piratinga, Rio Claro, Rio São Miguel e Ribeirão da Areia) atravessam o município de Arinos. Guimarães Rosa (2006) apresenta a região do Urucuia como parte do cenário de Grande Sertão: Veredas. Há também várias referências ao urucuiano e à sua região em outros contos do autor, como *A Menina de Lá*, *Famigerado* e *Barra da Vaca*¹¹.

Destacamos que, em Grande Sertão Veredas, as metáforas existenciais relacionam os conflitos do homem aos aspectos da natureza do sertão, sobretudo à dos rios: há sessenta e seis referências ao Urucuia e ao povo que no vale (com)vive. (...) Nessas referências, Guimarães Rosa destaca, além da cultura sertaneja, as belezas naturais do sertão brasileiro, sobretudo no que diz respeito às bacias hidrográficas. Nenhum rio foi tão citado, descrito, comparado quanto o rio Urucuia (Silva, 2014:38).

¹¹ Nome pelo qual era conhecido o povoado que transformou-se na cidade de Arinos. Barra da Vaca é o nome de uma vereda que hoje localiza-se no centro da cidade de Arinos.

O município de Arinos compreende parte das terras do parque Nacional "Grande Sertão Veredas" criado em 1989 e cuja área de 8.875 hectares se estende também entre os municípios de Chapada Gaúcha, Formoso e Cocos (no estado da Bahia). O parque é administrado pelo IBAMA e mantém parceria com o ICMBio. O nome do parque é uma homenagem a Guimarães Rosa. Além da paisagem exuberante de vegetação nativa, o parque tem diversos lagos e cachoeiras, além de grande diversidade de animais. Anualmente, durante o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, os sertanejos saem do campo para participar da festa tradicional que atua no sentido de preservar seu patrimônio cultural. Para Silva (2014), Guimarães Rosa e sua obra agregaram valor ao capital simbólico da região do Vale do Urucuia ao valorizar "(...) a cultura regional, a produção e a economia locais e resgatar os valores do homem sertanejo, empoderando-lhe" (Silva, 2014: 45).

O assentamento mais antigo de Arinos (e também o primeiro assentamento realizado pelo INCRA, em Minas Gerais, no ano de 1974) recebeu o nome de Sagarana. Ainda segundo Silva (2014), a escolha deste nome é resultado do reconhecimento, por parte dos responsáveis técnicos pelo projeto na região, da relação literária existente entre a região do Rio Urucuia e João Guimarães Rosa.

A diversidade do sertão limita a sua definição, já que nesse complexo cenário, as abundantes veredas, berços de água e fartura, contrastam com a aridez dos gerais que "correm em volta", segundo expressão de Rosa. O termo "sertão" é polissêmico, mas aparece quase sempre vinculado ao interior do Brasil. Designado por Saint-Hilaire como lugar de animais e de gente não civilizada, a categoria sertão foi, a princípio, construída e vinculada a significados negativos: atraso, pobreza, isolamento e perigo. Mas foi Guimarães Rosa, segundo Silva (2014) quem resignificou o conceito de sertão:

O sertanejo foi, por muito tempo, discriminado pela sua condição social: vivia às margens da sociedade mineira e, por consequência, da nacional. Guimarães Rosa lança um novo olhar acerca do sertão e do sertanejo, a respeito do sertanejo em relação a si mesmo e ao mundo. Numa perspectiva filosófica, universalista, retira o sertanejo urucuiano do seu *locus vivendi* e o eleva à condição humanamente existencial. (...). Nesse contexto, o autor vale-se de aspectos reais da

geografia social e física para valorizar, além do homem sertanejo, da sua cultura, o arranjo produtivo da região (...) (SILVA, 2014: 35-36).

1.3 - Assentamentos, economia e cotidiano

Os quatro assentamentos que fazem parte desta pesquisa são acessados pela rodovia MG 202, sentido Arinos/Buritiz. Nesta direção, a aproximadamente 20 quilômetros do centro de Arinos, existe um trevo que dá acesso ao PA Chico Mendes. Do trevo em diante, no sentido do assentamento, as estradas são todas sem pavimentação. Dentro do Chico Mendes existem outras estradas que dão acesso aos assentamentos Carro Quebrado e Roça. O PA Carlos Lamarca, pela mesma rodovia, tem o acesso a 4 quilômetros depois do trevo para o Chico Mendes.

As sedes desses assentamentos funcionam nas casas dos antigos proprietários das fazendas desapropriadas. Nesses espaços acontecem as reuniões das associações e outros eventos coletivos como almoços e festas das comunidades.

Dentro dos assentamentos existem várias pontes de madeira em péssimo estado de conservação, como é possível verificar nas fotos das páginas 56 e 57. Em uma delas houve um acidente fatal recentemente, tragédia que indignou a comunidade que passou a fazer manifestações públicas pelo trabalho de manutenção das pontes por parte da prefeitura, uma vez que os ônibus e vans escolares passam diariamente nesses trajetos e precisam do mínimo de segurança para garantir a integridade das crianças e jovens.

A produção de leite é a principal atividade econômica dessas comunidades. Dados divulgados pela Cooperativa Agropecuária Unaí Ltda. (CAPUL) em 2010 revelam que aproximadamente 40% da captação de leite da cooperativa advém das unidades familiares de produção nos assentamentos rurais (Souza et. al., 2010:13) . Os quatro assentamentos possuem tanques de resfriamento que foram obtidos de formas diversas:

- alguns tanques foram obtidos através do programa "Minas Sem Fome", do governo estadual cuja execução era feita pela EMATER. A verba desse programa era repassada para a prefeitura que fazia a compra dos tanques;

- outros tanques foram viabilizados pelo INCRA;
- existem ainda os que foram comprados pela própria associação do assentamento, como é o caso do Chico Mendes que pagou parte dos custos da implantação de um tanque;
- ou aqueles tanques comprados por assentados que armazenam o leite individualmente.

No total, são 11 tanques de resfriamento: 4 no Chico Mendes, 2 no assentamento Carro Quebrado (sendo 1 tanque particular), 4 no assentamento Carlos Lamarca (sendo dois particulares) e 1 tanque no assentamento Roça.

As associações de cada um desses assentamentos são cooperadas com a CAPUL que recebe o leite e faz o pagamento para as associações. A referida cooperativa está sediada no município de Unaí e tem 50 anos de existência. A CAPUL é hoje uma das maiores acionistas da Itambé - Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais e capta mais de 290 mil litros de leite diariamente. São mais de dois mil cooperados e seis filiais no Noroeste de Minas: Arinos, Bonfinópolis de Minas, Buritis, Cabeceira Grande, Dom Bosco, e Natalândia. A atual diretoria da CAPUL assumiu a gestão da cooperativa em março de 2013 e atuará até março de 2017. Nenhum membro desta diretoria é ligado aos assentamentos.

O preço do leite é variável e determinado pela Itambé, empresa que compra o leite da CAPUL. As variações dos preços não são justificadas ou previamente informadas para as associações. Cada assentado tenta imaginar/deduzir os motivos das causas das mudanças de preço e é sempre pego de surpresa, só sabe quanto vai receber na hora do pagamento. Este comportamento é chamado por autores como Garcia-Parpet de compra não firme: uma relação de dominação em que pequenos agricultores e neste caso assentados ficam reféns de negociações com atores mais poderosos e que possuem uma posição de mercado mais privilegiada (Garcia-Parpet, 2003). Outra prática realizada pela CAPUL é a de descontar as compras dos assentados no ato do pagamento mensal do leite, ou seja, as compras de supermercado, vacinas ou ração para o gado são feitas na própria CAPUL para que sejam descontadas posteriormente, quando do pagamento do leite. Pela opção de comprar "fiado", todos os assentados que entregam leite

acabam por submeter-se à compra de produtos apenas no supermercado ou loja veterinária da cooperativa.

Na última pesquisa que fizemos, a CAPUL estava pagando entre noventa e oito centavos e um real por litro de leite, mas os assentados precisam ainda pagar mensalmente as despesas com a manutenção do tanque que é feita por um técnico. Este custo é dividido entre os cooperados usuários de cada tanque.

Algumas dessas famílias produtoras de leite estão vinculadas ao projeto Balde Cheio, que funciona na região desde 2010. O referido projeto é desenvolvido pela EMBRAPA e visa promover o desenvolvimento sustentável da pecuária leiteira através da transferência de tecnologia. O projeto atende entidades públicas e privadas e de produtores de leite em todo o país. Uma das principais estratégias do Balde Cheio são as parcerias com diversas instituições públicas e privadas. Em Arinos, a instituição parceira é a CAPUL, que atende produtores que tenham o leite como principal fonte de renda e aqueles que utilizem mão de obra familiar e tenham uma produção média de até 300 litros por dia. Para os cooperados que aderem ao programa estão previstas as visitas do Coordenador do Projeto Balde Cheio de Minas Gerais a cada 4 meses, dos técnicos uma vez por mês e do veterinário a cada 60 dias. No programa são trabalhados conhecimentos e tecnologias sobre produção intensiva, conservação do solo, recuperação da fertilidade do solo, utilização de produtos orgânicos, manejo intensivo de pastagens adubadas e irrigadas, pastejo rotacionado, utilização de cana e ureia no período seco, realização dos exames de brucelose e tuberculose e preservação de matas ciliares.

Pela localização em meio ao cerrado, os quatro assentamentos possuem muitas árvores nativas de frutos como o Pequi, a mangaba, o baru, a cagaita, o araticum, o jenipapo, o buriti, o cajuzinho do cerrado, dentre outros. Nos quintais, vimos ainda alguns pés de manga, acerola, goiaba e coco.

A estrutura e o acabamento das casas varia bastante. Conhecemos desde pequenas casas com telhado de amianto, sem reboco ou revestimento, até outras ampliadas, com varandas, pintura e banheiros modernos. Todas elas possuem água (tanto por meio de poços artesianos, uso de rios e nascentes ou mesmo de cisternas) e energia elétrica. Algumas famílias queixaram-se do recurso limitado que

receberam para a construção das casas, em torno de dois mil e quinhentos reais.

A maioria das famílias que conhecemos produz algum tipo de alimento como: milho, mandioca, abóbora, feijão catador ou melancia. Algumas famílias cultivam apenas hortaliças, outras famílias plantam apenas cana para alimentar o gado. Das doze famílias entrevistadas, apenas duas vendem o que produzem e as demais cultivam apenas para o consumo da família. Quando perguntamos se existe algum interesse em produzir para a venda, ainda que futuramente, ouvimos queixas sobre as secas dos últimos anos que destruíram plantações inteiras (uma das famílias perdeu o milho que plantou por três anos consecutivos e desistiu de voltar a plantar), sobre a dificuldade em se comercializar na cidade pela ausência de transporte, sobre o tamanho dos lotes que não permitem (na visão de alguns assentados) a produção variada e em grande quantidade e, ainda, sobre a dificuldade de se trabalhar com os demais assentados de forma a viabilizar uma produção coletiva.

Em alguns casos, um dos membros da família toma conta da produção para consumo (hortas, pequenas roças, criação de galinhas, etc.) enquanto o outro busca trabalho em fazendas próximas ou em empresas que oferecem salário mínimo e carteira assinada, como são os casos do senhor Emanuel que trabalha numa pedreira (Agrical¹²) dentro do assentamento, do pai do aluno Júlio que trabalha como auxiliar de serviços gerais na firma Panambi, da assentada Joana que trabalha na mercearia do assentamento ou do pai da aluna Mariana que trabalha como tratorista numa fazenda perto de Buritis, situação também de outros dois assentados que trabalham para a empresa que presta serviços para o IFNMG (um é auxiliar de serviços gerais e outro é tratorista).

A seca foi o tema que mais apareceu nas entrevistas (e mesmo nas conversas informais) com os pais e com os alunos assentados. A referência à fartura é sempre feita no passado, numa época em que um

¹² A exploração do calcário pela referida empresa dentro do assentamento Chico Mendes foi negada pelo INCRA e o processo corre na justiça. A Agrical paga o arrendamento da terra para a família dona do terreno e repassa um valor irrisório à associação do PA que representa algo em torno de 30 reais por ano, para cada família.

período regular de chuvas era comum. Pudemos constatar pela renda auferida que as famílias em condições econômicas mais estáveis são aquelas que são cooperadas e vendem leite.

A venda de lotes é realidade presente nesses assentamentos. Uma das famílias¹³ que entrevistamos reside atualmente em Arinos depois de ter trocado a parcela por uma casa na cidade. Buscamos informações sobre esta prática e soubemos que o INCRA publicou a Instrução Normativa 71, de 31/05/2013 que normatiza a atuação deste instituto em situações irregulares em áreas de projetos de assentamentos da reforma agrária. Dentre outros assuntos, o documento regulamenta a transferência da terra a outros beneficiários mediante a supervisão que regulará a indenização de benfeitorias e o ressarcimento de créditos. O documento justifica que a regra da inegociabilidade dos Títulos de Domínio e dos Contratos de Concessão de Uso da terra valem, de acordo com a Constituição Federal, pelo prazo de dez anos. Os beneficiários que cumprirem esse prazo de permanência na terra podem vender as benfeitorias do lote e transferir a dívida da terra para terceiros, mas o procedimento somente é legal se for feito pelo INCRA.

O Bolsa Família é acessado por dez das doze famílias entrevistadas. Apenas duas famílias quiseram revelar o valor recebido (70 reais). De todas as pessoas que fizeram parte desta pesquisa, apenas duas declararam ter quitado a dívida do primeiro PRONAF, alguns optaram por não falar sobre isso e outros afirmaram que não conheciam um assentado sequer que o tivesse conseguido. Segundo informações do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Arinos, a inadimplência desses assentamentos gira em torno de 70%.

Finalmente, um esclarecimento sobre a atuação do MST nesses assentamentos, se faz necessário. Este Movimento atuou diretamente apenas na formação dos assentamentos Chico Mendes e Carlos Lamarca. Nos assentamentos Roça e Carro Quebrado, a atuação no sentido de reunir os trabalhadores, organizar as ocupações e as negociações com o INCRA foram feitas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Arinos. A influência das ações do MST, contudo, chegou a todos os quatro, o que é evidenciado quando os

¹³ Esta situação será melhor detalhada no capítulo 3, na entrevista com a família do aluno José.

assentamentos vizinhos abraçam a causa da construção da escola no PA Chico Mendes, inclusive participando da ocupação da Escola Major Saint' Clair, e ainda na manifestação sobre a ponte do rio São Miguel, episódio em que vários assentados foram feridos por bombas e balas de borracha.

A atuação do MST, entretanto, ficou restrita aos períodos de acampamento e início da formação dos assentamentos. Hoje esses assentamentos não possuem vínculos com MST, as lideranças que conhecemos enfatizaram seu desligamento por razões diversas, principalmente pelas ações mais radicais (queima de máquinas e destruição de plantações em ocupações de fazendas) que a nova direção do Movimento na região passou a assumir. Conhecemos mais de trinta famílias nesses quatro assentamentos e, somente em uma casa vimos a bandeira do MST exposta. Nesta casa, o senhor Ezequiel, antiga liderança do Movimento, explicou que mantém a bandeira em destaque porque não quer se esquecer de tudo o que conquistou através da militância, mas não manifesta nenhum entusiasmo com o que ele chama de "Novo Movimento".

Buscamos contato com a direção do MST que é sediada na cidade de Buritis e não obtivemos sucesso. Eles nos orientaram a buscar informações junto às antigas lideranças dos assentamentos em Arinos.



Figura 5: Ponte no PA Chico Mendes (Foto da autora - Dezembro de 2014)



Figura 6: Ponte no PA Carro Quebrado (Foto da autora - Dezembro de 2014)



Figura 7: Tanque de resfriamento no PA Chico Mendes (Foto da autora - Dezembro de 2014)



Figura 8: Barragem seca no Assentamento Chico Mendes (Foto da autora - Agosto de 2014)



Figura 9: A mesma barragem depois das primeiras chuvas em dezembro de 2014 (Foto da autora)



Figura 10: XIII Tradicional Festa do PA Chico Mendes (Foto da autora - Agosto de 2014)



Figura 11: XIII Tradicional Festa do PA Chico Mendes (Foto da autora - Agosto de 2014)

CAPÍTULO 2

Assentamento Chico Mendes: a luta pela terra e a luta pela educação

2.1 - Do acampamento à manifestação pela construção da escola no assentamento

O assentamento Chico Mendes foi oficialmente constituído em 2000 a partir da desapropriação da Fazenda Roça que deu origem também aos assentamentos Roça, Colônia dos Ciganos e Carro Quebrado¹⁴.

Tivemos acesso a um histórico da ocupação da Fazenda Roça escrito por uma assentada, a professora Vilma. Ela nos contou que resolveu escrever a história para que ela não se perdesse na memória dos assentados. Reproduzimos a seguir, parte da história da luta pela terra sob o ponto de vista desta assentada:

Tudo teve início na cidade de Buritis, no mês de dezembro de 1999. Quando foram organizadas as manifestações pelo sindicato dos trabalhadores rurais de Buritis e juntamente com o movimento dos trabalhadores rurais (mst). (...) No dia 15/12 desse mesmo ano às 7:00 horas da manhã, partiram em direção a fazenda Campolino¹⁵, em ônibus, caminhões e vários carros pequenos. Eles traziam consigo alimentos, lona, ferramentas e muita força de vontade, garra determinação e muitos sonhos para com essa terra.(...) No dia 19/12, as margens do Córrego Jabuticaba, no Município de Arinos - MG, foi hasteada a bandeira do MST, e aí, nasceu o PA. Chico Mendes; com

¹⁴ Os quatro assentamentos mencionados encontram-se numa área muito próxima do Assentamento Carlos Lamarca criado na mesma época.

¹⁵ Referência ao proprietário da Fazenda Roça, o senhor Raimundo Campolina.

73 famílias iniciantes.(...) Com o passar do tempo, a cada dia, a cada luta e conquista, aquele número inicial de famílias foram crescendo cada vez mais, chegando a um total de 300 famílias acampadas. (Trechos do relato, conforme texto original).

A antiga Fazenda Roça passava por um processo de negociação junto ao INCRA, já que um dos seus antigos proprietários¹⁶, o senhor Raimundo Campolina tinha interesse em vendê-la. No decorrer desse processo, entre 250 e 300 famílias acamparam na área, permanecendo nessa condição por quase um ano. Algumas dessas famílias vieram de outros acampamentos onde não foram contemplados quando os lotes saíram. Em virtude disso, conhecemos famílias que viveram na condição de acampados por até oito anos.

Turatti (2005) entende que os acampamentos significam uma etapa fundamental da luta pela terra, já que são neles que se inicia um novo processo de construção de sociabilidade: o momento de passagem de ser sem-terra para um estilo coletivo de vida que produz, ao mesmo tempo, solidariedade e conflito. Nos acampamentos é possível entrever o germinar de uma nova forma de organização social cujas ausências, muitas vezes, falarão mais alto do que os elementos identificados como positivos. Segundo a autora, a atmosfera dos acampamentos revela condições de absoluta precariedade e as ausências se mostram em vários aspectos:

- No que diz respeito à saúde, o atendimento através dos postos médicos dos municípios é dificultado pela distância, pelo preconceito que os sem-terra sofrem pelo poder municipal e também porque a estrutura de atendimento médico das pequenas cidades já é, geralmente, deficiente;

¹⁶ Três grandes áreas estavam registradas com o nome de Fazenda Roça. A gleba, cujo proprietário era o senhor Raimundo Campolina, deu origem aos PAs Chico Mendes e Roça. A gleba de propriedade do senhor Múcio Macedo deu origem ao P.A. Carro Quebrado. A gleba de propriedade do senhor Afonso Luiz da Mota deu origem ao P.A. Colônia dos Ciganos. Soubemos que tais parcelamentos da fazenda entre donos diferentes originaram-se de divisões de herança.

- Nas condições de habitação, a lona plástica torna os barracos demasiadamente quentes no verão e muito frios no inverno (por causa das aberturas que permitem a entrada de vento);
- Pragas como piolhos e sarnas são frequentes pelo ambiente inóspito e infraestrutura dos acampamentos.
- Sobre a educação, existe a dificuldade para que as crianças estudem nas escolas do município porque o transporte escolar nem sempre é disponibilizado, e mesmo quando existe, não há continuidade no atendimento. Por outro lado, a segregação e humilhação que estes alunos sofrem na cidade também funcionam como impulsionadores da evasão.

As primeiras aulas com professores da rede municipal começaram entre as barracas de lona e, alguns desses professores eram do próprio acampamento. Naquele espaço, aconteciam as aulas para as séries iniciais do ensino fundamental, já os alunos que cursavam as séries finais do ensino fundamental ou o ensino médio, deslocavam-se até a cidade de Arinos para estudar.

A professora Tonica que trabalhou no acampamento, nos falou sobre as condições de ensino e aprendizagem na época. Segundo ela, as mais de duzentas famílias acampadas tinham apenas duas privadas, uma feminina e uma masculina. E a falta de condições básicas de higiene, interferiam diretamente no aproveitamento escolar das crianças:

Eu me lembro que, na época as questões de higiene, Elza, eram tão sérias que eu tinha um aluno, ele era bem pequititim, bem ismilinguidim, aí ele chegou na escola e eu tô vendo ele pisando só com o calcanhar. Eu fui olhar, tinha tanto bicho de pé nos dedinhos do menino que não deu nem prá tirar, tive que ir furando, do tanto que tinha. Piolho, tinha era infestação de piolho, cansei de... que eu ficava no acampamento durante a semana, e final de semana eu ia pra Uruana. Cansei de pegar aluna minha, pôr dentro do carro e levar comigo pra tirar piolho dela final de semana.

A professora disse ainda que seus alunos não tinham material escolar, iam para a escola com fome e com cheiro forte porque tomavam

banho sem sabão. Em sua opinião, as condições de higiene e de alimentação interferiam na aprendizagem, mas os pais faziam questão de que os filhos frequentassem as aulas. Ela nos contou que o horário das aulas foi adequado ao trabalho no campo. As aulas aconteciam sempre à tarde para que os filhos pudessem ajudar no trabalho com a lavoura ou com o leite pela manhã, período de sol mais ameno. Ainda assim, ela entende que a prioridade desses pais sempre foi a escola:

Então a gente não via isso de "hoje o meu menino não vai na escola porque ele vai me ajudar", não! Vai me ajudar, mas na hora de ir pra escola, ele vai pra escola. Nós tínhamos família lá que tinha 7, 8 filhos, mas nunca deixou de ir pra escola porque tinha que trabalhar. Tinha horário de trabalhar e tinha horário de estudar, cê entendeu?

Entendemos que essa gente calejada e castigada despertou, tal qual o personagem Riobaldo, de Grande Sertão Veredas, sua consciência para o fato de que o "diabo" é o não saber, a ignorância. A faceta da luta pela educação que teve início ainda no acampamento, é parte da revelação deste mundo: "Inveja é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes.(...) Ah, eu só queria era ter nascido em cidades, feito o senhor, para poder ser instruído..." (Rosa, 2006:100;407).

Ainda em 2000, os pais passaram a reivindicar uma escola no próprio assentamento, o que garantiria, além de um projeto educacional específico para os filhos dos assentados, a possibilidade de que esses jovens pudessem ajudar seus pais no trabalho nos lotes. Quando os alunos estudavam nas escolas de Arinos, dependiam do transporte escolar e precisavam permanecer todo o dia na cidade, impossibilitando o auxílio aos pais nas atividades do lote.

É constante na fala de alguns entrevistados a ação ideológica e norteadora do MST, seja na ocupação, nos movimentos de protesto e na luta por um modelo específico de educação. Segundo alguns entrevistados, o MST defendia um projeto de educação do campo que viabilizasse a produtividade dentro dos assentamentos. Segundo D'Agostini (2011), ainda dentro deste viés bastante ideológico, uma das certezas do movimento é o de que a educação tem que partir da realidade vivida pelos Sem Terra com o objetivo de proporcionar

conhecimentos e experiências que possibilitem a superação desta realidade. Esta concepção surge na fala do assentado Osmar, também ligado ao MST:

Mas ao certo que na época o governo federal criou aquele programa de nucleação das escolas, então aquela onda de pegar, de trazer as crianças do meio rural pra cidade. E quando a gente pensou aquele complexo de assentamentos, a gente pensou um território, um território onde a gente poderia ... ao invés de trazer as pessoas pra cidade, fazer com que elas permanecesse na terra, e a educação, ela é um ponto chave, a educação do campo, ela tem suas particularidades que na cidade não vai ter, (...) a gente então, sempre sonhou em ter a educação do campo no campo, e por isso que nós então começamos com essa reivindicação de ter a escola, uma escola polo ali, a qual juntaria todas as famílias tanto do Chico Mendes, como do PA Roça, da Colônia dos Ciganos, Carro Quebrado e Carlos Lamarca, vinculado também a um projeto produtivo. Então a nossa ideia sempre foi essa, de a gente pensar de como a gente organiza produção a partir do território. (Osmar, assentado do PA Carlos Lamarca¹⁷ ligado ao MST).

Para o professor Fernando,

O MST, as lideranças do MST na época, grande parte da liderança (...) eles projetavam para essa educação, com uma pedagogia baseada na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, que eles trabalhassem as coisas concretas, daquilo, viver o seu ambiente, né, e a partir dali construir uma educação de valores, uma educação libertadora. E eles queriam essa autonomia, construir uma educação voltada para o campo, é lógico, né,

¹⁷ Este assentado nos diz que cursou Agronomia num projeto desenvolvido pelo PRONERA em articulação com a UNEMAT. O curso admitiu apenas alunos assentados.

mas uma educação libertadora, né, e que as pessoas pudessem ser sujeitos mesmo das suas ações, da sua história(...) (Fernando, professor da rede estadual de Arinos).

O insucesso nas tentativas junto à prefeitura municipal levou os assentados, sob a orientação do MST, a realizar uma mobilização na cidade de Arinos. É importante mencionar que os assentados já estavam acostumados a participar de mobilizações orientadas pelo Movimento desde a época do acampamento, como a manifestação sobre a ponte do rio São Miguel no município de Uruana de Minas (manifestação fortemente reprimida pela polícia militar, onde muitos militantes foram feridos com balas de borracha e bombas de gás) e até mesmo depois de assentados, como a invasão à fazenda do então presidente, Fernando Henrique Cardoso, no município de Buritis no ano de 2002. Os assentados mencionam também a invasão à Fazenda Santa Bárbara no estado de Goiás, onde houve queima de máquinas e destruição de plantações inteiras (sobre esta ação, eles não conseguem precisar a data).

2.2 - Quando os acampados se mobilizam...

Um assentado ligado ao MST, o senhor Moisés, nos conta que houve uma grande assembleia para definir os termos da ação de reivindicação:

(...)ouviu mais ou menos as decisões que seria ocupar um espaço público pra forçar os governos. Mas como ocupou a câmara e não deu nenhuma repercussão, resolvemos ocupar, falo resolvemos porque eu também participei da assembleia de decisão, resolvemos, foi decidido em assembleia que iríamos ocupar a maior escola, na época tida como a escola das elites no centro da cidade, escola Major Saint' Clair, na época. Aí, ocupamos essa escola e por lá ficamos por quase uma semana, durante essa semana, é... houve grande conflito, grande pressão por parte da administração da época, por parte das lideranças retrógradas do município, então, eles pagaram, incentivaram pra apedrejar o pessoal dentro da escola. (Sr. Moisés, assentado do PA Mimoso).

A professora Tonica associa a reação da população ao estigma que os assentados sofriam na época junto aos moradores de Arinos:

Aí, como tudo o que o movimento conquistava era por meio de lutas, eles vieram prá cá pra Arinos, pr'uma movimentação... e foram pra frente da prefeitura, e na época eles foram atacados com pedras pela própria população da cidade de Arinos porque sem-terra não era bem visto aqui em Arinos. Na verdade, foi de muito pouco tempo prá cá que a gente conseguiu um certo respeito, mas a gente não era bem visto aqui. Eles foram atacados com pedra, na época eles dizem que foi... próprias pessoas da administração que articularam pessoas da comunidade pra atacar. Atacou com pedras, depois, quando eles foram atacados com pedras na prefeitura, eles recuaram pra dentro da escola Major Saint Clair. E lá dentro dessa escola Major Saint Clair, teve até uma mãe [grávida] que perdeu o filho dela, jogaram bomba, como se fosse uma guerra mesmo, e lá dentro tinha criança, tinha mulheres, e aí eles jogaram bombas, pedra, a população. E a gente, na verdade, não sabe quem foi. (...) E aí teve perca de bebê nessa luta pela escola. Mas, moral da história, teve tudo isso, a mãe perdeu o filho, mas conseguiu o direito da escola. (Tonica, assentada do PA Chico Mendes, professora no acampamento e no assentamento).

O episódio em que a acampada grávida perdeu o seu filho é mencionado por muitos dos assentados que ouvimos. Quando estávamos finalizando a pesquisa de campo, conhecemos toda a família desse pai e dessa mãe que perderam seu primeiro filho na ocupação da Major Saint Clair. Falávamos sobre a educação das crianças e jovens do PA Chico Mendes quando aquele assentado nos surpreendeu com seu depoimento:

(...) foi uma luta muito assim dolorosa, mas conseguimos, né. A minha esposa mesmo, na época pra conseguir esse colégio, ela tava grávida recente do primeiro filho, na luta lá no outro colégio lá na cidade de Arinos, ela ganhou uma tijolada nas costas e perdeu o primeiro filho. Mas é a tal coisa, faz parte da vida também, o que a

gente queria, a gente conseguimos, graças a Deus, tá lá, é o sonho. (...)A gente sempre fala (...) que essa escola nossa sempre é deferenciada das outras, através desse motivo. (Sr. Zacarias, assentado do PA Chico Mendes).

A fala de um ex militante do MST mostra como a percepção dos moradores da cidade com relação aos assentados era no sentido de toma-los como invasores:

A Major Saint' Clair foi ocupado lá. Aí naquela época os pessoal de Arinos também não era apoiador. Hoje sim, hoje eles apoiam porque o pessoal que trabalha ali, a maioria é de Arinos, na escola. Mas, então, naquela época, o pessoal de Arinos também era contra a gente... Igual eu te disse, os fazendeiros na época, Arinos antigamente era uma cidade comandada por fazendeiros, né? Então o que os fazendeiros queriam era o que a população toda queria. Então o fazendeiro foi contra o assentado, então o pessoal, a cidade parece que toda se revoltava. Então foi espedrejado lá. Nós teve companheiro que ganhou pedrada que quase quebrou a cara, quase ficou cego, da população. A mulher perdeu o nenê lá nessa ocupação da escola. A gente fez isso pra gente conseguir ela (a escola) aí. (Sr. Tião, assentado do PA Chico Mendes, ex-militante do MST).

O depoimento de um professor de Arinos evidencia a presença do MST como principal orientador nos acontecimentos e a ocupação como uma forma de protesto que chamasse a atenção do poder público:

(...) os pais trouxeram os seus filhos pra cidade pra mostrar pro governo estadual que eles tem alunos no campo, que a escola teria que ser colocada no campo. (...) E o MST, eles sempre colocaram que, e era o lema deles, que as coisas acontecem com a luta, que tinha que lutar e não ficar esperando a promessa (...)O mais dramático, não sei ou traumático, foi a própria polícia que foi acionada por conservadores aqui, a polícia, que eles fizeram voo rasante com helicóptero dentro da escola. Os trabalhadores estavam

dentro da, na quadra de esportes da escola, não era uma quadra coberta, e o povo tava lá dentro, a escola fechada, os trabalhadores entraram, eu não sei precisar a quantidade, mas eu creio que tinha mais de 100 pessoas lá dentro, né, incluindo ali crianças, pais e lideranças do movimento. E aí o helicóptero da polícia veio, fez voo rasante, poeira pra todo lado e o povo tava com vasilha lá, panela e o vento da hélice do helicóptero derrubou, fez o maior estardalhaço dentro da escola. A escola ficou cercada. A cidade foi mobilizada (...) os curiosos ficaram ao redor da escola e alguns, uma minoria mais exaltada, querendo esse confronto. (Fernando, professor na cidade de Arinos).

Outro assentado, ligado ao MST, entende que a ocupação era uma forma de trazer à público um projeto de educação no campo:

(...) a gente resistiu, aí na pressão, uma das maneiras de resistir foi a ocupação da escola na época pra pressionar as autoridades e trazer a público à sociedade do que a gente pensava da educação do campo no campo, que a gente achava que seria assim um erro muito grande trazer as crianças do campo pra cidade. (Osmar, assentado do PA Carlos Lamarca, ligado ao MST).

Durante uma semana, aproximadamente, a Escola Estadual Major Saint' Clair ficou ocupada pelos assentados. Eles acreditavam que a mobilização pressionaria as autoridades políticas a autorizar o funcionamento e a construção da escola no assentamento.

Eu participei mais diretamente nas articulações por fora, né, eu [junto com] professor Fernando, como articulador, como negociador, ligando pra deputado, ligando pra superintendente do INCRA. (...) e fomos avançando, negociando, foi muito difícil. (...) o governador forçou a delegada de ensino vir cá e negociar a escola, a concessão da escola. (...) enfim, toda a comissão que reivindicava a escola, participou dessa reunião, e o governador da época, Itamar Franco, através da delegada, deu a palavra que todo mundo

esperava (...), o pessoal saiu de lá cantando vitória e felizes apesar de ter que sair escoltado no ônibus fechado, porque senão sairia apedrejado pelo povo da cidade. (Moisés, assentado do PA Mimoso).

O saldo dessa ação foi a autorização do funcionamento de uma extensão da Escola Estadual Major Saint' Clair no assentamento Chico Mendes com as séries finais do Ensino Fundamental, já que as séries iniciais estavam sob a responsabilidade do município.

Para viabilizar o funcionamento das turmas, os assentados adaptaram parte das instalações da antiga sede da fazenda como salas de aula. Dentre essas instalações, estava um curral que foi dividido com placas de madeirite. Depois de algum tempo, as salas do curral foram divididas com tijolos.

Conversamos com o prefeito da época e, ele afirmou nunca ter agido intencionalmente no sentido de impedir o funcionamento da escola na comunidade. Segundo o ex-prefeito, foram a falta de recursos e o número insuficiente de alunos que impossibilitaram que a prefeitura priorizasse a construção da escola no assentamento Chico Mendes.

2.3 - O curral que virou escola: "(...) e o pessoal em volta foi se matriculando."

A primeira escola no assentamento enseja uma improvisação de espaço que precisou contar com o envolvimento dos assentados. As falas a seguir mostram várias visões sobre a atuação do MST no que diz respeito as organizações das ações (decisões) e ao trabalho de colocar a "mão na massa".

Para Dona Rosa, apesar de todas as críticas que faz ao movimento do qual se desligou, todo mundo trabalhava e eram justamente os "cabeças", como ela diz (com o exemplo da organização do curral), quem começavam, e só aí as demais pessoas iam aderindo. Vilma, que era professora e não se envolveu na militância, também afirma que não havia hierarquia na hora "de pegar no pesado", que a liderança de fora era a primeira a dar o exemplo. Entretanto, em outras falas, os assentados transmitem-nos a impressão de que havia sim uma diferença significativa entre quem tomava decisões e quem as cumpria:

Na época era o movimento que comandava. A gente participou porque na época eles que determinava o que tinha que ser feito, e o que não tinha.(...) Então, os cabeça mesmo vinha de fora pra trazer notícia ou negociar alguma coisa lá, vinha só mesmo pra fazer reunião aí e voltava pra trás. (Lucas, assentado do Chico Mendes).

O senhor Messias, já se contradiz ao tratar do quão democráticas eram as decisões. Quando fala das ocupações, como a ocupação da escola, o procedimento parece aberto:

(...) age dessa forma, senta as liderança, discute o problema, (...) Pela liderança foi aprovado, agora vão ver se o sembleião vai aprovar, pra nós, (...) como é que fala, se fecha não só na liderança, a liderança dá um rumo, mas quem decide é a massa, é o povão.

Em outro momento de sua fala, a atuação da liderança é mostrada sob outro prisma:

Aqui é só um, liderança é assim, falou: faz isso, o povo acata na hora, o povo faz. Então você tem o controle de todo aquele povo. Pode ser duzentos povo, você é a liderança principal, você tem o controle deles. Eles não passam por cima das suas ordens, então, é um povo ordeiro.

A respeito dessas contradições na atuação do MST, Sales (2006) considera importante a compreensão de que o Movimento nasceu com o apoio da Igreja Católica e tem suas raízes no mundo rural, o que significa

(...) ter uma herança de práticas e referências arcaicas (...) Por isso, é possível pensar que, mesmo em suas ações libertadoras, essas organizações podem repetir, sem perceber, concepções conservadoras, reproduzindo assim modos de subjetividade dominante. (Sales, 2006:112).

As impressões acerca do funcionamento da escola nesse espaço também divergem entre os assentados. A imagem da escola no

assentamento aparece como alguma coisa que foi contaminando as pessoas, os assentados ‘foram se matriculando’. O que significa dizer que eles aderiram à ideia de uma escola que podia funcionar dentro do assentamento, mesmo que fosse num antigo curral limpo pelos próprios assentados. Foi possível perceber que aqueles ligados à militância são mais otimistas, talvez pela representação (da resistência do movimento) que o uso do curral trazia consigo:

(...) a gente fechou um grande curral que era da sede, pedimos contribuição da prefeitura, na época e nas lojas, a gente mesmo, os próprios assentados, e a gente pegou e readaptou esse curral, é e aí fez as salas, um barracão, né, antigamente de confinamento de gado e permaneceu um longo período como espaço da escola. (Osmar, assentado do PA Carlos Lamarca, ligado ao MST).

Para o senhor Tião, a adaptação da escola trazia ainda a possibilidade de os filhos permanecerem no assentamento e ajudarem os pais nos trabalhos com o lote:

Aí nós tiramos, desmanchamos o curral, aproveitamos o barracão e aí funcionava o estado lá de primeira a oitava e o município trabalhava na casa sede que era do fazendeiro.(...) Às vezes alguma coisa que faltou pra melhorar, a gente pedia o apoio da prefeitura, o prefeito da época ajudava, dava os materiais e nós entrava com a mão-de-obra e fazia, a gente fez tudo aí. Aí conseguimos... já foi uma grande conquista deixar os meninos... tirar essas viagens deles, né? Que eles pudessem descansar mais, tava em casa, tava ajudando os pais, estudando e movimentando aí dentro do assentamento, já foi um grande ganho. (Tião, assentado do PA Chico Mendes, ex-militante do MST).

A fala de um assentado não militante do MST dá mais ênfase a todo o trabalho de limpeza do curral para que a escola viesse a funcionar:

Quando eu entrei aqui pra acampar, veio três menina mais velha minha, nós construiu uma

escolinha "tortas a direita" ali no acampamento, né, construímo a igrejinha também. Aí esses menino estudava aí, depois nós passemos ali onde tem aquele barracão véi onde era uma escola que aquela (nome da diretora) movimentava, né. (...), passemos pra lá, limpemos aquilo, cortemos aquele esterco que aquele trem tava dessa altura ali naquele barracão, cortemos aquele trem tudinho no enxadão, carriemos pra fora nos carrim de mão, joguemos tudo prá fora. (...) Era um curral, justamente. Aí, tiremos esse trem tudo, lavou tudo, lá bem arrumadim. A escolinha dos menino era lá. E aqui foi, né, foi e o pessoal em volta foi matriculando os alunos deles aí e aquilo foi crescendo, foi crescendo e hoje deu no que deu, que hoje se transformou nesse colégio aí, né. (Sr. Joaquim, assentado do PA Chico Mendes).

A professora e os alunos ouvidos, talvez por atribuírem maior importância às condições de aprendizagem, apresentam outra visão:

(...) era difícil prá caramba você conseguir ensinar, sabe? Até porque nós trabalhávamos em situação precária. A divisória das salas eram de madeirite, então, o que eu ensinava, o outro professor ouvia. Às vezes eu estava falando com os meus alunos, os alunos da outra sala respondiam porque o som se misturava. Então, era tudo isso, era... não tinha estrutura prá receber uma escola e tinha que se ensinar. Não tinha condições de funcionar, mas tinha que ensinar. (Tonica, assentada do PA Chico Mendes, professora no acampamento e no assentamento).

Daí, quinta série eu já fiz lá no Chico Mendes que foi o barracão. O barracão era bem barulhento, viu? Eu estudei lá de quinta a oitava série. (Cláudia, assentada do PA Carro Quebrado, hoje acadêmica do Curso de Tecnologia em Produção de Grãos no IFNMG).

A gente estudava...pode dizer, num barracão... no curral mesmo. Até que as vezes a gente achava ruim. Às vezes chovia, às vezes molhava muito. (Gabriela, assentada do PA Carlos Lamarca,

aluna do primeiro ano do ensino médio na escola Chico Mendes).

(...) nós estudava , era bem do lado de fora, era tipo um curral onde nós estudava. Era de madeira, e nós estudava de manhã, aí fazia muito frio. Tinha parede de madeira, aí o teto tinha uma boa parte sem cobertura, aí fazia bastante frio. Aí na época da chuva nós tínhamos que ir pra dentro de um barracão que tinha lá. Que também tinha aula, aí nós tinha que ir pra lá. Eram dois barracões e esse curralzinho assim. Alguns estudavam no curral e outros no barracão. Aí lá tinha umas salas separadas, aí dividia. Alguns que estudavam dentro do barracão era só uma sala só. (Roberto, assentado do PA Carlos Lamarca, aluno evadido do IFNMG. Hoje cursa do primeiro ano do ensino médio na escola Chico Mendes).

Daí em diante, os assentados envolveram-se em outra luta, esta para a construção do prédio da escola. Foram várias negociações entre o INCRA, que precisaria demarcar um terreno, a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais e os assentados. Somente em 2010, o decreto 45519 autorizaria o funcionamento da Escola Estadual Chico Mendes nas novas instalações. Em 2012, o Decreto Lei 20534/2012 criou oficialmente a escola.

2.4 - A nova Escola Chico Mendes e o lugar do antigo projeto de educação para os assentados

A nova escola passou a funcionar em 2011, oferecendo o Ensino Fundamental do sexto ao nono ano, o programa Reinventando o Ensino Médio (REM), o Projeto de Tempo Integral (PROETI) e a Educação de Jovens e Adultos. Além disso, o governo municipal continuou oferecendo nesse espaço as séries iniciais do Ensino Fundamental. O programa Reinventando o Ensino Médio acontece com as disciplinas da Base Nacional Comum associadas a uma parte diversificada ligada a áreas de empregabilidade com vistas à inserção dos alunos no mundo do trabalho. Na Escola Estadual Chico Mendes, optou-se pela área de Tecnologia da Informação com uma carga horária de 166:40 horas, ou seja, durante os três anos os alunos tem uma carga

horária específica semelhante à carga horária anual de uma disciplina do núcleo comum, como Língua Portuguesa, por exemplo.

No Projeto de Tempo Integral, destinado aos alunos que cursam do sexto ao nono ano, os alunos voltam à escola para mais um turno em que acontecem acompanhamentos pedagógicos (reforço) em Língua Portuguesa e Matemática, e também atividades e projetos ligados aos temas de cultura e arte, esporte e lazer, cibercultura, segurança alimentar nutricional, educação socioambiental, e direitos humanos e cidadania.

A Educação de Jovens e Adultos funciona no período noturno. A proposta pedagógica da escola baseia-se na teoria interacionista, adotando "o professor como mediador no processo de aquisição do conhecimento e na interação entre os alunos".

A estrutura física da escola conta com 10 salas de aula, 1 laboratório de informática, 1 sala de línguas, 1 biblioteca, 1 sala de professores, 1 sala de supervisão, 1 sala de direção, 1 secretaria, 1 cantina, além da quadra, pátio e banheiros. O prédio é equipado com rampas para atender as pessoas com Necessidades Especiais.

Ao nos apresentar a escola, a diretora refere-se à quadra como o "shopping" da comunidade, no sentido de um ponto de encontro de jovens. De acordo com várias pessoas entrevistadas, essa quadra é utilizada livremente pela comunidade, inclusive nos finais de semana, mas apenas para atividades esportivas, sobretudo o futebol, que aparece na fala dos assentados como a única forma de lazer dos jovens. As moças, portanto, aparecem excluídas desse entretenimento exclusivamente masculino neste assentamento.

É importante esclarecer que o funcionamento da escola "do estado" e da escola "do município" acontece de forma totalmente independente. À primeira vista as duas redes não "conversam" e não desenvolvem nenhum projeto de forma coletiva. Duas professoras entrevistadas relataram existir conflitos entre os servidores das duas redes. Como não tivemos oportunidade de aprofundar esta situação, ele não será mencionado nesta dissertação. As informações sobre a escola expostas neste capítulo referem-se exclusivamente ao funcionamento da escola estadual, visto que os alunos que acompanhamos cursam o ensino médio nesta rede.

O relacionamento dos pais com a escola é assunto do texto do Projeto Político Pedagógico. Neste documento, os assentados são mencionados como frequentes e atuantes em reuniões, encontros, cursos, palestras, eventos, projetos e conselhos de classe.

Nas várias visitas que fiz à Escola Estadual Chico Mendes, tive a oportunidade de observar os recreios no turno da manhã e a merenda servida na escola. Minha impressão de que a merenda é pouco diversificada e de que quase não se serve verduras e legumes foi confirmada por uma das professoras que afirmou que arroz, feijão, macarrão e linguiça (às vezes) é o cardápio mais frequente na merenda escolar. As hortaliças são servidas apenas quando alguma família dos próprios alunos faz doações para a escola.

O Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Chico Mendes informa que a criação da escola foi justificada em virtude do prejuízo na carga horária dos alunos por causa da deficiência do transporte escolar. Este mesmo documento reconhece que a criação da escola foi fruto da ocupação dos "sem-terra" no ano 2000 na Escola Estadual Major Saint Clair e das reconhecidas condições "subumanas" dos alunos na escola do curral. A influência dos assentados (ou da proposta educacional do MST) na Escola Estadual Chico Mendes encerra-se nesta menção à ocupação de 2000.

Nos princípios, missão, visão, objetivos e metas da escola não há nenhuma referência específica à condição de assentados de seu público-alvo ou sequer ao fato de ser uma escola de zona rural. Quando perguntamos à supervisora se a escola não desenvolvia nenhum tipo de projeto ligado ao campo, ela falou apenas sobre o grande desejo que a escola tem de criar uma horta e um pomar, mas que eles nunca conseguiram levar o projeto adiante e aguardam alguma parceria nesse sentido. Ela mencionou um projeto em parceria com o IFNMG que aconteceu em 2012. Neste projeto, os pais do assentamento tinham aulas teóricas e práticas de produção agroecológica. A supervisora nos mostrou a grande área dentro da escola que era destinada a horta deste projeto e que encontra-se hoje abandonada.

Embora não tenhamos encontrado vestígios da antiga influência do MST e dos pensamentos que mobilizaram os assentados na época de criação do assentamento e da escola, um acontecimento recente mostra que ainda existem resquícios da antiga forma de luta dessa comunidade

que aprendeu a conquistar benefícios "à pedradas". Em fevereiro de 2012, a comunidade foi notícia na TV Rio Preto, canal de televisão da cidade de Unaí. O título da matéria veiculada na televisão e hoje disponível na internet¹⁸ causa espanto: "Pais proibem que seus filhos assistam às aulas".

Apesar do título, a reportagem trata da mobilização dos pais dos alunos da Escola Estadual Chico Mendes contra a junção das turmas dos anos finais do ensino fundamental. Segundo resolução da Superintendência Regional de Ensino na época, as turmas de sexto e sétimo ano, bem como as de oitavo e nono ano naquela escola deveriam ser unificadas. Os pais mobilizaram-se contra a junção das turmas permitindo que seus filhos fossem à escola, mas proibindo-os de entrar nas salas de aulas. A mobilização chamou a atenção da cidade de Arinos e de cidades vizinhas. A equipe de reportagem da TV Rio Preto procurou explicação junto à SRE, e a supervisora de recursos humanos justificou a necessidade de unificar as turmas pelo número reduzido de alunos. Ela afirmou, no vídeo da reportagem, que isso é feito no estado de Minas Gerais principalmente em escolas de comunidades rurais, mas que isso não traria nenhum prejuízo à aprendizagem dos alunos. Após a mobilização, a junção das turmas não aconteceu.

Amparada em vários estudos e pesquisas acadêmicas, D'Agostini (2011) aponta que as propostas pedagógicas das escolas do MST tem se efetivado de forma superficial e imediatista quer seja pela formação precária dos professores ou pelas próprias condições materiais da educação brasileira. A autora aponta ainda uma disputa entre o MST e o Estado. Esta disputa pode ser constatada desde o financiamento e a construção de políticas educacionais até elementos de estruturação das escolas. Se por um lado, a influência do MST se mostra pelos símbolos do Movimento presentes nas escolas, nos materiais, na mística, na inclusão de conteúdos específicos, por outro lado:

Por parte do Estado, pode se verificar a necessidade de controle das escolas na contratação e rotatividade dos professores na fiscalização e exigência de cumprimento do plano de ensino das secretarias, nos materiais didáticos, na busca de neutralidade aparente das escolas, na gestão

¹⁸ www.tvriopreto.com.br/portal/?p=20100

escolar e até no fechamento e nucleação de escolas. (D'Agostini, 2011: 172-173).

Uma professora contratada da Escola Chico Mendes e que desempenha a função de professora da família, nos falou sobre o seu trabalho com os alunos do Ensino Médio que acontece por meio de visitas domiciliares aos alunos com maiores possibilidades de evasão. Além das visitas e do constante diálogo com pais e alunos, a professora Elen acompanha o rendimento desses alunos nas diversas disciplinas e desenvolve projetos interdisciplinares dentro da escola.

Ela nos falou sobre a realidade dos alunos que acompanha mencionando casos de menores que moravam sozinhos no assentamento (casos em que os pais conseguem algum trabalho na cidade) ou de pais separados que deixaram os filhos "para trás"¹⁹. Vários desses jovens já tem problema com alcoolismo. A professora disse ainda que a minoria dos pais (dos alunos dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio) é presente na escola e que os poucos que vem às reuniões são sempre tímidos. A participação mais ativa na escola parece ser dos pais das crianças, segundo nos informou também outros servidores. Esta informação contraria a fala da diretora e de alguns pais. Elen nos fala ainda sobre a alta incidência de casos de distorção idade/série que a escola tenta minimizar valendo-se da prática de reclassificação dos alunos.

Dos alunos que acompanha, a professora informa que a maioria trabalha no lote ajudando os pais, seja no plantio, cuidado com o gado ou manejo de tratores. Na opinião dela o trabalho com a horta ou algo ligado ao campo não acontece na escola porque os alunos não tem interesse em fazer na escola o trabalho que já fazem em casa. O próprio projeto do Programa Reinventando o Ensino Médio, cuja área escolhida foi Tecnologia da Informação é uma evidência, ainda sob o ponto de vista da professora Elen, de que os alunos do assentamento não se interessam pelo trabalho agrícola.

¹⁹ Sobre estes casos, a professora informa que o Conselho Tutelar já tomou conhecimento e providências.

2.5 - Jovens assentados: do barracão ao Campus do IFNMG

Já foi mencionado que algumas famílias optam que seus filhos cursem o ensino médio no IFNMG. Esta, inclusive é a realidade de onze dos treze alunos cujas trajetórias foram analisadas nesta pesquisa. Sendo assim, entendemos que é necessário contextualizar a presença e atuação do IFNMG junto aos assentamentos pesquisados.

O IFNMG passou a funcionar na cidade de Arinos no ano de 2009, assumindo o compromisso de intervir na região através da identificação de seus problemas e da criação de soluções tecnológicas para o desenvolvimento sustentável, com inclusão social. O Plano de Desenvolvimento Institucional previa "uma atuação governamental ativa, objetivando promover, por meio da participação da educação, a transformação de uma região há muito esquecida pelas políticas públicas sustentáveis". Uma das justificativas utilizadas para a criação de um campus no Noroeste de Minas era o fato de a região ter alta concentração de propriedades rurais e de assentamentos da Reforma Agrária. O documento menciona ainda a insuficiência de serviço de assistência técnica e extensão rural e a baixa inovação tecnológica que tem como consequência níveis baixos de: produtividade, renda, rentabilidade, conexão com os mercados consumidores e desencadeia na migração precoce dos jovens da região para os grandes centros como Brasília, São Paulo e Belo Horizonte. O IFNMG compromete-se a agir na mudança dessa realidade.

Fundamentado nesses compromissos, o IFNMG - Campus Arinos tem oferecido, desde então:

- os cursos técnicos em Agropecuária e Informática nas modalidades concomitante e integrada ao ensino médio;
- os cursos técnicos em agropecuária, administração, informática e meio ambiente na modalidade concomitante e/ou subsequente ao ensino médio;
- os cursos superiores de Tecnologia em Produção de Grãos, Tecnologia em Gestão Ambiental, Bacharelado em Administração e Bacharelado em Agronomia;
- diversos cursos técnicos na modalidade EAD;

- diversos cursos de capacitação por meio do PRONATEC.

Desde a sua criação, o IFNMG tem investido e aperfeiçoado as formas de divulgação de seus processos seletivos e vestibulares que ocorrem duas vezes ao ano. A política de divulgação compreende o uso da televisão, rádio, carros de som e material impresso, além de visitas de uma comissão de divulgação em todas as escolas do município de Arinos (incluindo as escolas da Zona Rural e das áreas de assentamentos) e nos nove municípios de sua área de abrangência: Buritis, Formoso, Arinos, Cabeceira Grande, Unaí, Uruana de Minas, Bonfinópolis, Natalândia e Dom Bosco. Foi por meio desta divulgação (e também do contato com outros alunos assentados que já estudam no IFNMG) que os alunos assentados passaram a conhecer os cursos e as oportunidades de ingressar nesta Instituição.

Hoje o acesso aos cursos superiores acontece por meio do vestibular tradicional e pelo SISU. As vagas são divididas da seguinte forma: 50% para ampla concorrência e 50% para o sistema de reserva de vagas (utilizando tanto as cotas raciais quanto os critérios que consideram egressos de escola pública e renda).

Os cursos técnicos de nível médio são acessados por meio de processo seletivo com provas objetivas de Língua Portuguesa e Matemática. O sistema de reserva de vagas também é utilizado como no ensino superior desde o ano de 2012.

Dos alunos que fizeram parte desta pesquisa, apenas dois acessaram o IFNMG por meio do sistema de cotas. Os alunos dispõem ainda das possibilidades de acessar bolsas de iniciação científica e de assistência estudantil.

As bolsas de iniciação científica são oferecidas através de editais que variam em suas exigências. Algumas agências de fomento exigem que os projetos sejam cadastrados pelos professores. São eles que, uma vez que seus projetos tenham sido selecionados, escolhem os alunos bolsistas por afinidade²⁰ com a disciplina ou rendimento escolar. As bolsas para outros projetos, sobretudo os de extensão, são de livre

²⁰ Nos casos dos alunos João e Paulo, como descrito no capítulo 3, as bolsas foram oferecidas a eles por terem sido voluntários no projeto do professor durante um ano.

concorrência por meio de editais que são amplamente divulgados nas salas de aula.

O Programa de assistência estudantil é destinado aos estudantes regularmente matriculados em cursos de nível técnico e de graduação presenciais do IFNMG. O Programa é composto pelas modalidades de auxílio alimentação (120 reais durante 9 meses), auxílio transporte (70 reais durante 9 meses), auxílio moradia (140 reais durante 12 meses), auxílio permanência (300 reais durante 12 meses), auxílio itens escolares (os alunos selecionados recebem uma parcela única no valor de 80 reais para aquisição de itens escolares), auxílio uniforme (os alunos selecionados recebem uma parcela única no valor de 100 reais para aquisição de uniformes), auxílio cópia e impressão (20 reais mensais durante um ano letivo) e auxílio lanche (assistência alimentar ofertada no campus em forma de lanche no intervalo de aula).

A partir de outubro de 2014, o campus passou a ofertar os sistemas residencial e semirresidencial que foram acessados por três dos alunos assentados que entrevistamos (2 alunos no sistema semirresidencial e 1 aluno no sistema residencial).

No residencial os alunos moram no IFNMG e tem direito a 4 refeições diárias (desjejum, almoço, jantar e ceia), atendimento social, psicológico e nutricional e ainda são priorizados nos atendimentos médico e odontológico. O sistema residencial está disponível apenas para alunos homens.

No semirresidencial eles ficam na escola durante o dia, tendo direito a 2 refeições diárias (desjejum e almoço), podem utilizar o vestiário para banho e troca de roupas, atendimento social, psicológico e nutricional e também são priorizados nos atendimentos médico e odontológico. No fim do dia, eles retornam para casa. O sistema semirresidencial está disponível para alunos e alunas do campus.

Para inscrever-se nos programas de assistência estudantil, os alunos precisam preencher um questionário socioeconômico, apresentar a documentação exigida e comparecer a uma entrevista, caso seja convocado. A seleção dos alunos é feita por comissão designada por portaria interna e presidida pela assistente social do campus.

O edital de Assistência Estudantil é amplamente divulgado: no site, nos murais da Instituição, nos dias de processo seletivo (como

forma de incentivar os candidatos a matricularem-se) e em todas as salas de aula do Campus, trabalho que é feito pela própria assistente social. A rede de ensino técnico federal a nível nacional tem investido na assistência estudantil como ação de combate à evasão, visto que é um problema já reconhecido oficialmente.

Há um esforço para que todos os alunos do IFNMG - Campus Arinos sejam informados e orientados sobre os requisitos e os procedimentos para concorrerem às bolsas de assistência estudantil.

O sistema de reserva de vagas visa ampliar as possibilidades de ingresso, já as bolsas de iniciação científica e a assistência estudantil objetivam minimizar a evasão, oferecendo condições para que o aluno consiga ajudar no custeio dos seus gastos enquanto estuda. Tais ações, não são específicas para o público assentado, entretanto, a assistente social da Instituição nos explica que este público acaba sendo o mais favorecido em auxílios como o de transporte, aluguel (quando mudam-se para a cidade) e alimentação, já que a classificação é feita considerando indicadores de vulnerabilidade que avaliam se a situação socioeconômica do aluno é suficiente para sua manutenção no IFNMG.

O acolhimento aos novos alunos é feito no início do ano letivo (Semana de Ambientação) e eles participam de palestras, apresentações com os coordenadores de cada curso que contextualizam a atuação profissional da área em que o aluno está matriculado (Informática, Agropecuária, Administração, etc.), orientações pedagógicas sobre o funcionamento da escola, quantidade de disciplinas, processos de recuperação, avaliações e projetos de reforço, além de orientações sobre os serviços da assistente social e da psicóloga. Neste evento, ainda não existem programações exclusivas para os alunos assentados.



Figura 12: Frente da instalação da antiga sede que foi utilizada para salas de aula

(Foto da autora - Agosto de 2014)



Figura 13: Fundos da instalação da antiga sede que foi utilizada para salas de aula

(Foto da autora - Agosto de 2014)



Figura 14: Garagem onde funcionavam as aulas dos anos iniciais do Ensino Fundamental
(Foto da autora - Agosto de 2014)



Figura 15: sala de aula dentro do curral
(Acervo da professora Vilma - 2001)

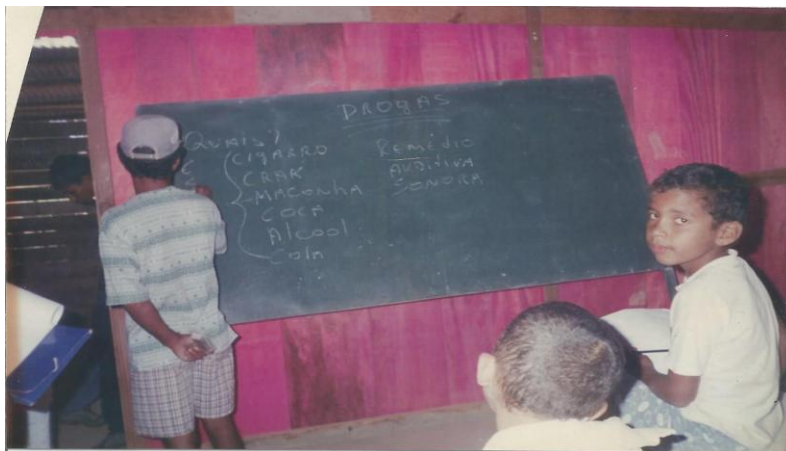


Figura 16: sala de aula dentro do curral, divisórias feitas com placas de madeirite
(Acervo da professora Vilma - 2001)



Figura 17: vista externa do curral - espaço utilizado como pátio
(Acervo da professora Vilma - 2001)



Figura 18: sala de aula dentro do curral
(Acervo da professora Vilma - 2001)



Figura 19: Vista da frente do curral já com paredes de tijolos
(Foto da autora - Agosto de 2014)



Figura 20: sala de aula do curral já com paredes de tijolos
(Foto da autora - Agosto de 2014)



Figura 21: Vista lateral do curral já reformado
(Foto da autora - Agosto de 2014)



Figura 22: Banheiros dos alunos no curral
(Foto da autora - Agosto de 2014)



Figura 23: Vista Lateral da Escola Estadual Chico Mendes
(Foto da autora - Agosto de 2014)



Figura 24: Sala de aula (Foto da autora - Novembro de 2014)



Figura 25: Laboratório de Informática (Foto da autora - Novembro de 2014)



Figura 26: Biblioteca (Foto da autora - Novembro de 2014)



Figura 27: Instalações com acessibilidade (Foto da autora - Novembro de 2014)



Figura 28: Espaço que deveria ser destinado à horta da escola. (Foto da autora - Novembro de 2014)

CAPÍTULO 3

As trajetórias dos jovens assentados

Carneiro (2011) afirma que existe um estereótipo do jovem rural e que foi construído a partir de uma visão urbana da noção de juventude. A autora nos alerta para a impossibilidade da construção de um tipo ideal do jovem rural, visto que as variáveis (condições econômicas, identidades de gênero, grau de escolaridade, etc.) mostram a fragilidade de se tentar criar uma definição.

Castro et al. (2009) falam sobre o *duplo enquadramento* que as pessoas identificadas como *jovens* e *rurais* vivenciam: por um lado carregam as imagens pejorativas e a desvalorização do mundo rural no espaço urbano, tais como a identificação de atrasados, roceiros, peões; por outro lado, são deslegitimados pelos próprios pais ou outros adultos do meio rural que os consideram demasiadamente urbanos. Sendo assim, podemos identificar a juventude rural como uma categoria inferiorizada tanto nas relações familiares quanto nas relações com a sociedade.

O grande paradoxo dessas relações, é que essa mesma categoria inferiorizada, é fortemente "usada" nos discursos dos próprios pais e dos movimentos sociais rurais como sinônimo de renovação e futuro.

A categoria "juventude" é analisada de forma muito genérica e homogeneizante. Como definiria Bourdieu (1983), é um dado "socialmente manipulado e manipulável", uma categoria pré-construída.

Os dados da pesquisa de Carneiro (2001) confirmam que a população jovem e seus pais entendem ser a educação a melhor forma de alcançar uma ocupação mais bem remunerada e menos penosa que a agricultura. É dessa forma que a cidade passa a ser vista pelos pais como alternativa para que os filhos consigam uma vida melhor.

Percebe-se uma tensão entre a proposta inicial do MST de uma educação voltada para a realidade do jovem na agricultura e o desejo expresso pelos jovens e seus familiares de sair da agricultura. A esse respeito, perguntamos aos pais de alguns alunos (alguns deles antigos

milитantes do Movimento) como eles veem este desejo dos jovens. A resposta unânime foi de que o trabalho com a terra não tem boas perspectivas futuras que sejam condizentes com pessoas "estudadas". Os pais desejam melhorar as condições de vida no assentamento para que eles próprios vivam melhor, mas desejam um trabalho "menos árduo" para os filhos.

A pesquisa de Carneiro (idem) revelou ainda que a avaliação positiva da escola possui um efeito mobilizador nos jovens que a consideram importante para a realização dos projetos individuais tanto como facilitadora no acesso ao mercado de trabalho como quanto espaço de sociabilidade. Isto aparece também neste trabalho, pois 100% dos jovens entrevistados fizeram referência à escola (ou ao diploma) como imprescindível para alcançar o futuro que almejam.

Bourdieu (2007) destaca o papel fundamental do capital cultural de origem doméstica. Ele considera que os bens econômicos não representam a única forma de riqueza que diferencia os sujeitos na hierarquia social. Na explicação das desigualdades escolares - através do conceito de capital cultural - o autor defende o fator cultural como tão relevante quanto o econômico e afirma o "capital cultural" em três estados, todos eles relacionados diretamente com a cultura das classes dominantes:

Capital cultural incorporado: manifesto através de comportamentos os quais tornam-se propriedades físicas facilitando a aprendizagem escolar e funcionando como uma ponte entre a escola e o mundo da família. São exemplos do capital incorporado o domínio da língua culta e os gostos estéticos. Capital cultural objetivado: configurado pela posse de bens materiais que representam a cultura dominante como obras de arte, livros e dicionários, por exemplo. Capital cultural institucionalizado: materializado pela certificação de competência cultural adquirida através diplomas e variados certificados escolares.

Do ponto de vista do autor, o capital cultural em seus três estados representa o componente da herança familiar de maior peso na definição do futuro escolar. É a posse desse capital aquilo que favorece o desempenho escolar facilitando a internalização de seus conteúdos.

Neste capítulo, apresentamos de forma narrativa treze entrevistas, sendo sete realizadas com os alunos assentados e outras seis

entrevistas realizadas com esses jovens e com suas famílias²¹. Os trechos que consideramos mais significativos foram transcritos na sua forma original. O tempo das entrevistas variou entre 20 e 40 minutos.

As questões das entrevistas foram divididas em dois grupos, tanto para os pais, quanto para os alunos, e o modo de formulação variou. Em alguns casos, as pessoas ficavam muito à vontade e se antecipavam ao que íamos perguntar. Em outros casos, a realidade ao nosso redor tornava a pergunta desnecessária ou mesmo insensível.

Os comentários dos assentados apresentados a seguir são representativos e constituem os trechos mais interessantes das entrevistas ou aquilo que havia de mais comum entre as trajetórias, como por exemplo, a dificuldade de acompanhamento da vida escolar dos alunos por parte dos pais. Por outro lado, fizemos questão de reproduzir também alguns casos que se mostraram muito singulares.

3.1 - Jovens do PA Chico Mendes



Figura 29: Sede do PA Chico Mendes (Foto da autora - Fevereiro de 2015)

²¹ Buscamos informações sobre o número de crianças e jovens em idade escolar nesses assentamentos, mas não conseguimos os dados.

O assentamento Chico Mendes foi criado pela Portaria 21/2000 do INCRA e originou-se da Fazenda Roça, de propriedade do senhor Raimundo Campolina Diniz. Este assentamento dista 30 quilômetros da cidade de Arinos. Seu nome, assim como o do PA Carlos Lamarca representa a influência da mística do MST. Para Turatti, a mística do MST funciona como o "cimento ideológico" utilizado para conscientizar as bases do seu papel de transformação da sociedade:

Ora, todo sem-terra deveria reconhecer a bandeira do MST ao longe, saber de cor o hino do Movimento, conhecer a história de seus mártires: Zumbi, Antônio Conselheiro, Padre Josimo, Margarida Maria Alves, Chico Mendes... Nessas formas simbólicas repousa a emissão da mística, ideologia com função simbólica determinada: fazer o sem-terra sentir-se integrante de um sujeito coletivo (Turatti, 2005: 106).

Na escolha do nome do assentamento, percebemos a influência dessa mística a partir da fala de um assentado:

"(...) os nomes sempre foram decidido em assembleia, e era apresentado pelos assentados. E preferencialmente, era nome de mártires, pessoas que tinha morrido na luta pela terra, pela vida digna, pelo meio ambiente digno, como é o caso de Chico Mendes" (Sr. Moisés, assentado do PA Mimoso).

Outro assentado, liderança do MST na época²² e que participou de várias ações junto aos assentados do Chico Mendes, ao tratar do nome do assentamento, relaciona a história de luta desses assentados em Arinos a lutas históricas ocorridas no Brasil, fazendo, inclusive, confusões com a sequência dos fatos:

Chico Mendes ali foi um marco de luta muito, histórico ali na época porque existia muita repressão de fazendeiros locais (...) Mas se você for avaliar na história de Chico Mendes, ela é

²² Hoje, esse assentado faz questão de destacar sua ligação à FETRAF, e não mais ao MST. Além das ações em Arinos, Buritis e Uruana de Minas, ele nos conta que participou de outras lutas em Goiás e na Bahia.

uma história que ela vem de muito longos anos: aí veio Chico Mendes, veio os quilombos, veio Zumbi do Palmares, veio Oziel que morreu numa chacina, um cara novo que morreu ainda numa chacina.(...) Então, cada nome de assentamento, ele é um marco de luta. Se nós colocamos um nome, também ele tem uma luta: alguém, o nome de alguém que morreu na reforma agrária. (Sr. Messias, antiga liderança do MST, assentado do PA Oziel, na cidade de Uruana de Minas).

O assentamento possui uma festa que é tradicional no município de Arinos e já acontece há 13 anos. No início era organizada pela igreja católica, mas hoje está a cargo da associação que aproveita o grande número de visitantes para arrecadar fundos para benefícios coletivos da comunidade, como a construção do salão comunitário que a comunidade deseja. Os festejos duram três dias e tem contado com o apoio da prefeitura que financia o palco e os cantores. Além disso, existem barraquinhas e leilão bovino durante o evento. Não apenas as pessoas dos assentamentos visitam a festa, como parte da população da cidade de Arinos e de municípios vizinhos como Uruana de Minas, Riachinho e Urucuaia.

O PA Chico Mendes foi ligado ao MST durante sua formação e tem hoje 136 famílias.

3.1.1 - Família da aluna Regina

Regina tem 18 anos e é aluna do terceiro ano do Ensino Médio na Escola Estadual Chico Mendes. Ela mora com o pai - o senhor Emanuel de 49 anos - que trabalha na pedreira do assentamento (Agrical) onde tem carteira assinada e recebe um salário mínimo, a mãe - Dona Carminha de 51 anos (que é dona de casa, cuida da horta e trabalha numa pequena roça cultivando mandioca, milho, feijão, abóbora e melancia) e duas irmãs mais novas, também estudantes. A pequena produção, segundo Dona Carminha, é utilizada apenas para o sustento da casa. O senhor Emanuel também ajuda nos trabalhos de cultivo quando chega do serviço da pedreira nos fins de tarde.

Dona Carminha nunca frequentou a escola e o senhor Emanuel estava fazendo EJA na Escola Chico Mendes. Ele parou antes de concluir a quarta série por um desentendimento com a professora, segundo sua versão dos fatos. A renda da família advém do salário do senhor Emanuel e do benefício do Bolsa Família acessado pela senhora Carminha.

Essa família veio da cidade de Buritis onde moravam de aluguel. Dona Carminha era dona de casa e o senhor Emanuel trabalhava como empregado nas fazendas de leite da região. Ele nos conta que foi um líder do MST quem passou na cidade convidando os trabalhadores para uma reunião onde a ocupação foi organizada.

A jovem Regina sempre estudou no Chico Mendes, desde o seis anos de idade e foi reprovada na quarta série. Ela menciona dificuldades na escola que a acompanham até hoje. Atribui sua reprovação apenas à sua falta de atenção nas explicações. Regina diz que seus pais acharam a reprovação normal, que não sofreram com isso. Para Bourdieu (2007), essa prática de assumir o fracasso como culpa própria é resultado da ação do sistema escolar que opera convencendo os membros das classes desfavorecidas de que seu destino social é consequência de sua natureza individual ou falta de dons. Dessa forma a interiorização do fracasso é sempre traduzida como falta de interesse.

Perguntamos se os pais participam de seus estudos e ela responde afirmativamente, explicando que eles são exigentes e brigam para que ela vá à escola (ela admite faltar demais por preguiça de acordar cedo, não associando faltas às suas dificuldades). Já nos estudos em casa, Regina diz que ninguém cobra e, mesmo sobre as reuniões, diz que os pais só participam de vez em quando.

Esta jovem foi a única aluna entrevistada a dizer que gostava mais da escola na época do curral e nos conta rindo que lá os alunos tinham mais liberdade, que hoje, com o novo prédio, a escola é bem melhor, mas não se pode nem sair no portão.

Ela declara nunca ter trabalhado, exceto ajudando a mãe nos trabalhos da casa. Entretanto, o senhor Emanuel, afirmou que ela trabalha "pesado" na roça, que sua mão de obra sempre foi imprescindível para garantir alguma produção para o consumo da

família. Entendemos posteriormente que todas as três filhas que ainda vivem na casa, trabalham na roça ajudando a família.

Regina entende que precisa da escola para conseguir algum emprego, mas parece não atribuir significado real ao que é aprendido na escola, só diz de forma vaga que a maioria dos empregos não se consegue "sem estudo". Conforme análise de Charlot (1996), é preciso compreender quais são os significados que alunos, como Regina, atribuem à frequência escolar. Nesses casos, os alunos entendem que somente a frequência às aulas e obediência às regras já são garantia de futuro e emprego. Estes alunos estabelecem uma relação mágica com a escola e a profissão, uma relação que não é construída com o saber, mas com a capacidade de sobreviver o maior tempo possível na instituição.

A jovem declara o desejo de chegar a faculdade, porém, ainda não escolheu o curso. Perguntamos se ela pretende fazer o ENEM, mas ela demonstrou não saber o seu significado. Ela pretende mudar para a cidade ao final do ensino médio e vive uma ambiguidade de sentimentos em relação à questão: declara que no assentamento existe mais liberdade, não é preciso "ficar preso" como na cidade. Por outro lado, não vê possibilidades de emprego nem de continuar estudando ali.

Pergunto como Regina imagina que será sua vida no futuro. Ela, sorrindo diz que não faz ideia. Insisto no assunto e pergunto quais são os seus sonhos. Ela responde que ainda não tem sonhos, só de trabalhar para ajudar os pais que vão continuar morando no assentamento.

A entrevista com Regina aconteceu na escola Chico Mendes. A diretora ofereceu-me a oportunidade de conversar com alguns alunos cujas turmas estavam sem aula em virtude da falta de professores. Durante a entrevista, Regina disse que seus pais aceitariam participar da pesquisa, por isso, anotei o número do seu telefone e marcamos uma data para nosso primeiro contato.

No dia e horário marcados, cheguei à casa de Regina e conheci sua mãe. Seu pai chegou logo em seguida, de bicicleta, queixando-se de muita dor no estômago e enjoo, dizia que há três dias não conseguia se alimentar direito. As pessoas que estavam na casa pareceram bem preocupadas com a situação de saúde do senhor Emanuel e sugeriram que ele fosse até o hospital. Naquela tarde, acompanhei aquela família até a cidade e tive a oportunidade de testemunhar o péssimo

atendimento que os assentados recebem no hospital municipal de Arinos. Permanecemos cinco horas na frente do hospital e o atendimento só veio depois que solicitei ajuda a um policial militar. Antes disso, eu havia procurado dois postos de saúde, mas fui informada de que os assentados não podem ser atendidos nos postos de saúde dos bairros.

Voltei à casa de Regina mais duas vezes e, mesmo tendo marcado não encontrava ninguém na casa. Mais de quatro meses depois, resolvi procurá-la na escola e descobri que ela não estava indo às aulas. Quando finalmente a encontrei em sua casa, ela justificou que já havia passado de ano e que não estava "perdendo matéria". Nesta ocasião, conversei com dona Carminha e pude compreender melhor a realidade daquela família ao considerar, amparada em Lahire (2008), que os resultados e comportamentos escolares dos alunos só podem ser entendidos através da reconstrução de sua rede de interdependências familiares.

A família e a escola são, para este autor, redes de interdependência e, por isso, o fracasso ou o sucesso escolares podem ser entendidos como o resultado de uma maior ou menor contradição das formas de relações sociais dessas redes.

Dona Carminha tem seis filhos, e quando pergunto a escolaridade deles, ela não sabe dizer, é a sua filha mais nova quem ajuda a mãe a responder a maior parte das perguntas. A filha mais velha concluiu o Ensino Médio e mora em Brasília, o filho mais velho já casado está cursando o ensino médio e uma outra filha, também casada, abandonou a escola antes de terminar o ensino médio. Duas, das três filhas mais novas (incluindo Regina) estudam na Escola Chico Mendes e a outra, que cursava o segundo ano do ensino médio, abandonou a escola durante o ano letivo de 2014 justificando que não tem estímulos, que lá "não se aprende nada", "não se exige nada".

Regina diz não ter espaço para estudar e, por isso, sua cama é o único lugar "de sossego" que tem na casa. Realmente, o mobiliário da casa era bem limitado e muito gasto. A jovem também não dispõe de computador e a internet do seu celular é sempre utilizada para as redes sociais.

Essa jovem acaba de concluir o ensino médio e ainda não sabe se vai embora (para Brasília ou Buritis) procurar emprego ou se continua no assentamento. Sua mãe declara que não quer que as filhas permaneçam lá, que "a roça" é para ela e o marido que não estudaram, mas que os filhos não podem ter futuro lá. Regina se sente constrangida pela discussão que a mãe inicia em sua presença e ri nervosamente de tudo o que falamos. Afirma que vai pensar no que vai fazer do futuro.

3.1.2 - Família da aluna Joana

A entrevista com Joana foi marcada para um dia de domingo à tarde, único momento da semana em que ela tem folga do trabalho. Infelizmente, no dia marcado, chegamos à sua casa imediatamente depois que um amigo de Joana havia sofrido um acidente de moto em uma das pontes do assentamento e foi ela quem prestou socorro. Os próprios assentados removeram o assentado (que havia perdido o movimento das pernas depois da queda brusca em cima de uma rocha) pela falta de uma ambulância disponível. Ele foi encaminhado para um hospital em Brasília, onde faleceu. Diante da tragédia que impactou toda a comunidade, remarcamos a entrevista.

Joana tem 23 anos e é egressa do IFNMG, onde fez o curso técnico em agropecuária na modalidade subsequente ao ensino médio. Ela é casada e hoje trabalha com carteira assinada num bar/mercearia do assentamento Chico Mendes. A renda da família vem do leite (aproximadamente 600 reais mensais), do salário mínimo que Joana recebe na mercearia e do Bolsa Família que acessou a quase um ano. Joana diz que seu marido não cultiva nada, que depois de ter perdido a roça de milho por três anos consecutivos (em virtude da seca) decidiu parar de plantar e prefere comprar o que precisa.

A jovem vive nesse assentamento desde a época do acampamento. Ela e a família vieram de Buritis, onde ela estudou até a terceira série. Joana conta com orgulho que seu pai, o senhor Joaquim chegou no acampamento já com o primeiro grupo: (...) *ele foi o primeiro acampado, veio no primeiro ônibus*. Até então, ele era empregado em fazendas na região e sua mãe lavava roupas para fora.

(...) eu tenho o maior orgulho da minha infância, desse sofrimento porque eu acho que isso torna a gente mais forte pra encarar os desafios (...)

quando você quer uma coisa, vai com garra e luta que você consegue. Eu tive muita dificuldade na vida e hoje, graças a Deus, a gente tá bem, sabe? A gente brinca aqui, eu mais mãe, a gente fala que hoje a gente é rica (risos), mas somos mesmo, graças a Deus.

Da quarta a oitava série, ela estudou no barracão (como alguns também chamam o curral) do Chico Mendes e se recorda das condições da escola improvisada:

Nossa, complicado! No tempo de chuva uma telha dessa francesa caiu em cima da minha mesa um dia. Era vento que derrubava telha, era madeirite pra servir de parede, era muito barulho, você às vezes ouvia o que a outra professora tava falando porque era salas divididas por madeirite, então o barulho era muito intenso. A gente ia à pé porque também não tinha ônibus, carro escolar, até vim o outro prefeito e instalar mais carros de escola. Na época era kombis que não tinha nem cinto de segurança, não tinha, quando chovia, atolava. A gente chegava em casa à noite. Eu era criança de 10, 12 anos, eu e meu irmão. Às vezes o rio enchia, a gente tinha que passar por dentro pra cortar atalho, né, já porque não tinha carro pra levar a gente, porque às vezes o carro tava estragado (...). O rio tava cheio, tinha que esperar um pouco baixar, ou você dar a volta maior pra chegar na casa, era assim. (...)Eu lembro que uma vez, eu mais meu irmão, a gente quase caiu na ponte ali, tava a gente passando e o ônibus da empresa veio e passou junto com a gente na ponte. Ou ele passava por cima da gente, ou a gente ficava ali na beirinha. Aí eu lembro disso até hoje assim com muito medo porque meu irmão, ele quase caiu lá embaixo e eu segurei ele, é... assim, eu lembro que ele falava assim: eu vou parar de estudar porque é muito complicado.

O primeiro ano do ensino médio foi cursado na cidade de Uruana de Minas, já o segundo e o terceiro foram cursados na cidade de Arinos, no período da noite, pois na época a escola do assentamento ainda não oferecia ensino médio.

Dois anos depois de concluído o ensino médio, Joana ingressou no IFNMG para fazer o curso técnico. Nessa época, ela ia para Arinos de carona com um vizinho que lhe cobrava sete reais diariamente. Seu curso era apenas à tarde, mas por causa do transporte, ela precisava permanecer na cidade o dia inteiro; saía às cinco da manhã e só chegava em casa às nove da noite. Depois de um tempo, ela conta que conseguiu uma casa para morar 'de favor', pagando água e energia. Em seguida, alugou um barraco com uma colega e trabalhava como garçonne 'até quatro da madrugada' para ajudar nas despesas, porque a renda do seu marido não dava para mantê-la em Arinos. Já no final do curso, Joana passou a receber o auxílio permanência (recurso da assistência estudantil) no valor de 300 reais. Ela conta que também foi bolsista de um projeto na horta do IFNMG e que recebeu a quantia de 100 reais durante três meses.

A jovem diz ter sofrido muita discriminação por parte de suas colegas da cidade que ironizavam suas vestimentas (Joana sempre usou botinas na escola) e o fato de ela chegar com a roupa suja na escola (ela justifica que saía do assentamento de madrugada no único carro disponível e a aula era somente no período da tarde, e que no período das chuvas sempre se sujava de lama e não tinha como tomar banho). As ironias se referiam até mesmo ao fato de ela já ser casada.

Quando começou o curso técnico, o marido de Joana comprou um notebook para melhorar suas condições de estudo. A internet ela acessava utilizando um modem de uma operadora de celular.

Ao contrário do que possa parecer, Joana não nos contou essa história com lamentos ou pessimismo:

(...) quando eu tava dentro do Instituto ali que eu olhava pra trás, imaginava, gente, olha a facilidade que eu tenho pra estudar hoje! (...) acho que se eu não fizer alguma coisa do futuro, aquela luta que eu tive não vai valer a pena, sabe? E eu sou muito orgulhosa de ter pelo menos o técnico em agropecuária.

Joana declara o desejo de fazer agronomia ou veterinária. Ela conta que, por não ter tido autorização para se ausentar do trabalho, perdeu o prazo de inscrição para o último vestibular do IFNMG que aconteceu em dezembro de 2014. Ela pretende estudar e continuar no

assentamento. Afirma ainda que seu ‘lado camponesa’ não permitiria que fosse feliz na cidade: *Eu adoro roça, adoro mato, adoro fazenda. Eu nasci Jeca (risos)!(...) Tem as suas dificuldades na roça, tem, mas quando você gosta daquilo(...) vale a pena demais, valeu muito a pena. Eu tenho muito orgulho de ser uma sem-terra.*

Em momentos distintos, tivemos a oportunidade de conversar com o pai de Joana, o senhor Joaquim, e com o marido dela, Lucas (36 anos). Ambos manifestaram muitas expectativas na continuidade dos estudos de Joana em nível superior. Eles ressaltaram sua força de vontade e persistência.

Antes de encerrar os trabalhos de campo, encontramos mais uma vez com Joana na mercearia onde trabalha. Ela havia descoberto recentemente que está grávida e vai deixar o emprego para cuidar do bebê, seguindo o destino de famílias de baixa renda quando, geralmente, o estudo das meninas acaba sendo secundado pelo de reprodução das famílias.

3.1.3 - Família da aluna Mariana

Mariana tem dezoito anos e mora no Assentamento Chico Mendes desde os quatro anos de idade, quando veio de Brasília onde seu pai trabalhava em uma fazenda. Ela vive com os dois irmãos, a mãe (36 anos), dona de casa, que estudou até a quarta série e o pai (40 anos) que trabalha como tratorista em uma fazenda perto do município de Buritis e estudou até a segunda série. A renda em dinheiro da família resume-se quase que exclusivamente ao Bolsa Família, isso porque Mariana nos conta que o pai não tem carteira assinada e quase nunca recebe em dinheiro, o pagamento é feito com algum produto da fazenda em que trabalha e equivale a bem menos que um salário mínimo (eles não conseguem precisar o valor). No lote, eles cultivam milho e criam algumas vacas, mas o leite e o milho não são comercializados, são apenas para a família.

Hoje, Mariana cursa o terceiro ano do ensino médio na Escola Chico Mendes e, também um curso técnico em Informática na modalidade à distância no IFNMG (E - Tec BRASIL). Ela sempre estudou na escola Chico Mendes e foi reprovada uma vez, na quarta

série. Voltando a Bourdieu (2007) e à ideia do fracasso como culpa pessoal, a aluna afirma que seus pais atribuíram a ela a responsabilidade pelo fracasso na quarta série, em virtude de sua falta de iniciativa. Sobre a época da escola no curral, ela diz que achava ruim e lembra que quando chovia, a sala de aula e os alunos ficavam molhados.

Sobre a participação dos pais em seu cotidiano escolar, ela diz que eles perguntam muito sobre seus estudos e que a mãe vai em todas as reuniões, mas que é a própria Mariana quem organiza seu tempo para estudar, tempo que é dividido entre as aulas pela manhã, os afazeres domésticos e as tarefas do curso de Informática que são feitas *on line* e com algumas aulas presenciais no IFNMG. Ela nos diz que este é o seu segundo curso de informática, ela já havia feito outro de capacitação pelo PRONATEC também no IFNMG, e queixa-se da dificuldade com a internet, já que seu acesso é feito pelo chip do celular que tem o sinal muito instável no assentamento. Ela estuda em uma mesinha no seu quarto e destaca a falta que um computador com internet lhe faz, informando que utiliza a internet da Escola Chico Mendes sempre que precisa. Talvez pela carência de recursos e oportunidades, Mariana (diferente dos outros jovens de sua idade) não manifesta interesse pelas redes sociais ou outras diversões que a internet oferece, afirma que usa somente "para o que precisa mesmo" (como para os cursos que frequenta).

Sobre a vida no assentamento, a jovem queixa-se do estigma que os assentados carregam: *É ruim, que as vezes as pessoas de fora desvaloriza muito quem mora em assentamento. Porque às vezes pensam que são pessoas que não prestam, não trabalha(...)*. Apesar de gostar da vida no campo e dizer que todos os assentados são trabalhadores e se dão bem uns com os outros, Mariana diz que quer ir para a cidade porque 'todas as coisas estão lá'. Ela diz ainda que todos os seus amigos que deixaram a escola, o fizeram para casar ou para trabalhar, principalmente na cidade.

A jovem espera que no futuro esteja formada e trabalhando na área que escolheu, ela quer cursar medicina e diz estar se preparando para fazer uma boa prova no ENEM. Mariana diz que sua família e seus professores dão muita força e a incentivam nesse sonho.

Voltei a encontrar com Mariana no final do mês de dezembro, depois que ela havia concluído o ensino médio. Ela estava aguardando o

resultado do ENEM e disse que esperava muito poder fazer seu sonhado curso de medicina. Afirmou ter coragem de se mudar para qualquer lugar, caso consiga entrar numa universidade. Perguntei o que ela faria se não desse certo o que esperava e, ela respondeu que procuraria algum curso no IFNMG por enquanto, mas que continuaria tentando cursar medicina, que não desistiria do seu sonho.

3.2 - Jovens do PA Carlos Lamarca



Figura 30: Sede do PA Carlos Lamarca (Foto da autora - Fevereiro de 2015)



Figura 31: Sede do PA Carlos Lamarca (Foto da autora - Fevereiro de 2015)

O assentamento Carlos Lamarca foi criado pela Portaria 44/2000 do INCRA e originou-se da Fazenda São Miguel do Mulungu, de propriedade do senhor Afonso Luiz da Mota. Este assentamento dista 27 quilômetros da cidade de Arinos. Seu nome representa a influência da mística do MST que, como já dissemos anteriormente, é responsável por criar (ou impor) em todo sem-terra o senso de identificação com a causa a partir dos mártires do Movimento. Conforme já mencionado pelo assentado Moisés, os nomes eram escolhidos pelo voto em assembleia, e foi assim neste assentamento.

O PA Carlos Lamarca esteve vinculado ao MST durante sua formação e tem hoje 84 famílias.

3.2.1 - Família do aluno Paulo

A entrevista com Paulo foi feita nas férias. Ele estava no curral ajudando o padraço a tirar leite, quando chegamos. O jovem de 18 anos cursa o segundo ano do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio no IFNMG. Ele vive com a mãe (37 anos), o padraço (47 anos), a quem ele faz questão de dizer que considera como pai, e o irmão mais novo (idade não informada) no assentamento. Seus pais trabalhavam numa fazenda em Unai e vieram para o acampamento quando Paulo tinha apenas um ano de idade.

A renda mensal obtida com a venda do leite, segundo nos informou o aluno, é inferior a 900 reais. Sua mãe é beneficiária do Bolsa Família.

Os pais de Paulo contam que acabaram de quitar a dívida do lote e recentemente conseguiram comprar um tanque de leite apenas para o uso da família, antes utilizavam o da associação. Eles optaram pela compra financiada do tanque para tentar melhorar o preço do leite que vendem. Vários cooperados nos explicaram que o preço do leite é determinado pela sua qualidade que é mensurada, entre outros fatores, pela higienização.

Durante o ensino fundamental, o aluno nos conta que não repetiu de ano e que não tinha dificuldades na escola, mas que era bem fraco em Português e que isso hoje se reflete em dificuldades com várias disciplinas. Em sua percepção, a falta de cobrança por parte das escolas onde ele estudou, hoje se materializa em lacunas em sua aprendizagem. Ele estudou parte do fundamental na cidade de Arinos e parte na cidade de Uruana de Minas. No ensino médio, foi para o IFNMG, onde foi reprovado no primeiro ano. Do seu ponto de vista, a reprovação foi fruto de sua falta de esforço, já que "a escola é meio puxada, estuda o dia todo", mas admitiu ter tido um pouco de dificuldade também. Hoje ele é bolsista do programa de iniciação científica júnior da Instituição e trabalha num projeto de avaliação de cultivares de alface. Paulo gosta do projeto do qual faz parte porque ele se identifica com a área agrícola. Antes de ser selecionado como bolsista, ele trabalhou como voluntário por um ano com o professor orientador do projeto.

Além da Bolsa de Iniciação Científica no valor de cem reais que Paulo recebeu durante todo o ano de 2014, ele nos conta que foi contemplado com a assistência estudantil desde que ingressou no IF, tendo recebido auxílio para alimentação e transporte.

Quando o assunto é a participação dos pais em seus estudos, Paulo diz que eles vão às reuniões na escola e explicam o que sabem, principalmente sobre as matérias técnicas, e que também o alertam a estudar. Depois que entrou no IFNMG, seus pais compraram um notebook para facilitar seus estudos. A internet (que é acessada apenas pelo celular) é pouco utilizada e na maioria das vezes para alguma pesquisa da escola. Paulo tem uma mesa e uma cadeira em seu quarto, mas prefere estudar na cama, do seu jeito.

Durante a semana, o jovem acorda às 5:30 para ir para a escola e volta depois das 16:00. A partir de outubro de 2014, Paulo passou a almoçar na escola, pois foi contemplado no edital do sistema semirresidencial. Quando chega em casa, descansa ou ajuda o pai, às vezes vê televisão e, quando tem alguma atividade da escola, estuda.

Paulo diz que a escola não é diferente para um assentado, mas ao mesmo tempo admite que 'quem é da cidade tem mais condições'. Ele fala da dificuldade de transporte e, ao mesmo tempo, da impossibilidade de pagar aluguel para morar na cidade. Diz que fez muitos amigos da cidade que estudam no IFNMG, com eles faz trabalhos e conta que possui boas relações, afirmando nunca ter se sentido discriminado.

Quando perguntei se conhecia jovens do assentamento que tinham desistido de estudar, ele diz que seus primos saíram da escola e hoje não fazem nada, 'além de fumar e beber cachaça'.

O jovem diz que gosta de viver no campo e pretende continuar, até mesmo por sua área de estudo. Em sua opinião, as pessoas quando vão embora do assentamento, é porque não conseguem controlar a propriedade, que gera pouca renda, e acabam fazendo muitas dívidas. Ele diz que tem muitas amizades no assentamento e que se reúne com os amigos para jogar bola, única atividade de lazer de que dispõem. Relata que a convivência entre as famílias é muito boa.

Paulo pretende continuar estudando e quer fazer dois cursos superiores: agronomia e medicina veterinária. Ele espera que no futuro consiga se formar e trabalhar num emprego digno. Diz que a escola tem influência nesse futuro, sobretudo porque alguns professores o incentivam e o 'ajudam a sonhar também'.

3.2.2 - Família do aluno João

Da primeira vez que cheguei ao assentamento Carlos Lamarca para conversar com João, ele não pode me receber. Apesar de estar de férias, ele estava tirando leite para entregar na cooperativa, já que seu pai não estava e contava com ele para a tarefa. Da segunda vez, num sábado, ele estava na horta de sua casa, que foi criada para realizar um trabalho de avaliação de cultivares de alface, num projeto de que faz

parte (João é bolsista do programa de iniciação científica júnior do IFNMG). Na horta estava seu professor de Olericultura²³, que visita seus alunos e acompanha seus trabalhos de forma voluntária, e por Paulo, seu colega de turma e também vizinho no assentamento. Ainda assim, ele deixou um pouco o trabalho e me recebeu desta vez.

João tem 17 anos e cursa o segundo ano do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio no IFNMG. Ele vive com a mãe (35 anos), o pai (42 anos), e dois irmãos. Seu pai é produtor de leite e secretário da associação dos produtores no assentamento. A renda da família vem do leite (entre 1.100 e 1.200 reais) e do Programa Bolsa Família. Além da bolsa de iniciação científica no valor de cem reais que recebeu durante todo o ano de 2014, João recebe o auxílio transporte. Seus pais frequentaram a escola até a quinta série. Eles vieram de Unaí, onde viviam nas terras do avô de João e produziam leite. Quando souberam do acampamento do MST por meio de conhecidos, decidiram tentar a conquista da própria terra, entrando para a ocupação.

Esse jovem cursou todo o ensino fundamental na cidade de Uruana de Minas. Quando perguntei à sua mãe a causa da preferência pela escola na cidade vizinha, ao invés da escola mais próxima, a do Chico Mendes, ela disse que na época o ônibus para o assentamento vizinho não entrava no Carlos Lamarca, e como a prefeitura de Uruana oferecia transporte escolar, preferiu que o filho estudasse lá.

João ingressou no IFNMG no ensino médio (por incentivo de seus professores da escola de Uruana) onde foi reprovado no 1º ano. Para ele, a reprovação foi fruto de sua dificuldade em entender as matérias e por não conhecer como as coisas funcionavam no Instituto. A compreensão desse aluno evidencia, mais uma vez, a internalização do fracasso mencionada por Bourdieu. Ele nos conta que seus pais compreenderam sua reprovação porque o viam estudar muito em casa, e por ter sido reprovado "por poucos pontos". No entendimento de sua mãe, a reprovação aconteceu porque o IFNMG é uma escola muito diferente da escola municipal que ele estudava: *Que lá, o Instituto é um serviço melhor, é um estudo melhor, né, que o aluno tem que esforçar*

²³ Esta é uma prática excepcional, o referido professor faz este acompanhamento voluntariamente, e às próprias expensas.

mais. Eu acho que ele teve algumas dificuldades devido a isso. Ela vê maiores expectativas para o filho agora, mesmo depois da reprovação:

(...) pelo fato assim, também de ser uma escola federal, uma escola muito falada que o estudo lá é bem mais melhor, por isso. Tem muitas oportunidade, mais oportunidade que ele vai ter, né. O aprendizado, com certeza, eu acho que é melhor. (Dona Josefa, mãe de João).

Quando questionado sobre a participação de seus pais nos estudos, João diz que a participação é muito grande, mas não diz exatamente como, apenas que querem sempre vê-lo estudando e perguntam se tem provas. Para ele, a maior prova da participação do pai, por exemplo, foi o incentivo dele influenciando na escolha do curso e consultando o filho sobre questões técnicas: *(...) ele fica perguntando e tenta aprender comigo.* Sua mãe, Dona Josefa, nos diz que vai à escola quando tem reuniões, mas que se encontra muito pouco com João para acompanhar seus estudos:

Nossa, o tempo é muito curto. Tem dia que nós nem conversa sobre isso. Que na verdade ele já chega aqui 7 horas, sai de lá bem mais cedo. Seis e meia, sete horas, já chega cansado, toma banho e janta e vai dormir. Então, o tempo é muito curto. Mas quando tem oportunidade assim, claro que eu pergunto como que tá lá, como que tá os estudo, entendeu?

Dona Josefa nos diz ainda que o filho nunca pediu ajuda para as atividades da escola, mas que às vezes chega a comentar que está com dificuldades. Durante a semana, João acorda às 5 da manhã para ir para a escola. Lá ele almoça com a marmita que leva e volta para casa por volta das 18 horas. Quando chega, diz que está cansado demais para estudar, que o faz de vez em quando, mas na maioria das vezes, descansa. Nos finais de semana, ajuda o pai no trato com as vacas. Dona Josefa enfatiza que ele nunca deixa de ajudar o pai.

Depois que entrou no IFNMG, os pais de João compraram um computador e instalaram internet. Ele tem uma mesa em seu quarto apenas para estudar. O jovem diz que utiliza a internet para estudar, mas que também gosta muito de acessar o facebook e jogar.

Sua principal forma de lazer é o futebol com os amigos. Quando pergunto se não sente falta de outra coisa, ele diz que, como nunca morou na cidade para conhecer outras formas de diversão, não sente falta de nada.

João pretende continuar estudando, quer fazer agronomia no IFNMG. Em sua opinião, a escola é diferente para os assentados porque eles enfrentam uma rotina muito cansativa.

O jovem diz que gosta de viver no assentamento por causa do seu curso, porque ele pode praticar o que aprende na escola, mas entende que é mais difícil quando tem que fazer trabalhos em grupo porque os colegas moram na cidade. Ele sempre procura Paulo ou Júlio, seus vizinhos, para fazer os trabalhos. Sua relação com os colegas da cidade, entretanto é boa e ele tem muitos amigos. Para ele, é apenas a distância que dificulta uma maior proximidade fora da escola. João diz que nunca se sentiu discriminado, que achou estranho os apelidos (os quais, não menciona por constrangimento) que ganhou no primeiro ano, mas entende que isso era feito com todos os calouros, que não foi nenhum tipo de discriminação ou *bullying*. Ele declara que a rotina é cansativa e que começa muito cedo com o traslado para a cidade, precisam levar marmita para almoçar, chegar tarde em casa e ainda ter trabalhos para fazer à noite. Declara estar feliz porque na escola o internato e o refeitório vão começar a funcionar ainda em 2014. Apesar das dificuldades, ele diz que não vai desistir porque (...) *eu acho que tudo o que é difícil, no final é bom. Por isso que eu tô lutando. Tanto é que eu quero dar um orgulho meu pai, tirar ele dessa vida aqui na roça.*

João espera conseguir fazer o curso de agronomia, trabalhar numa fazenda e morar em outro lugar. Ele acha que a escola hoje, por oferecer um curso agrícola, vai levá-lo a esse futuro. Dona Josefa diz que espera ver o filho formado para que tenha um futuro melhor que o dos pais. Em outubro de 2014, três meses depois desta entrevista, João foi contemplado no sistema semirresidencial e hoje almoça no refeitório do IFNMG.

3.2.3 - Família dos irmãos Roberto e Gabriela

Roberto (16 anos) e Gabriela (17 anos) vivem no assentamento Carlos Lamarca com a mãe, o padrasto e outras duas irmãs. Essa família veio da Bahia há quase vinte anos. Eles viveram pouco tempo em Brasília, até os pais ficarem sabendo, por meio do MST, sobre o acampamento que estava sendo formado no município de Arinos, para onde vieram em 1999. Os pais de Roberto e Gabriela frequentaram a escola até a quarta série do ensino fundamental. A mãe trabalhava vendendo colchões magnéticos (até o final de 2014) e, em virtude do trabalho, passava muito tempo fora de casa. Hoje, o sustento da casa consiste no Bolsa Família e naquilo que o padrasto dos jovens consegue produzir na roça. Os alunos não souberam precisar a renda mensal da família.

Nesta família, três jovens já estudaram no IFNMG e saíram sem concluir os cursos, inclusive Roberto e Gabriela. Enquanto estudou no IFNMG, Gabriela recebia o auxílio permanência e Roberto recebia o auxílio alimentação.

Conversei com Gabriela por aproximadamente 40 minutos, e durante toda a entrevista, ela sempre respondia no plural: "Nós estudamos, nós repetimos, nós passamos". Ela se referia à irmã gêmea que até o ano passado havia estudado com ela, inclusive sendo reprovada nas mesmas séries. Em 2013, a irmã de Gabriela desistiu do IFNMG, casou-se e foi morar em Goiás, ainda assim, ela continuou a contar sua história na primeira pessoa do plural.

Gabriela estudou no município de Uruana de Minas, numa escola municipal de Arinos onde foi reprovada na segunda série, na escola Chico Mendes, no IFNMG onde foi reprovada no 1º ano, e agora retornou à escola Chico Mendes. Ela explica as reprovações pelo cansaço (por ter que acordar muito cedo e pegar ônibus) e pelas dificuldades em aprender as matérias, tanto no ensino fundamental como agora, no médio. Sua irmã gêmea deixou o IFNMG pouco antes de ser reprovada e conseguiu progredir de série em outra escola. Gabriela preferiu repetir o primeiro ano do curso técnico em informática integrado ao ensino médio, mas acabou deixando a escola no mês de setembro de 2014 porque tinha certeza da reprovação novamente. Hoje, ela continua acordando às 5 da manhã para pegar o ônibus até a escola

do assentamento Chico Mendes, mas só estuda no turno da manhã. Nos finais de semana, esporadicamente, ela trabalha (de maneira informal) no "boteco"²⁴ do assentamento.

Durante toda a conversa, a moça não se cansava de repetir o quanto era difícil a rotina de aluna do IFNMG. Ela se queixava do cansaço, das dores de cabeça frequentes, do mal-estar pela comida 'requentada' todos os dias no almoço e por ter que estudar até de madrugada para os trabalhos da escola, que quase sempre resultavam em notas baixas. Apesar das queixas, Gabriela fala da antiga escola com muito carinho, diz que amadureceu lá, que os professores se preocupavam com ela, que no IFNMG entendeu que 'ser diferente é normal', aprendizados que quer levar para o futuro.

Em determinado momento, Gabriela resolveu falar da distinção que ela e irmã sofreram no início, por parte dos colegas, no IFNMG: apelidos que se referiam à aparência das duas, piadas porque falavam errado e exclusão na hora dos trabalhos em grupo. Ela diz entender que o preconceito acontecia porque elas eram da roça e faziam curso de informática, que o lugar delas (para alguns colegas) seria no curso de agropecuária. A aluna diz que chorou várias vezes por isso, mas apesar da experiência negativa, declara ter superado e alcançado uma boa relação com os colegas com o passar do tempo. No decorrer da entrevista, soubemos que a aluna teve, na infância, dificuldades com a fala e com a alfabetização:

(...) quando eu fui pro Chico Mendes, eu não falava, tinha umas palavras que não saía da minha boca (...) aí a professora de português falou bem assim: pede sua mãe pra você ir lá pra casa. Fui pra casa dela, eu, umas colega minha pra aprender. Aprender a ler, ela me ensinou a ler, a falar umas palavra certa.

Roberto também percorreu as mesmas escolas que suas irmãs: estudou em Uruana de Minas, depois em Arinos onde foi reprovado na segunda série, em seguida, estudou no Chico Mendes e no IFNMG,

²⁴ Na verdade, o boteco é a mesma mercearia em que Joana trabalha de carteira assinada. Como é um estabelecimento que vende de tudo (desde gás de cozinha e gêneros alimentícios até bebidas alcoólicas), os assentados chamam de nomes diferentes: bar, boteco, mercearia, vendinha, etc.

onde ingressou pelo sistema de cotas. O ano de 2014 foi o seu primeiro ano, no curso técnico em agropecuária na modalidade integrada ao ensino médio. Diferente de suas irmãs, Roberto diz que suas relações sempre foram muito boas no IFNMG, que fez amigos e que nunca se sentiu excluído. Ele não admite nenhuma dificuldade de aprendizagem e diz que estuda em casa todos os dias das 20 às 21 horas. Ele conta também que é o responsável por alimentar os animais, ajudar a cuidar das roças de mandioca, milho e feijão, cuidar da casa e, aos fins de semana, trabalha no mesmo 'boteco' que sua irmã. No futuro, Roberto diz que quer cursar agronomia ou entrar para o exército.

Apesar de dizer que estava tudo bem na escola, soube recentemente (quando fiz a entrevista com sua irmã) que ele havia saído do IFNMG logo depois que o entrevistei.

O que há de comum na trajetória escolar dos dois irmãos, além das reprovações e da saída do IFNMG, parece ser a ausência de incentivo ou acompanhamento em casa. Eles enfatizaram a ausência da mãe que trabalha muito, inclusive nos finais de semana e do seu cansaço quando chega das tentativas de venda, frequentemente frustradas. Gabriela me conta de sua "autossuficiência" de estudante:

(...) eu não sou muito de falar assim pra mãe não dos meus estudo. Nem eu, nem minha irmã, nós não somo assim de falar. A gente chega, tipo assim, igual ontem, eu cheguei da escola, vou fazer atividade pra não deixar acumular (...) porque mãe fala assim: ah, ela sabe que ela tem que estudar! Então eu sei, minha mãe não precisa ela ir cobrar de mim. Eu acho assim, que quando você tem uma idade, cê tem que saber, tenho que fazer isso e isso.

Gabriela diz que quer fazer Direito, mas confessa não confiar em sua aprendizagem atual para isso e nem admite que a escola vai auxiliá-la. Nesta aluna, a frustração de sair do IFNMG é muito evidente, mas ela tenta mostrar resignação com o fato: *O Instituto ensina a gente a ser diferente (...) será que era pra eu tá lá mesmo, ou foi só pra eu aprender isso?*

Procurei Roberto na Escola Chico Mendes, onde estuda atualmente. Ele disse que, com a mudança do pai para Brasília, ele teve

que assumir todo o trabalho (com os animais, a horta e a pequena roça) e não pode continuar estudando os dois períodos no IFNMG. Sua rotina hoje divide-se entre a escola e as atividades do lote.

Os dois irmãos expressam o desejo de futuramente, depois de formados, viver no campo. Tentamos contato com a mãe desses jovens por mais de cinco meses, mas ela não estava em casa nas vezes que a procuramos e o contato por telefone também não foi possível.

3.2.4 - Família do aluno Júlio

A entrevista com o aluno Júlio foi feita em dia e local diferentes daquela com sua mãe. Entrevistamos dona Aparecida em sua casa no Assentamento Carlos Lamarca num dia de sábado, mas seu filho tinha ido à cidade vender verduras para um vizinho, por isso, a conversa com ele aconteceu em outro dia, no IFNMG.

Dona Aparecida diz que seu filho sempre que pode, aos sábados, ajuda esse vizinho a vender hortaliças na cidade, de porta em porta. Júlio é pago por essa ajuda que dá ao vizinho, mas não conta com esse dinheiro porque as gorjetas são proporcionais ao lucro do dia. Ele diz que quando as vendas são ruins, ele recebe entre 15 e 20 reais, mas que já teve dias em que recebeu até 50 reais. O dinheiro é utilizado na escola, para lanche.

Júlio tem dezessete anos e mora com dois irmãos, o pai (40 anos) e a mãe (36 anos) que está grávida. Ele cursa o segundo ano do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio. A mãe, dona Aparecida nos conta que seu marido trabalhava com o lote, mas que optou por buscar serviço fora desde que Júlio entrou no IFNMG. Segundo ela, a mudança no trabalho objetiva oferecer melhores condições financeiras para apoiar o filho nos estudos. Seu marido hoje trabalha de carteira assinada como auxiliar de serviços gerais na empresa Panambi, onde recebe um salário mínimo. Dona Aparecida é beneficiária do Bolsa Família. A família não produz nada para vender, apenas uma horta para consumo próprio.

Antes de vir para o acampamento, Dona Aparecida vivia em Brasília numa chácara onde seu esposo era caseiro. Ela nos conta que foi o seu sogro quem lhes falou sobre o MST e sobre o acampamento:

(...) soube pela família dele, pelo pai dele que tinha esse, né, esse movimento que levava as pessoa pra poder conseguir uma terra, né, então era o sonho do meu esposo, né, nem era tanto o meu (risos) porque eu sempre gostei de trabalhar, assim ter meu dinheiro, trabalhar assim de doméstica mesmo e estudar. Meu sonho era estudar, não consegui. Aí, ele falou assim: "não, nós vamos prá lá." Aí eu acompanhei ele (...)

Das famílias entrevistadas nesta pesquisa, dona Aparecida é a única mãe que cursou o ensino médio. Depois de assentados, ela e o marido voltaram para a escola e, enquanto os filhos estudavam pela manhã, eles estudavam à noite na cidade de Uruana (na modalidade EJA). Seu marido estudou apenas até a sexta série e novamente teve que interromper, pois precisou trabalhar fora do assentamento, como já foi dito. Ela concluiu a oitava série e parou por mais um tempo, depois voltou e hoje está concluindo o ensino médio na cidade de Arinos.

Do início da trajetória escolar dos filhos, dona Aparecida recorda as dificuldades quando ainda moravam no acampamento:

Foi o tempo mais difícil pra mim foi quando colocamos eles na escola, assim, a primeira série, segunda série, os primeiros dias de vida deles na escola, né? A gente caminhava muito a pé pra levar eles. Às vezes tinha que sair quatro horas da manhã, vestir sacolinha nas perna deles pra não sujar os pés, debaixo de chuva.

Júlio cursou todo o ensino fundamental em Uruana de Minas e, no ensino médio, foi estudar no IFNMG. No primeiro ano, seus pais pagavam aluguel para que ele morasse na cidade de Arinos numa república com outros colegas. Nesta série ele foi reprovado e atribui o acontecimento a três fatores: má adaptação, falta de interesse dele e falta de acompanhamento dos pais. Sua mãe também entende que ter morado sozinho favoreceu a reprovação de Júlio: *(...) eu acho assim que se eu tivesse perto dele igual hoje, eu acho que tinha sido melhor. Eu acho que os pais ajuda muito também na vida escolar dos filho, não só os professor.* Dona Aparecida acredita também que a falta de um computador e de internet para estudar, pesou muito na reprovação do filho. Por isso, ela comprou um notebook em nove prestações (que

custou quase três mil reais) para evitar (ela acredita) que o filho seja reprovado novamente.

Hoje é o próprio Júlio quem paga a internet com o dinheiro da bolsa de iniciação científica que recebe. Ele trabalha num projeto sobre qualidade e sanidade de sementes. Júlio diz que utiliza a internet mais para assistir filmes e também para acessar o facebook ou, com menor frequência, ler algum artigo científico. O aluno nos conta que não tem um espaço específico (como uma mesa) para estudar em casa e que tem o hábito de procurar um lugar tranquilo na roça mesmo para sentar no chão e estudar.

Júlio acorda às 5 da manhã, percorre um trecho a pé até o ponto de ônibus, passa o dia no IFNMG e só chega em casa por volta das 19 horas. Em casa, ele diz que sempre tem algo para fazer, sobretudo porque sua mãe está grávida e precisa de ajuda, mas que ele não deixa de estudar também.

Dona Aparecida nos conta que é importante que Júlio consiga a gorjeta das verduras porque nem sempre ela pode mandar uma marmita completa para ele almoçar. Para ela, que levanta sempre de madrugada para fazer uma comida fresca para o filho levar, é constrangedor que ele leve a marmita sem carne, e como não é possível ter 'mistura' todos os dias, ela prefere que Júlio leve um dinheiro para lanche. Ela nos conta, inclusive, que seu marido comprou 50 pintinhos para o filho administrar. Esses pintinhos deverão tornar-se frangos que serão comercializados para custear as despesas do filho na escola. O gerenciamento destas aves fica por conta do próprio Júlio.

Em outubro de 2014, o sistema semirresidencial passou a funcionar no Campus Arinos. Entretanto, Júlio não foi classificado pois, apesar de os critérios do sistema priorizarem os alunos oriundos de zona rural, a quantidade de vagas disponibilizadas para o semirresidencial masculino foi pequena (apenas dez vagas) em relação ao número de alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica que o Campus Arinos atende.

O entusiasmo desse jovem com os estudos é marcante:

Olha só, eu não vou descansar enquanto eu não tiver um mestrado, um doutorado na mão. Eu quero continuar estudando, e pra mim não

importa se for agronomia, engenharia civil, é o que Deus me der e o que eu der conta, tiver mais perto do meu alcance, eu vou fazer.

Para ele, ser assentado é difícil, ele diz que os assentados são uma sociedade à parte, excluída da 'outra sociedade' porque 'alguns benefícios não chegam'. Júlio entende que uma escola como o IFNMG parece não ter sido feita para os assentados: *é como se um assentado não pudesse estudar numa escola tão... assim, bem construída, né, uma instituição bem feita, bem materializada* porque poucos conseguem acessá-la em virtude da 'boa educação' que não tiveram no ensino fundamental. Ele diz que se dá muito bem com todos os seus colegas que estudam no IFNMG, inclusive os que moram na cidade e que nunca teve problemas de relacionamento, mas deixa implícito em sua fala que alguns comentários preconceituosos o deixam ofendido:

Eu vejo assim que, eu não culpo as pessoas por ter, não culpo aonde eu moro, se eu sou negro, mas eu culpo as pessoas porque não tem ainda maturidade. Os meus colegas ainda são adolescentes, então não tem maturidade, leva tudo na brincadeira, mas que machucam aquela pessoa que tá ouvindo ou que tá recebendo aquelas críticas.

Júlio conta que sua mãe presta atenção no que ele faz, vê se ele está estudando em casa ou não, cobra, mas que também confia nele, já que, em virtude dos afazeres da casa, não é sempre que ela pode acompanhá-lo. Dona Aparecida diz que faz o que pode:

Assim, todas as reuniões que tem, eu vou, eu me preocupo muito, assim, se tá bem, como que, assim, tá as matéria, e eu sei assim tudinho, qual as matéria que o Júlio, né, tá difícil, eu tento acompanhar o máximo que eu posso e toda reunião que tem lá no Ifet, acho que só foi uma que eu não fui até hoje(...)

Júlio quer continuar estudando e já arrisca dizer como será o seu futuro:

Eu espero um futuro brilhante. Eu espero ser uma pessoa de usar terno, né, eu espero ser uma pessoa de trabalhar em escritório. Eu penso

assim, eu penso num futuro brilhante e todas as vezes que eu olhar pra trás, do meu futuro pro meu passado, eu vou pensar assim que isso foi fruto de toda a boa educação que eu recebi até chegar lá. Então a escolaridade me formou um doutor, me formou um homem, não me formou, vamos dizer, uma pessoa de baixa patente, me patenteou a escola, a educação me patenteou, eu consegui chegar num nível bom, esse é o meu futuro que eu olho, um futuro brilhante pela frente.

Dona Aparecida também espera que o filho faça um curso superior: *nóis aqui não dá conta de pagar uma faculdade pros nossos filhos, mas se eles tem força de vontade, eles corre atrás e eles conseguem também(...) Tem que ser alguma coisa na vida, ser um advogado ou um veterinário(...).*

3.2.5 - Família do aluno José

A entrevista com José e sua mãe, dona Maria (39 anos) aconteceu em sua casa, na cidade de Arinos, ele vive com a mãe e dois irmãos. Sua família deixou o assentamento Carlos Lamarca a pouco mais de um ano, quando venderam o lote, nas circunstâncias que já foram explicadas no capítulo 1. Eles viviam no assentamento há muito tempo, desde antes da ocupação (eram posseiros, ex-funcionários da antiga fazenda).

Sua mãe nos conta que a mudança para a cidade aconteceu por causa de sua separação. A família vivia da produção de milho, arroz, feijão, mandioca e cana, e do trabalho de tratorista do pai, mas quando se separaram, não tiveram mais como conviver e produzir no mesmo espaço. Eles resolveram vender o lote e dividir o dinheiro para cada um comprar sua casa, mas o dinheiro não foi suficiente e o seu ex-marido hoje mora no barracão dos fundos da casa que eles conseguiram comprar.

A família vive da renda de dona Maria e dos três filhos. Ela é empregada doméstica, não tem carteira assinada e recebe 600 reais. Sua filha mais velha trabalha num banco na cidade de Arinos e faz faculdade na cidade de Unai, o salário mínimo que recebe é utilizado integralmente para o pagamento das mensalidades do seu curso. O filho

do meio trabalha no comércio sem carteira assinada e também recebe 600 reais. José trabalha num lava jato e não tem renda fixa, diz que consegue normalmente 450 reais por mês. A família não conta com a renda do pai que mora nos fundos.

Dona Maria tinha Bolsa Família, mas o benefício foi cancelado desde que seus filhos mais velhos terminaram o ensino médio (esta relação sobre o cancelamento do benefício é ela quem faz, mas não sabe realmente o motivo). O mais provável, é que quando os filhos começaram a trabalhar, ultrapassaram os limites da renda mensal por pessoa previstas como condição para se ter acesso ao benefício, quais sejam²⁵:

- Famílias com renda mensal por pessoa de até R\$ 77 (setenta e sete reais), com ou sem crianças e adolescentes em sua composição;
- Famílias com renda mensal por pessoa entre R\$ 77,01 e R\$ 154,00 (cento e cinquenta e quatro reais), desde que tenham crianças, adolescentes ou gestantes em sua composição.

José tem 17 anos, estudou em escolas municipais e estaduais do município de Uruana de Minas e foi para o IFNMG no primeiro ano do Ensino Médio. Da experiência no Instituto, ele enfatizou a rotina cansativa, o fato de acordar muito cedo e chegar em casa muito tarde com muitos trabalhos ainda para serem feitos até de madrugada. Dois meses antes do ano letivo acabar, José saiu do IFNMG e matriculou-se numa escola estadual em Arinos. Nas palavras do aluno: (...) *fiquei (...) meio apavorado, porque eu nunca reprovei, aí eu falei assim (...) ah essa não vai ser a primeira vez de eu reprovar não.*

Dona Maria nos conta que José deixou o Instituto também por dificuldades financeiras, que além de pagar 90 reais pelo transporte escolar, ele ainda precisava levar dinheiro para lanche. Quando questionamos dona Maria o porquê do pagamento do transporte, já que o ônibus é fornecido pela prefeitura, ela não soube explicar, apenas reafirmou que o transporte nunca foi gratuito para o seu filho. Depois desta entrevista, procuramos vários alunos e todos disseram que nunca pagaram pelo transporte, que a prefeitura nunca cobrou taxas. José se inscreveu no edital de assistência estudantil do IFNMG mas não foi contemplado.

²⁵ www.mds.gov.br

Além das dificuldades financeiras, dona Maria diz que as constantes dores de cabeça que José sentia por estudar o dia todo e não se alimentar direito contribuíram para que ela o tirasse da escola: (...) *aí, eu peguei, fui vendo aquilo. Ai eu falei com ele: José, é porque você é acostumado comer mais e lá cê não tá comendo, é o calor, né. Aí, eu peguei, fui vendo aquilo, e ele ficava só reclamando, aí eu fui e tirei ele.* No entendimento de dona Maria, seu filho seria reprovado no IFNMG porque não tinha computador nem internet para estudar.

Em 2014 José cursava o terceiro ano do Ensino Médio numa escola estadual em Arinos no período noturno e trabalhava durante todo o dia para ajudar na renda da casa. Ao invés de se mostrar orgulhoso pela "façanha" de nunca ter sido reprovado, José dizia que queria voltar e fazer outro curso no IFNMG. Ele dizia adorar a escola e os colegas, e mostrava-se arrependido de ter deixado o curso. Ao mesmo tempo, José afirmava que queria ir embora de Arinos. Sua mãe quer que ele faça uma faculdade, mas ele dizia ainda não conseguia pensar no futuro.

Voltei a casa de José quatro meses depois da entrevista. Ele concluiu o ensino médio e tinha acabado de se mudar para a cidade de Uberaba, onde conseguiu um emprego e foi morar na casa de parentes. Sua mãe e seus irmãos disseram que estão insistindo para que ele faça algum curso superior.

3.3 - Jovens do PA Carro Quebrado



Figura 32: Sede do PA Carro Quebrado (Foto da autora - Dezembro de 2014)



Figura 33: Sede do PA Carro Quebrado (Foto da autora - Dezembro de 2014)

O assentamento Carro Quebrado foi criado pela Portaria 60/1998 do INCRA e originou-se da Fazenda Roça, de propriedade do senhor Múcio Macedo. Este assentamento dista 28 quilômetros da cidade de Arinos. Seu nome foi escolhido pelos próprios assentados que optaram por manter o nome pelo qual a região já era conhecida na época da ocupação. A assentada Dorinha nos conta que (...) *na época, aqui quebrava muito carro (...) a estrada era ruim, e também não tinha a ponte, passava dentro do rio. Aí, diz que quebrava, atolava muito carro (...)*. O PA Carro Quebrado não teve envolvimento com o MST em sua formação e tem hoje 36 famílias.

3.3.1 - Família da aluna Alice

Alice tem dezoito anos, é aluna do terceiro ano do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio e em 2014 morava em Arinos com os irmãos, para estudar. Seu pai saiu de casa e trabalha com trator. Sua mãe, dona Dorinha, ficou com o lote e, com a ajuda de um vizinho, entrega leite para a cooperativa.

Dona Dorinha, tem 38 anos e vive há treze anos no assentamento. É uma pessoa muito ativa na comunidade em virtude dos seus trabalhos na Pastoral da Criança e como presidente da associação do assentamento. Pelas suas várias ocupações e por trabalhar sozinha no lote, já que todos os seus filhos já não moram mais no assentamento, dona Dorinha recebe em média 400 reais mensais pelo leite que consegue entregar. Além dessa renda, ela é beneficiária do Bolsa Família, dois dos seus quatro filhos trabalham e Alice recebe assistência estudantil. Dona Dorinha cultiva algumas hortaliças e, em algumas épocas do ano, consegue produzir em quantidade suficiente para vender um pouco na cidade, para os conhecidos.

Antes de vir para o assentamento, dona Dorinha trabalhava como empregada doméstica na cidade de Arinos e seu ex-marido trabalhava em fazendas na região. Ambos estudaram até a quarta série. Foi seu marido quem ficou sabendo do acampamento por meio de conhecidos. Dona Dorinha e seus filhos não ficaram acampados, apenas seu ex-marido. Ela veio apenas depois que o assentamento saiu e viveu sozinha com seus quatro filhos durante cinco anos, período em que seu marido trabalhava em carvoeiras fora do assentamento.

Alice começou a estudar na cidade de Arinos, e somente na oitava série e primeiro ano do ensino médio estudou na escola Chico Mendes. Durante a oitava série, a escola ainda funcionava no curral. Desta época, ela reclama da dificuldade de acesso até a escola, pois mesmo com o transporte escolar, era preciso percorrer um longo trecho a pé de sua casa até o ponto de ônibus. Em sua opinião, os alunos assentados dão mais valor à escola porque é sofrido chegar até ela. Numa breve comparação com os seus colegas da cidade, ela afirma que os assentados não brincam na escola, nem matam aula ou coisas desse tipo.

Sobre a vida no assentamento, ela enfatiza a dificuldade que teve para estudar, principalmente porque sua família optou pelas escolas da cidade. *Porque lá não era tão bom assim, a gente foi um dia e a gente já não gostou (...) Aí minha mãe ficou meio com medo e a gente vinha pra Arinos.* Dessa forma, Alice acordava às quatro da manhã porque a mãe andava em torno de oito quilômetros de charrete para levá-la ao ponto de ônibus. Ela diz que viver no assentamento é tranquilo, mas que não gostaria de voltar para lá porque quer buscar coisas novas: (...) *eu não voltaria não porque lá, tipo assim, não oferece*

emprego pra mim, nenhuma renda pra mim viver, basicamente ia viver às custas dos meus pais.

Alice optou por repetir o primeiro ano do ensino médio para estudar no IFNMG, onde, em virtude da modalidade de ensino técnico integrado ao médio, não poderia ingressar já no segundo ano. Ela nos conta que seu irmão também repetiu o primeiro ano e sempre lhe dizia que a escola era difícil. Por isso, ela teve medo de entrar no Instituto e só decidiu isso um ano depois. Ela diz que nunca havia sido reprovada e que repetiu essa série consciente de que valeria a pena.

Quando entrou no IFNMG, Alice teve dificuldades com as disciplinas exatas. Apesar de não morar com os pais a quase três anos, ela diz que sua rotina de estudos não mudou pela ausência dos pais, e que ela sempre estudou sozinha e organizava seu tempo e suas atividades sem interferência deles. Ela diz que a mãe sempre perguntou sobre seu andamento na escola, sempre veio às reuniões, mas que seu pai é mais "desligado".

Sua mãe comprou um computador quando seu irmão mais velho (que concluiu o curso e vive em Goiás) entrou no IFNMG. Sendo assim, Alice teve computador e internet em casa durante os três anos do curso.

A casa que Alice, seu irmão mais velho e sua irmã mais nova vivem em Arinos é própria, a mãe já tinha antes de entrar no assentamento. É uma pequena casa que parece ter sido reformada, é organizada e aconchegante. O computador da família fica na sala e em um móvel apropriado com uma cadeira. Há ainda um sofá, uma televisão e uma mesa com quatro cadeiras que é utilizada para fazer as refeições e para estudar.

Esta aluna estuda nos períodos da manhã e da tarde. No horário de almoço, era ela mesma quem cozinhava até o mês de outubro de 2014, quando o refeitório da escola passou a funcionar. A hierarquia entre seus afazeres e as atividades escolares fica evidente quando perguntamos sobre sua rotina semanal: *Eu chego 16:20. Quando eu chego, eu vou lavar roupa, vou arrumar casa, varrer terreiro. Aí, quando sobra um tempim à noite, eu faço as atividades da escola.*

No final de 2014, depois da formatura, Alice nos disse que iria embora para outro estado, no norte do país. Ela iria se casar, e por isso, não tentaria vestibular por enquanto. Diz que ainda não sabe o que vai

fazer, mas que seu sonho é passar em um concurso público, preferencialmente na área agrária.

Na família de Alice, chamou-nos a atenção o empenho de sua mãe para que ela e seus irmãos estudassem. Sem o apoio do marido, é dona Dorinha quem aparece (no depoimento de sua filha) levando os filhos de charrete nas madrugadas para pegar ônibus e estudar na cidade, é ela também quem aparece na reportagem da TV Rio Preto mobilizando a comunidade contra a unificação das turmas, quando sua filha estudava na Escola Chico Mendes. Essa mãe conta que sempre frequentou as escolas dos seus filhos, mesmo fora das reuniões. Apoiou a decisão dos filhos (ainda crianças) de não estudar na escola do curral por causa do barulho, insegurança e más condições de aprendizagem (na perspectiva deles). Hoje o seu filho mais velho está cursando o último ano do Bacharelado em Administração numa faculdade particular na cidade de Unaí, e foi ela quem pagou suas mensalidades por um ano e meio (vendendo roupas como sacoleira) até que ele conseguisse um emprego num banco de Arinos, emprego que hoje garante o pagamento de sua faculdade e das despesas com a casa em Arinos, onde mora com duas irmãs. O outro filho de dona Dorinha é egresso do IFNMG onde fez o curso técnico em agropecuária. Ele hoje mora na cidade de Formosa, em Goiás, onde trabalha num laboratório de análise de solos (e assim paga suas despesas) e faz um curso superior de Química, em que foi aprovado no final de 2014. A filha mais nova cursa o ensino fundamental no Colégio Objetivo, instituição particular em Arinos como bolsista.

Dona Dorinha fala com orgulho da trajetória escolar de seus filhos que, segundo ela, nunca foram reprovados e nunca 'deram trabalho' na escola. Sua única preocupação é com Alice que acaba de concluir o ensino médio e vai se casar. A mãe diz chorando que teme que a filha, pela região em que vai morar com o marido, nunca volte a estudar e não entre numa faculdade. Seu maior temor é que um dos seus filhos não consiga obter o diploma de nível superior. *O meu sonho é de todos ter o superior (...) e quero assim que Deus abençoe que eu vou realizar o meu sonho.*

3.3.2 - Família do aluno Felipe

O aluno Felipe tem dezessete anos, estuda no segundo ano do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio e mora no Assentamento Carro Quebrado com a mãe e o padrasto. Seus pais cursaram apenas o ensino fundamental. A mãe (40 anos) é dona de casa e o padrasto (60 anos) é catireiro: *compra e vende gado, semente, tudo, essas coisa assim, tira um leite, essas coisa assim*. A renda líquida da família é de 1.200 reais e a mãe nunca tentou acessar o Programa Bolsa Família. A produção do lote é pequena, apenas para a família e consiste em milho, abóbora e hortaliças.

Felipe veio de Goiás aos seis anos de idade e morou na cidade de Arinos até os onze anos, quando foi para o assentamento. Em Arinos estudou em três escolas públicas, e no Chico Mendes estudou da quinta a oitava série. Sobre a experiência da escola no curral, ele não quis falar muito, disse apenas que era organizado e limpo.

No primeiro ano do ensino médio, Felipe passou a estudar no IFNMG e foi reprovado nesta série. Ele acredita que sua base não foi boa e que estudar o dia inteiro no primeiro ano foi difícil. Quando repetiu a série, Felipe diz que foi mais fácil e que de lá pra cá estuda pouco, meia hora por dia, ou uma semana antes das provas. Sua mãe se queixa das horas para estudo e ele diz que não tem cabeça para estudar muito tempo quando chega da escola, porque já está cansado e porque presta atenção o suficiente nas aulas para não precisar estudar em casa.

O aluno diz que sua mãe confia nele e em seu método de estudo, mas que não deixa de reclamar porque ele pega no livro poucas vezes ou porque vive jogando no computador. Para Lahire (2008), as famílias das classes populares tentam compensar o auxílio escolar que não conseguem oferecer, através de práticas de controle como esta, monitorando o tempo dedicado às tarefas, ou controlando o tempo dedicado a outras atividades como televisão ou saídas com os amigos. Segundo o autor, apesar de a intervenção dessas famílias se voltarem para domínios periféricos das práticas escolares, essa intervenção, ainda assim, possui grande relevância.

A internet de Felipe é por ele próprio. Ele declara que usa para acessar o facebook, ouvir música, jogar e (também) fazer pesquisas

escolares. O jovem tem em seu quarto uma mesinha (onde fica o notebook) e uma cadeira que utiliza como espaço para estudar.

Durante a semana, Felipe acorda às 5:30 da manhã e vai de bicicleta até o ponto de ônibus que fica a quase quatro quilômetros de sua casa. Como os demais assentados do IFNMG, Felipe levava marmita para a escola (isso aconteceu durante quase três anos, mas desde o mês de outubro de 2014, o refeitório do Instituto passou a funcionar) onde estuda até o final da tarde, e só chega em casa depois das 18 horas. Felipe também é bolsista do Programa de Iniciação Científica Júnior num projeto de caracterização de sementes de feijão. Além deste auxílio financeiro, ainda foi contemplado com os auxílios transporte e cópia e impressão.

Nos finais de semana Felipe ajuda o padrasto e às vezes sai para jogar bola. Ele gosta de morar no assentamento pela tranquilidade, mas pretende sair assim que terminar o ensino médio. Não pretende morar na zona rural, a menos que seja com um bom emprego. Entre seus planos estão cursar a faculdade de agronomia ou conseguir um emprego de técnico em agropecuária numa fazenda em Goiás, onde seu pai mora. Felipe ainda não sabe qual será sua prioridade (o curso superior ou o emprego), está esperando que as coisas aconteçam ou que as oportunidades apareçam.

Em sua opinião, a vida de estudante não é diferente para um assentado. Diz que quando entrou no IFNMG já sabia que ia ser difícil, mas isso não tem a ver com o fato de ser assentado. Diz que nunca se sentiu discriminado, que apenas se incomodou com os apelidos, mas que fez amigos da cidade. Desde outubro de 2014 Felipe mora no Campus, pois foi contemplado no sistema residencial. Ele diz que os trabalhos em grupo agora são feitos com os colegas residentes como ele, que é mais fácil, mas que antes seu grupo de estudos sempre havia sido com os colegas assentados.

Felipe acredita que seu futuro será bom, que sua base para o futuro é melhor e que a escola o está preparando para tudo o que vier: *Tudo que vim lá na frente, acho que eu já tô pronto pra mim resolver sozinho.*

3.3.3 - Família da aluna Cláudia

Cláudia tem 25 anos e mora com o marido numa casa alugada em Arinos há poucos meses. Ela faz faculdade pela manhã e trabalha numa padaria (onde tem carteira assinada e recebe um salário mínimo) nos períodos da tarde e noite. Seu marido trabalha como pedreiro e não tem renda fixa. Em 2014 ela foi contemplada com o auxílio transporte do IFNMG.

Cláudia veio do assentamento Carro Quebrado e mora em Arinos desde o ano de 2010, quando passou a estudar no IFNMG. Seu pai (55 anos) e sua mãe (47 anos) continuam no assentamento e a renda da casa vem do Benefício de Prestação Continuada (BPC) que seu pai recebe por um problema na coluna, e do Bolsa Família. As condições de saúde do pai e a falta de chuva, segundo Cláudia, são os motivos pelos quais eles hoje não plantam roça: *Ele só mexe com uma mandioca no quintal, um feijão catador...*

Quando era ainda muito criança, os pais de Cláudia deixaram a casa do avô onde viviam, em Morrinhos (Distrito de Arinos) e foram para um acampamento chamado Regalito, no mesmo distrito. Como o INCRA não conseguiu a desapropriação daquela fazenda, ela e a família mudaram-se para o acampamento Carro Quebrado. Ela nos conta que ficou até os oito anos de idade sem estudar, até que uma sala de aula cercada com tela foi improvisada no acampamento que daria origem ao PA Carro Quebrado. Sua turma era multisseriada, de primeira a quarta série e funcionava com uma professora que havia cursado apenas até a oitava série. Ela se lembra da dificuldade com a divisão dos conteúdos para cada série, e relembra com risos o dia em que, ainda muito crianças, ela e os colegas escutaram uma aula sobre educação sexual, da quarta série.

Nesta turma multisseriada, Cláudia ficou por poucos meses, pois a prefeitura passou a oferecer um ônibus para levá-los até a cidade de Arinos. Sendo assim, parte da primeira série, a segunda e a terceira série, foram cursadas numa escola municipal. Segundo a aluna, as crianças saíam às 10 horas da manhã para estudar no período da tarde em Arinos e só retornavam para casa às seis da tarde.

No ano seguinte, os assentados não conseguiram o transporte escolar, e mais uma vez, Cláudia, que estava na quarta série, voltou a estudar numa sala multisseriada organizada na sede da fazenda. Da quinta a oitava série, a aluna estudaria na escola Chico Mendes, no "barulhento" barracão, segundo suas palavras.

O ensino médio foi cursado numa escola estadual na cidade de Arinos, no período noturno. Cláudia nunca repetiu de ano, mas nos contou que não se sentia preparada para o ensino superior, considerando o Ensino Médio 'fraco' que tinha feito. Foi assim que ela decidiu cursar o ensino médio pela segunda vez, agora no IFNMG de forma integrada ao curso técnico em informática. Ela nos diz que teve muitas dificuldades, que parecia ter começado do zero, e que foi muito difícil "sobreviver" no curso sem nunca ter tido um computador. Ela fazia seus trabalhos práticos em *lan houses*, quando tinha dinheiro, ou na casa de colegas (quando era possível), e diz que essa trajetória permitiu a ela viver uma nova experiência com o conhecimento. Da época do curso técnico, ela lembra-se do sentimento de rejeição pelos colegas: *Eles não diziam nada, mas eu ficava lá excluída num canto*. Ela diz que seus colegas assentados na época não diziam de onde vinham e se relacionavam melhor por isso.

O acompanhamento dos estudos pelos pais de Cláudia foi inexistente. Ela nos disse que a ajuda dos pais consistia na compra de materiais, quando era possível.

Durante os três anos do curso técnico em Informática, Cláudia morou na casa de uma tia em Arinos. Nessa época, a aluna foi contemplada com o auxílio permanência que, segundo ela, possibilitou que ajudasse os pais que passavam por muitas dificuldades econômicas no assentamento:

Daí, minha mãe e meu pai não tinha dinheiro pra mandar pra minha tia aqui, então eu fiquei morando de favor e eles só trazia mesmo mantimento, galinha, ovo, essas coisas que eles podia lá. Aí, com o dinheiro aqui do auxílio, eu conseguia mandar um pouco pra eles também. Daí, ajudava um pouco lá em casa, aí eu fiquei nessa, fiquei, morei três anos com o auxílio permanência, graças a Deus e foi o que deu pra dar suporte mesmo aqui.

Em 2014, Cláudia cursava o segundo ano do curso superior de Tecnologia em Produção de Grãos no IFNMG e deixou de morar com a tia, já que casou-se a pouco mais de um ano. Sendo egressa de um curso técnico do IFNMG, optou por fazer o vestibular na mesma Instituição e foi classificada em primeiro lugar, utilizando o sistema de cotas. O curso lhe abriu outras perspectivas, ela pensa em ajudar os pais com o conhecimento técnico e diz que pretende, no futuro, prestar assistência técnica aos assentados. Ela compreende sua mudança para a cidade como um passo positivo: *daqui eu só quero subir mais*. Da experiência de ser assentada, ela fala com tristeza das dificuldades com a roça, da falta de chuvas, da degradação do solo e lembra, muito emocionada:

Era muito difícil porque aquele tempo minha mãe e meu pai não tinha auxílio nenhum, sabe? Então a gente vivia do trabalho braçal mesmo do meu pai que trabalhava pros outros. Passamos muita precisão(...).

Cláudia entende que ser estudante e ser assentada é difícil, e que a aprendizagem fica comprometida inclusive pela dificuldade de acesso à escola. Ela sonha em trabalhar na área do seu novo curso, pois diz que está mais perto de sua realidade, e termina a entrevista falando novamente dos pais:

(...) eu quero dar apoio pros meus pais agora porque eles já me ajudaram tanto. Aí, se Deus quiser que eu arrumar um emprego na minha área agora e poder ajudar eles agora. A minha meta é só essa. Até porque a vida agora na fazenda, ela tá muito difícil, sabe? Não é todo ano que meu pai planta que colhe. As vezes compra com dificuldade a semente só que acaba perdendo por causa do sol. (...) Ah, eu espero que, deixa eu ver, daqui uns dois anos eu já esteja trabalhando profissional nessa área, sabe? Eu gosto muito. (...) Esse, agora, eu vejo mais dentro da minha realidade, sabe? Até porque eu já passei por essa, só não sabia as técnicas, os modos certos, mas meu pai trabalhava com lavoura, isso tudo. (...).

Voltei a conversar com Cláudia quatro meses depois da primeira entrevista, ela conta que precisa deixar o emprego para fazer o estágio e o TCC do seu curso porque não pode mais adiar (já é o último

ano). Cláudia ainda não sabe como vai se manter financeiramente em 2015.

3.4 - Jovem do PA Roça



Figura 34: Sede do PA Roça (Foto da autora - Novembro de 2014)

O assentamento Roça foi criado pela Portaria 23/2000 do INCRA e originou-se da fazenda de mesmo nome, de propriedade do senhor Raimundo Campolina. Este assentamento dista 34 quilômetros da cidade de Arinos. Seu nome foi escolhido pelos próprios assentados que optaram por manter o nome da antiga fazenda desapropriada, conforme nos contou o senhor Salomão. O PA Roça não teve envolvimento com o MST em sua formação e tem hoje 36 famílias.

3.4.1 - Família do aluno Francisco

O jovem Francisco tem 21 anos e cursava, em 2014, o terceiro ano do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio. Ele veio do assentamento Roça em 2011 para estudar no IFNMG e morou durante um ano na casa de conhecidos na cidade de Arinos. Hoje, ele mora sozinho num barracão construído nos fundos de um terreno de sua irmã. Na casa principal moram suas sobrinhas que também estudam em Arinos. Francisco nos conta que o barracão foi construído com a ajuda

financeira do seu pai, mas que o dinheiro que recebe da assistência estudantil (300 reais mensais) foi essencial para que a obra fosse feita. Ele conta que suas condições de vida e estudo melhoraram bastante desde que passou a morar 'em seu próprio lar'. Foi lá que ele nos recebeu para a entrevista: um espaço muito simples, porém, organizado.

Francisco vivia com o pai (49 anos) e a mãe (55 anos) no assentamento, ambos possuem o ensino fundamental incompleto (terceira e quinta série, respectivamente) e trabalham com a produção de leite. Eles são cooperados e utilizam o tanque comunitário, como os outros já mencionados. A renda mensal da família é de 1.200 reais, valor que varia muito em virtude da oscilação do preço do leite como já mencionado no capítulo 1. A mãe de Francisco recebe 70 reais do Bolsa Família e hoje eles cultivam apenas uma horta. Além do auxílio permanência no valor de 300 reais, Francisco conta que em 2013 foi bolsista do Programa de Iniciação Científica Júnior num projeto com sementes de Barú.

A vida desse jovem nem sempre foi no assentamento, ele conta que morou na cidade de Arinos quando era criança. Os primeiros anos na escola foram difíceis porque ele não conseguiu se adaptar e ficou estudando em casa com uma professora particular. Passado um tempo, que ele não especifica, começou a frequentar uma escola pública em Arinos.

Apesar de morarem na cidade, Francisco diz que o sonho do seu pai sempre foi o de ter uma fazendinha para poder criar algumas vacas e galinhas. Quando seu pai conseguiu o lote no assentamento, a mãe providenciou a mudança dos dois, e sua matrícula na Escola Chico Mendes. Já em seu primeiro ano na nova escola, Francisco foi reprovado, ele cursava a segunda série e diz que era muito tímido e não se adaptou ao ritmo da escola. Desta experiência no Chico Mendes, ele se lembra mais da dificuldade em chegar à escola do que das condições de aprendizagem:

Naquela época o transporte era muito difícil e como a fazenda (termo que ele e outras pessoas usam para se referir aos assentamentos) do meu pai lá é longe da escola, do colégio (...) enfrentava muita dificuldade e chegava na escola, tinha vez que chegava sujo. E naquela época chovia muito (...) tinha muito mato, sujava na

estrada e aí chegava na escola todo sujo. Tinha vez que os professor não queria deixar a gente entrar porque tava sujo, entendeu?

No ano seguinte, Francisco passou a estudar numa escola na sede do próprio assentamento Roça. Lá estudou por um ano e foi reprovado novamente:

(...) também não entendo direito porque, segundo os meus pais, quando eu era mais novo, diz que eu não queria saber de estudar, não gostava de fazer tarefas escolar, não gostava de estudar, eles ficava pegando no meu pé e portanto acabei por não passar.

Francisco concluiu a quarta série na escola do assentamento Roça e retornou ao Chico Mendes para cursar de quinta a oitava série. Nos anos finais do ensino fundamental, não foi reprovado em nenhuma série. No ensino médio, Francisco submeteu-se ao processo seletivo do IFNMG e nesta Instituição passou a cursar o técnico em agropecuária integrado ao ensino médio. Ele foi reprovado no primeiro ano e acredita que sua timidez (falta de interação com os colegas e professores) aliada à falta de um computador para estudar e fazer pesquisas, e ainda o ritmo 'mais puxado' da escola contribuíram para isso.

Este jovem admitiu claramente ter sofrido preconceito por parte dos colegas no IFNMG, ele não quis demorar-se no assunto nem dar detalhes, apenas declarou que foi um momento difícil. Ponderou ainda que seus pais o ajudaram a superar o preconceito e que hoje tem muitos amigos na sala, grupo de estudos e que não tem problemas com mais ninguém.

Das boas mudanças que aconteceram em sua vida desde a vinda para a cidade de Arinos, Francisco destaca o auxílio estudantil e a construção de sua casa própria. Ele diz que vive para estudar, e que a dificuldade que enfrenta ainda é a falta da internet, pois agora já tem um notebook usado (objeto que ele exhibe com um sorriso bem satisfeito) que ganhou de sua prima. A falta da internet, ele tenta compensar salvando o material que consegue enquanto está no Instituto. Ele diz que tem facebook, mas que prefere dar preferência aos assuntos da escola, que utiliza pouco a internet para outros assuntos que não sejam os trabalhos da escola. Francisco não tem cadeiras em sua casa, ele nos

mostra que para estudar precisa aproximar seu velho sofá junto à mesa, para criar um espaço em que possa ler e escrever.

Francisco afirma que visita raramente os pais. As poucas possibilidades de transporte até o assentamento implicam na perda de aulas na segunda e sexta-feira, por isso, os encontros se limitam às férias. Seus pais também não vão à escola, segundo Francisco porque o pai não pode deixar de tirar o leite nenhum dia da semana, e ainda tem as hortas e outras criações para cuidar sozinho, já que sua mãe tem problemas de saúde. Ele nos conta que os pais sempre perguntam se ele está estudando e sempre o incentivaram a continuar, mesmo depois da reprovação. A opinião dos pais sobre a reprovação no IFNMG é diferente da de Francisco. Eles acreditam que a greve em 2011 que durou três meses, aproximadamente, dificultou um processo que já era difícil para o filho porque a reposição de aulas e o ritmo das avaliações quando a greve acabou foi muito intenso (a reposição da greve aconteceu entre os meses de novembro e janeiro, de segunda a sábado, nos turnos da manhã e da tarde).

Apesar de morar na cidade, o dia de Francisco começa tão cedo quanto o dos seus colegas que moram nos assentamentos:

Sou costumado acordar por volta de cinco horas, eu não gosto de acordar tarde (...). Acordo cedo, faço meu café e vou prá escola. A partir de seis e meia os ônibus do transporte escolar já começa a fazer o roteiro deles. Vou pra escola, quando dá na hora do almoço volto, esquento meu almoço, eu mesmo que cozinho. Todo dia a noite, todo dia faço meu jantar porque se não fizer a janta eu não almoço, né? Tem que fazer a janta pra almoçar no outro dia. Chego meio dia, esquento a janta e volto. Quando dá a tarde, mesmo roteiro.

Francisco costuma ficar na escola depois do horário para participar de plantões, monitorias e grupos de estudos. De forma muito detalhada, ele contou como busca os slides que os professores trabalham em sala e leva para casa, bem como listas de exercícios que ele costuma pedir aos professores, inclusive em períodos de férias. Ele diz que estuda também nos finais de semana porque não gosta de sair: *Quando saio sempre é pra estudar, ir na casa de algum colega estudar e, final de semana fico mais, arrumo minha casa, lavo minhas roupa(...). O*

aluno diz que perdeu a timidez e se acostumou ao ritmo da escola. Quando conversamos, no início de agosto de 2014, suas notas não estavam boas em três (matemática, física e química) das vinte e uma disciplinas que tem no curso. Ele se mostra bem consciente de suas limitações e dificuldades, sobretudo nas ciências exatas.

O desejo de Francisco era o de fazer vestibular para Agronomia no próprio IFNMG quando terminasse o ensino médio: (...) *eu gosto muito da área agro, eu quero tentar o vestibular de agronomia e... continuar estudando aí mais cinco anos de estudo, se Deus ajudar que passar. Eu vou passar, eu vou conseguir e com fé em Deus eu vou fazer agronomia.*

Francisco diz que gostava muito de viver no assentamento e conta com satisfação da grande casa que seu pai construiu e das duas boas fontes de água que ele ajudou a preservar dentro do lote: *O povo mais embaixo deixou o rego secar, não cuidou, e meu pai, ele, como a fonte de água era boa ele não deixou acabar não, ele quis preservar as beiradas do rego e do rio também(...).* Na época em que lá vivia, ele conta que ajudava o pai entregando o leite na associação do assentamento, mas que isso sempre acontecia fora do horário da escola.

Depois de formar-se em agronomia, Francisco, diferente da maioria dos seus colegas, pretende morar no campo, no próprio lote do seu pai, se for possível. Imagina-se no futuro sendo um agrônomo de sucesso e fazendo 'o bem para o próximo'.

Francisco conseguiu passar de ano e formou-se técnico em agropecuária. Ele não passou no vestibular para Agronomia no IFNMG. Encontrei o jovem nos corredores da Instituição em fevereiro deste ano, e ele dizia, bastante entusiasmado, que tinha conseguido uma proposta de emprego com carteira assinada, por isso estava na escola buscando o seu diploma. O jovem vai atuar numa fazenda como técnico em sua área de formação, e nessa mesma fazenda vai passar a morar. Perguntei a ele sobre o sonho de fazer Agronomia, ao que ele respondeu que ainda tinha esperanças de entrar no curso, pela lista de espera do SISU. Duas semanas depois do nosso encontro, Francisco foi chamado pela referida lista para fazer o seu tão sonhado curso de Agronomia, mas ele não compareceu à chamada e perdeu a vaga.

3.5 - A educação, as desigualdades e os assentados

As práticas das famílias que analisamos mostraram que existe investimento educacional por parte dos pais, talvez apenas distintos daqueles citados por Lahire (2008). Os pais dos alunos do IFNMG, por exemplo, dispensaram a possível mão de obra dos filhos no trabalho com o lote para que pudessem estudar em período integral. Além disso, mais da metade destas famílias (sete famílias das doze acompanhadas) investiram na aquisição de computadores e instalação de internet e ainda assumem despesas de alimentação e, em alguns casos, o pagamento de aluguel na cidade de Arinos²⁶.

Entretanto, apesar desse investimento, esses pais confirmaram não participar diretamente dos estudos dos filhos. Quando perguntados sobre o acompanhamento dos filhos na escola, a maioria procurou enfatizar a participação apenas através da presença nas reuniões convocadas pelas escolas. Alguns pais mal veem os filhos durante a semana em virtude das longas jornadas que os jovens enfrentam fora de casa e do assentamento.

Entre as famílias acompanhadas, apenas excepcionalmente há momentos de conversas sobre aprendizagem dos filhos. Possivelmente, isso acontece pela falta de escolaridade dos pais que (em sua maioria possuem entre a terceira e oitava série do ensino fundamental) não se veem em condição de opinar sobre rotina de estudos de seus filhos. É justamente neste ponto que a análise de Bourdieu é pertinente, pois entendemos que esses alunos adentram a escola em condição de desigualdade, sobretudo no aspecto do capital cultural incorporado.

Bourdieu e Passeron indicaram o período de escolarização como o momento em que a influência da origem social mais se exerce, pois os privilégios culturais dos dominantes são legitimados pela escola e transformados em mérito pessoal. Segundo os autores, as próprias classes populares incorporam essa lógica e vivenciam as perdas na escola como destino pessoal.

²⁶ O intuito da moradia em Arinos, segundo declaração dos pais, é o de tornar menos cansativa a jornada dos filhos os quais cursam o ensino técnico integrado ao ensino médio.

O discurso da falta de dons se apresentou em quase todas as falas dos alunos assentados que entrevistamos, sobretudo quando o tema era a reprovação. Os alunos mostraram-se convencidos de que suas reprovações, apesar das condições desfavoráveis de aprendizagem ou do fato de serem ainda crianças (como nos casos de reprovação nas primeiras séries do ensino fundamental), eram consequência quase que exclusiva do seu desinteresse e falta de esforço. Insistimos no tema para entender o quão interiorizado está, nesses alunos, o conceito de destino escolar. Todas as falhas que esses alunos apontaram para a falta de êxito na escola remetiam a eles próprios:

(...)reprovei um ano na quarta série (...) Acho que foi falta de atenção nas explicação... (Regina, hoje aluna do terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Chico Mendes)

O primeiro ano (do ensino médio) eu bombei; falta um pouco de esforço meu, mas também era dificuldade, um pouco. (Paulo, aluno do segundo ano do IFNMG - Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio)

Foi ruim, mas a gente aprende muito reprovando. (...)Eu acho mais porque era vergonhosa, não perguntava, se tinha alguma dúvida não procurava. Mais foi isso que eu reprovei. (Mariana, hoje aluna do terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Chico Mendes)

Tipo, igual, no instituto mesmo, que eu reprovei lá, não tinha necessidade de ter reprovado porque se eu quisesse mesmo, eu tinha passado de ano .(Francisco, aluno do terceiro ano do IFNMG - Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio)

Aí, logo depois em 2012, eu vim aqui pro Ifet²⁷, reprovei o primeiro ano, não consegui, tinha toda aquela falta de adaptação, às vezes falta de interesse mesmo meu . (Júlio, aluno do segundo

²⁷ Algumas pessoas da comunidade referem-se ao IFNMG como IFET.

3.6 - Escola, habilidades e processo educacional

A clientela do IFNMG é bastante heterogênea. Existem, além dos assentados, jovens de outras áreas rurais do município de Arinos e de municípios vizinhos, bem como das escolas estaduais, municipais e da rede privada da cidade de Arinos. Existem também alunos oriundos de escolas da rede privada da cidade de Unaí. Geralmente, as maiores dificuldades de aprendizagem e os maiores índices de reprovação são dos alunos da rede pública municipal ou estadual. Para nos aproximarmos (ainda que de maneira superficial) dessa realidade, levantamos a situação de todos os alunos do Campus Arinos que foram reprovados na primeira série no ano letivo de 2012 (o mesmo ano e a mesma série em que a maioria dos alunos que fizeram parte desta pesquisa foram reprovados) e descobrimos que dos 172 alunos matriculados (em cinco turmas de primeira série do ensino médio), 52 foram reprovados e destes, 47 eram oriundos das escolas públicas as quais nos referimos.

Não foi possível identificar a presença de práticas cotidianas de escrita e das práticas familiares de leitura. Os pais assentados explicaram que não há muito tempo para acompanhar os estudos dos filhos, já que eles chegam em casa somente no final do dia. Na maioria dos casos, não há nenhum diálogo sobre o que aprendem na escola. Tanto os pais quanto os alunos disseram que existem perguntas mais amplas sobre "como se vai na escola", em alguns casos, cobranças sobre "épocas de provas" ou questionamentos sobre o fato de quase não ver o filho "pegando no livro". Este é o modo como a maioria das mães declaram acompanhar os estudos dos filhos. É preciso mencionar que boa parte desses pais e mães entendem que participar dos estudos dos filhos é sinônimo de participar das reuniões escolares. No entanto, o apoio aos estudos se materializa de outra maneira.

Esta realidade nos leva, mais uma vez, a fazer referência às desigualdades mencionadas por Bourdieu. Existe uma organização do funcionamento da casa para permitir que esses jovens estudem, como por exemplo, o fato de as mães levantarem às quatro da manhã para fazer o almoço para que a comida que o filho leva seja "fresca" e não estrague antes do horário do almoço. Existe um desprendimento de, no

mínimo três anos, da mão de obra do filho nas atividades do lote para permitir que ele possa estudar em dois períodos do dia.

Alves et al. (2013) apontam que os grupos sociais mais propensos a alcançar o sucesso escolar são aqueles em que os pais apresentam níveis de aspiração e investimento mais altos na escolarização dos seus filhos. A ambição escolar/nível de aspiração dos pais foi analisado nesta pesquisa e eles foram unânimes em afirmar a importância do curso superior para o futuro dos filhos. Nesse sentido, eles vão além e associam a continuidade dos estudos em nível superior à saída dos filhos do assentamento. É como se, na percepção de parte desses pais, a oportunidade de cursar uma faculdade representasse também a oportunidade de construir uma vida alternativa fora do assentamento.

No que diz respeito à influência do tipo de escola, percebemos que os pais puderam contar com duas opções no ensino fundamental para os filhos: as salas multisseriadas improvisadas nos acampamentos e assentamentos ou nas escolas públicas de Arinos ou Uruana de Minas que exigiam o deslocamento diário de 30 ou 40 quilômetros de ida e volta. Arinos possui 6 escolas de educação básica: a Escola Municipal de Ensino Fundamental João Gontijo, a Escola de Ensino Fundamental e Médio Major Saint' Clair Fernandes Valadares, a Escola Estadual Garibaldina Fernandes Valadares e a Escola Estadual Professor Benevides. Em Uruana de Minas as opções são em menor quantidade: Escola Municipal Gustavo Capanema, Escola Municipal de Educação Infantil Balão Mágico e Escola Estadual Darcy Ribeiro. As opções tornaram-se ainda mais reduzidas quando a ausência de transporte escolar em determinados períodos (principalmente na época de formação dos assentamentos) obrigaram os pais a matricular os filhos na única escola que era alcançada pelo transporte disponível. O próprio prefeito da gestão 1997-2000 nos informou que o município só conseguiu iniciar a oferta do transporte escolar para a zona rural a partir do ano de 1999.

No ensino médio, as opções aumentaram desde 2009 com a implantação do IFNMG que passou a oferecer cursos técnicos concomitantes, subsequentes e integrados ao ensino médio. Desde então, os assentados tiveram a opção de escolher entre as escolas estaduais da cidade de Arinos e os cursos técnicos em informática e agropecuária no IFNMG. Em 2010, outra oportunidade de cursar o ensino médio surgiu

com a inauguração da Escola Estadual Chico Mendes no assentamento de mesmo nome.

No decorrer desta pesquisa passamos a entender que o conhecimento do sistema de ensino por parte dos pais assentados tem influência na escolha pelos cursos técnicos do IFNMG. Mais da metade deles demonstrou muitas expectativas não somente com a possibilidade de os filhos alcançarem uma profissão concomitante ao ensino médio, mas sobretudo, das possibilidades da continuidade dos estudos em nível superior. Todos estes pais que se dispuseram a contribuir com essa pesquisa afirmaram desejar que os filhos não parassem de estudar quando concluíssem o ensino médio. Alguns deles afirmaram ser o ensino federal uma ferramenta importante de preparação para o alcance de uma vaga no ensino superior.

Estas afirmações nos levam a entender que existe uma ponderação, por parte deles, das possibilidades de ensino. Um indício nesta direção é que a maioria dos alunos (cinco alunos, em oito) que fizeram parte da pesquisa e que estudavam no IFNMG foram reprovados já no primeiro ano e, ainda assim, os pais optaram pela continuidade de estudo dos filhos nos cursos técnicos, quando as condições financeiras estimulavam a busca por outras opções de menor custo²⁸ (como estudar na escola do próprio assentamento ou em escolas da cidade de Arinos que, diferente do IFNMG, funcionam em um único turno e permitiriam que os filhos pudessem ajudar no trabalho com o lote).

²⁸ Fazemos referência aos custos porque, como já foi dito no capítulo 3, os alunos assentados que estudam no IFNMG tem gastos com alimentação. Em alguns casos, os pais optam por pagar aluguel na cidade de Arinos, para evitar o desgaste dos filhos com as viagens diárias. Somado a isso, ainda existe, em alguns casos, o custo da dispensa do auxílio do filho no trabalho com o lote.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida cotidiana e a vida estudantil de crianças e adolescentes em idade escolar nos espaços de reforma agrária podem ser bastante duras. A dificuldade em manter um padrão de vida minimamente digno em locais onde a alimentação é precária, a higiene é precária e, muitas vezes, há lonas como proteção no lugar de uma casa, aliado ao constrangimento de ser mal recebido na escola, tornam ainda mais penosas as trajetórias desses jovens.

Rotinas que começam às cinco da manhã, pés cheios de lama na estrada da escola e comida requentada são parte de uma rotina difícil de pessoas que precisam e desejam estudar. O futuro brilhante aparece (fora raras exceções) longe da roça, longe do assentamento, nas expectativas em assegurar, além do próprio futuro, uma "boa" velhice aos pais.

Esta pesquisa acompanhou doze famílias de assentados e foi possível compreender que as instituições de educação acessadas não contemplam suas reais necessidades.

Nas falas dos alunos do IFNMG pouco aparece a sociabilidade com colegas da cidade. O constrangimento e a violência simbólica contra jovens oriundos de assentamentos são tais que dentro do IFNMG os alunos tentam se separar desta identidade considerada pejorativa e mentem seu endereço. Em alguns casos, fornecem no ato da matrícula o endereço de um conhecido na cidade na tentativa de não serem identificados. O chamado duplo enquadramento que as pessoas identificadas como jovens e rurais vivenciam, aparece claramente nesta pesquisa. O drama de ser um jovem e viver no mundo rural lhes impõe um fardo de preconceito. Além disso, experienciam a desvalorização do mundo rural no espaço urbano, tais como a identificação de atrasados, roceiros, peões. Há ainda aqueles que admitem nunca ter mencionado que vinham de um assentamento durante os três anos do curso. Referindo-se ao IFNMG, um jovem aluno afirma: *É como se uma escola desse porte não fosse feita para a gente.*

Há um duplo estrangeirismo: nem os estudantes se sentem participantes do meio rural (em alguns casos desejam uma profissão

para sair do campo) nem se sentem integrados no espaço urbano proporcionado pelo IFNMG.

Por mais que as famílias dos assentados não sejam fontes de referência em termos de suporte escolar (uma vez que possuem, geralmente, o ensino fundamental incompleto), elas operam uma ordenação racional que prepara os filhos para o disciplinamento dos jogos escolares. Existe um senso prático por parte dos pais no sentido de auxiliar os filhos na compra de computadores (mesmo que eles não saibam exatamente para qual finalidade) e de dispensa-los do trabalho para o estudo. Embora os pais incorporem as regras do jogo isto é insuficiente para que os filhos superem as dificuldades escolares. Há um capital objetivado, porém, com a ausência do capital incorporado o computador não é suficiente para contornar a reprovação escolar.

Na escola do assentamento Chico Mendes, o próprio Projeto Político Pedagógico da escola desconsidera a condição de assentados desses jovens. Em outras palavras, não há espaço e acolhimento para esses alunos. A instituição ignora as condições de um aluno assentado e parece lhes fornecer poucas informações sobre os próximos passos. Alguns alunos em fase de conclusão do Ensino Médio, sequer conhecem o ENEM.

A ideia da repetência no IFNMG aparece elaborada nas fala dos alunos e alunas de outra forma, muitas vezes, como uma estratégia pessoal: repetir para conseguir acompanhar o curso nos próximos anos, considerando que estes são alunos oriundos de escolas avaliadas como fracas. Há inclusive uma aluna que optou por refazer todo o ensino médio junto ao técnico de informática. Ao mesmo tempo em que ocorre uma internalização do fracasso, os testemunhos dos alunos trazem as dificuldades econômicas, as distâncias a percorrer até a escola, a comida requentada. Eles elaboram igualmente a falta de condições objetivas para os estudos. Há portanto, uma ambivalência entre o assumir os fracassos e apontar as desigualdades.

Em que pese a defesa do MST de um modelo pedagógico alternativo e com forte conotação ideológica, as aspirações de pais e filhos de assentados se voltam em outra direção: para os desafios do mercado de trabalho. Antes de construir uma sociedade alternativa, eles gostariam de participar desta que já existe e depois tomar suas próprias decisões. A ideia de uma escola só para assentados aparece mais no

sentido de isolá-los do restante da sociedade do que de afirmar uma identidade que é, no mínimo, discutível. O próprio nome dos assentamentos, em algumas situações, encerra uma violência simbólica: os assentados não mudam o nome que era anteriormente a identidade de uma fazenda "Roça", ou deixam o nome que identifica o lugar pela tragédia do acesso, o "Carro quebrado". Já os nomes Chico Mendes e Carlos Lamarca, por outro lado, carregam a nítida influência das lideranças do MST. As próprias sedes dos assentamentos fotografadas espelham uma situação de abandono e desinteresse.

De todo o modo, a festa do PA Chico Mendes já se tornou referência na região. Existe sociabilidade não apenas com os assentamentos vizinhos, mas com comunidades de municípios próximos que anualmente participam da festa.

No campo econômico, mesmo as famílias mais prósperas por estarem vinculadas à cooperativa de leite, enfrentam dificuldades em sua comercialização, seja pelo preço reduzido pago pela Itambé, seja pela falta de diretrizes para que eles possam comercializá-lo, ou mesmo pela dificuldade que muitas famílias possuem em associar-se ao programa Balde Cheio e, assim, melhorarem a produção em termos de quantidade. A própria relação de compra não firme que os assentados produtores de leite vivenciam demonstra a fragilidade em que se encontram estes atores para enfrentar relações de mercado.

A realidade conhecida e investigada nos mostra que as instituições de educação da região, em particular o IFNMG, podem intervir nessa realidade reformulando seus espaços e formas de atuação, bem como seus projetos pedagógicos.

A Escola Estadual Chico Mendes tem, a nosso ver, um papel fundamental na mudança da percepção que os jovens assentados têm de si mesmos. A (baixa) autoestima dos jovens e a prática de encobrir a origem quando vão estudar na cidade, poderiam ser diferentes se a sua primeira escola lhes contasse quem eles são e de onde vieram. Ainda que os jovens não queiram continuar no assentamento, ou não se identifiquem com a causa da luta pela terra, é importante que o estigma de ser "sem-terra" seja discutido e esclarecido. Percebemos que esses jovens envergonham-se de sua origem, mas nunca (ou raramente) leram ou ouviram falar sobre a reforma agrária e o processo de distribuição de terras na história do Brasil. Mesmo com todas as mudanças pelas quais a

escola passou desde que a ideia foi concebida pelo MST, mesmo que hoje a própria comunidade não mais esteja vinculada ou queira reestabelecer vínculos com o Movimento, é importante que a escola "conte" para os alunos como ela nasceu e adapte minimamente seu projeto pedagógico, tendo em vista a realidade de seu corpo discente.

Dentro do IFNMG poderiam ser criadas ações de recepção e acolhimento dos assentados, tanto para orientar esses jovens e suas famílias, como para orientar o restante dos alunos no sentido de aproximar os dois públicos de estudantes. No mesmo sentido, o IFNMG poderia se aproximar dos assentamentos. Constatamos que as famílias se mobilizam poupando seus filhos do trabalho durante três anos (ou mais, no caso dos que reprovam) para estudar. Seria bem-vinda a mobilização do IFNMG na realização de reuniões de pais nos próprios assentamentos e o incentivo ao seu corpo docente a conhecer o lugar de onde seus alunos vêm e compreender o significado de ser jovem, ser assentado e, ao mesmo tempo, tentar ser estudante de um curso técnico numa instituição de ensino federal. No campo da ação pedagógica, a escola poderia promover vivências fora da escola envolvendo os alunos com o intuito da interação entre assentados e não assentados, com vistas a eliminar o medo (nos jovens assentados) de ser identificado como tal.

A inauguração do refeitório conta de maneira positiva no sentido de aliviar as dificuldades de alimentação e o custo que para esta parcela da população, que pode estar além de suas condições financeiras. A oportunidade de passar mais tempo na escola por meio dos sistemas semirresidencial e residencial, também recentemente inaugurados, permitem que os alunos assentados tenham maior tempo para acessar e conviver em espaços importantes (que poucos alunos dispõem na própria casa) como a biblioteca que, além do acervo, oferece mesas e cadeiras, computadores com internet, e um espaço com luminosidade, ventilação e silêncio adequados aos estudos.

Esta pesquisa traz reflexões que podem auxiliar na esfera da atuação institucional no IFNMG no atendimento ao público oriundo de assentamentos. Público este que tem nos mostrado (nos últimos cinco anos de experiência profissional) que a busca e a insistência pelo conhecimento representa para eles, a esperança (em alguns casos, a única) de um futuro melhor através do ensino e da formação profissional.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Teresa Gonzaga et al. **Fatores Familiares e Desempenho Escolar: Uma Abordagem Multidimensional**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol.56, nº 3, 2013, pp.571 a 603.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte, Editora Saterb Ltda., 1971.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. **A realidade dos assentamentos rurais por detrás dos números**. Estudos Avançados n. 31, vol. 11, Set/Dez, 1997. p.37-49.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. IN.: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (organizadores). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Classificação, desclassificação, reclassificação. IN.: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (organizadores). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Os excluídos do interior. IN.: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (organizadores). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Os três estados do capital cultural. IN.: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (organizadores). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **A juventude é apenas uma palavra**. In.: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. ; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Relatório Analítico do Território Rural Noroeste de Minas**. Uberlândia, Março de 2014.

BRASIL. MEC/SETEC. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. 2009.

CARNEIRO, Maria José. Juventude Rural: projetos e valores. In.: ABRAMO, Helena Wendel Abramo e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (organizadores). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

CASTRO, Elis Guaraná de et al. **Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio 1996.

D'AGOSTINI, Adriana. A importância e a necessidade da teoria para a construção da escola do MST. In.: VENDRAMINI, Célia Regina e MACHADO, Ilma Ferreira (orgs.) **Escola e Movimento Social: experiências em curso no campo brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

DALMAGRO, Sandra Luciana. A escola no contexto das lutas do MST. In.: VENDRAMINI, Célia Regina e MACHADO, Ilma Ferreira (orgs.) **Escola e Movimento Social: experiências em curso no campo brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

DENZIN, Norman K. ; LINCOLN, Yvonna S. Introdução. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K. ; LINCOLN, Yvonna S. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GARCIA-PARPET, Marie France. **A construção social de um mercado perfeito: o caso de Fontaines-en-Sologne**. Estudos Sociedade e Agricultura, nº. 20, 2003, pp: 5-44.

HOULE, Gilles. A sociologia como ciência da vida: a abordagem biográfica. In: DESLAURIERS, Jean-Pierre. **A Pesquisa Qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

IBGE, 2014. Disponível em: <
cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310450&search=minas-gerais|arinos|infograficos:-informacoes completas>. Acesso em 28/04/2014.

_____, 2015. Disponível em: <
www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro>
 Acesso em 21/01/2015.

IDH, 2013. Disponível em:
 <http://www.pnud.org.br/IDH/Atlas2013.aspx?indiceAccordion=1&li=li_Atlas2013>. Acesso em 11/05/2014.

INCRA, 2014. Disponível em:
 <<http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/questao-agraria/numeros-da-reforma-agraria>>. Acesso em 12/04/2014.

_____, 2014a. Disponível em: <
<http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/questao-agraria/numeros-da-reforma-agraria/file/1816-familias-assentadas>>.
 Acesso em 28/04/2014.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 2008.

LEITE, Sérgio et al. **Impactos dos assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

LOPES, Camilo Antônio Silva. Desmistificando metáforas e construindo saberes: do sertão aos sertões e dos sertões ao sertão norte mineiro. In.: COSTA, João Batista de Almeida e OLIVEIRA, Cláudia Luz de. **Cerrado, Gerais. Sertão: comunidades tradicionais nos sertões roseanos**. São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: Fapemig; Montes Claros: Unimontes, 2012.

MARTINS, José de Souza. **Reforma agrária – o impossível diálogo sobre a História possível**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 11(2): 97-128, out. 1999.

MDA, DIEESE. **Estatísticas do meio rural 2008**/ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. – Brasília: MDA: DIEESE, 2008.

MDS, 2014. Disponível em: < <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>> . Acesso em 23/02/2015.

MMA, 2014. Disponível em: < <http://www.mma.gov.br/biomas/cerrado>> . Acesso em 23/09/2014.

MENEZES NETO, Antônio Júlio de. **Além da terra: cooperativismo e trabalho na educação do MST**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

PAIS PROIBEM QUE SEUS FILHOS ASSISTAM ÀS AULAS. Disponível em : <www.tvriopreto.com.br/portal/?p=20100> Acesso em 01/08/2014.

PNERA, 2005. Disponível em: <www.lepel.ufba.br/PNERA> Acesso em 25/11/2014 .

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Criações coletivas da juventude no campo político: Um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2006.

SEBRAE-MG. **Arinos: diagnóstico municipal**. Belo Horizonte, abril de 1999.

SOUZA, Diego Neves de. **A influência dos assentamentos rurais na dinamização do Noroeste Mineiro: o que pensa a população urbana?** VIII Congresso Latinoamericano de Sociología Rural, Porto de Galinhas, 2010. Disponível em: www.alasru.org/grupo-de-trabajo-15-brasil. Acesso em 21/01/2015.

SILVA, Rosa Amélia Pereira da. **Nesta água que não para: Leituras de João Guimarães Rosa no Vale do Urucuia**. 2014. Tese (Doutorado) Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Programa de Pós Graduação em Literatura. Brasília, 2014.

TURATTI, Maria Cecília Manzoli. **Os filhos da lona preta: Identidade e cotidiano em acampamentos do MST.** São Paulo: Alameda, 2005.

VALADARES, Napoleão. **História de Arinos.** Brasília: André Quicé, 2013.

ZAGO, Nadir. Processo de escolarização nos meios populares - As contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice et al. (orgs.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares.** Petrópolis, RJ, Vozes, 2001.

ANEXOS

ANEXO I

Questionário para os pais

I- Sobre a vida no assentamento

- 1- Há quanto tempo estão no assentamento? De onde vieram? Como souberam? Foram acampados ou chegaram depois?
- 2- Como se envolveram na luta pela terra?
- 3- Trabalha no campo ou em outra atividade? Qual é a renda da família?
- 4- Que tipo de apoio os assentados tem?
- 5- Como é a relação com os demais assentados?
- 6- Participam de alguma associação ou cooperativa?
- 7- Conhecem pessoas que desistiram de viver no assentamento?

II- Sobre a relação com a educação dos filhos:

- 1- Qual a escolaridade dos pais?
- 2- Como participa/acompanha/incentiva os estudos dos filhos?
- 3 - Os filhos estão bem na escola ? Tem dificuldades? Já foram reprovados? Quais fatores atribuem a reprovação?
- 4- Como é o cotidiano dos filhos?
- 5- Os filhos ajudam os pais no trabalho?
- 6 - Quais as perspectivas futuras de estudos para os filhos? Espera que os filhos continuem trabalhando com o lote depois de saírem da escola?
- 7- Os filhos têm computadores? Qual é o espaço em que eles estudam?

ANEXO II

Questionário para os alunos

I- Sobre a vida no assentamento:

- 1- Moram com os pais?
- 2- Como é viver num assentamento? Qual a percepção sobre a permanência no meio rural?
- 3- Trabalham ou já trabalharam?
- 4- O assentamento tem alguma atividade de lazer para os jovens?
- 5- Conhecem jovens assentados que deixaram a escola?
- 6- Relaciona-se com outros jovens assentados que frequentam o IFNMG? Fazem tarefas, estudam juntos? (Pergunta para alunos do IFNMG)

II - Sobre o cotidiano escolar:

- 1- Em quais escolas estudaram? Já foram reprovados? Como entendem as causa da reprovação?
- 2- Os pais interferem/acompanham os estudos? Como?
- 3- Como é a rotina diária?
- 4- Pretendem continuar estudando depois do ensino médio?
- 5- Achem que a escola é diferente para um assentado?
- 6- O que esperam do futuro? Qual a influência da educação no futuro?
- 7- Qual profissão gostariam de seguir?
- 8- Tem amigos não assentados na escola? Fazem tarefas com eles? Fazem outras atividades com eles?
- 9 - Já se sentiram discriminados na escola por serem assentados? (Para alunos que não estudam na escola do assentamento.)

ANEXO III

Grandes manchas de assentamentos no Brasil



Fonte: Leite et. al., 2004: 353

ANEXO IV Estado de Minas Gerais: Mancha Entorno DF

